

O MOVIMENTO HOMOSSEXUAL





Sua história, suas tramas e ações, seu impacto
na sociedade, seu impacto na Igreja




Editora
Betânia

Júlio Severo

VOCÊ SABIA QUE:

-  O movimento homossexual está crescendo e se espalhando rapidamente no mundo todo?
-  O sistema educacional, político e a sociedade em geral, têm sofrido fortes pressões para apoiarem os grupos *gays*?
-  O movimento homossexual está usando os meios de comunicação para divulgar suas práticas e reivindicar seus direitos?
-  Um dos objetivos do movimento é levar as crianças e adolescentes a aceitarem a idéia de que o homossexualismo é uma opção saudável de vida?



As influências do movimento homossexual estão por toda parte: entram em nossas casas através dos meios de comunicação, nas escolas, no âmbito profissional e até nas igrejas. Ninguém mais pode assumir uma postura isenta e ficar observando de longe para ver aonde chegará a ousadia dos grupos *gays* e lésbicos, na tentativa de disseminar suas idéias e serem aceitos pela sociedade.

Este livro apresenta uma visão geral do movimento homossexual e mostra seu impacto nos vários segmentos da sociedade. Traz também um alerta para que os cristãos e a igreja não se calem, mas ofereçam respostas claras e bíblicas para todas as pessoas que desejam conhecer e fazer a vontade de Deus para o ser humano.

Editora  Betânia

LIVROS QUE FALAM DE DEUS

Caixa Postal 5010 - 31611-970 Venda Nova, MG

2703

Informação importante:

Este e-book é cópia exata do livro original de Julio Severo conforme foi publicado pela Editora Betânia em 1998. A edição impressa, que se encontra totalmente esgotada, teve o contrato rescindido pela Editora Betânia em 2007, no começo do embate sobre o PLC 122/2006. Na época, tanto a editora quanto o autor receberam muitas ameaças de ativistas homossexuais.

Quando foi publicado originalmente em 1998, muitos leitores julgaram os prognósticos do livro exagerados e irreais, inclusive o alerta de que os ativistas homossexuais exigiriam a autoridade de doutrinar as crianças das escolas brasileiras. Diversos leitores acharam isso inimaginável, dizendo que nunca ocorreria no Brasil. Hoje, muitos confirmam que o livro O Movimento Homossexual acertou em cheio nos prognósticos.

Embora o livro esteja desatualizado, o autor disponibiliza gratuitamente informações atualizadas em seu site pessoal: www.juliosevero.com

A presente cópia é totalmente disponibilizada pelo autor, não pela editora, para benefício do público diante da ameaça do avanço da agenda gay no Brasil. É um sacrifício pessoal do autor para abençoar os leitores e honrar o glorioso nome do Senhor Jesus Cristo.

Julio Severo

Servo do Rei Jesus Cristo e exilado pelo movimento gay do Brasil

6 de fevereiro de 2011

O MOVIMENTO HOMOSSEXUAL

Julio Severo

www.juliosevero.com

Publicado com a devida autorização e
com todos os direitos reservados por
Editora Betânia S/C
Caixa Postal 5010
31611-970 Venda Nova, MG.

Revisão: Ângela Mara Leite Drumond

Primeira edição, 1998

É proibida a reprodução total ou parcial
sem permissão escrita dos editores.

Composto e impresso nas oficinas da
Editora Betânia S/C
Rua Padre Pedro Pinto, 2435
Belo Horizonte (Venda Nova), MG.

Capa: Marcelo Pereira da Silva

Printed in Brazil

*A todos os líderes cristãos,
intercessores, ex-homossexuais e evangélicos comuns
que aceitam o desafio de viver como sal e luz,
a fim de que nosso testemunho cristão
faça diferença nesta geração.*

Índice

Introdução	
1. O Movimento Homossexual na Sociedade	
2. A Influência Homossexual no Sistema Educacional	
3. XVII Conferência Internacional da ILGA.....	
4. A Influência Homossexual nas Igrejas Evangélicas.....	
5. O Movimento Homossexual e a Crise da AIDS.....	
6. Os Direitos dos <i>Gays</i>	
7. O Homossexualismo e as Conseqüências Sociais.....	
8. O Movimento Homossexual na Bíblia	
9. O Cristão e a Homossexualização da Sociedade	
10. As Igrejas Cristãs e os Homossexuais	
11. O Cristão e o Bem-Estar Social	
12. Ação Cristã: Educar é Preciso	
13. Ação Cristã: Sarar é Preciso.....	
14. Esperança Para o Homossexual	
Apêndice A	
Apêndice B.....	
Apêndice C	
Apêndice D.....	
Apêndice E.....	
Notas	

Introdução

Casamentos *gays* e lésbicos. Manifestações a favor de direitos dos *gays*. Campanhas pela aceitação social e legal do homossexualismo. De onde vêm essas reivindicações? Que forças estão por trás delas? Aonde essas tendências levarão a sociedade?

Embora não tenhamos a capacidade de predizer o futuro, podemos ao menos analisar os comportamentos atuais e presumir o seu provável impacto na próxima geração. Precisamos tentar entender os sinais dos tempos, olhando para o que ocorre no mundo. Devemos interpretar os acontecimentos à luz da Palavra de Deus. Esse tipo de análise não é profecia, mas se discernirmos cuidadosamente, poderemos ajudar os cristãos a serem mais proféticos em seu testemunho.

Neste livro, examinamos a militância homossexual no mundo e seu impacto na sociedade e nas igrejas evangélicas.

As reivindicações homossexuais estão se tornando comuns. Muito do que está ocorrendo provém da globalização, isto é, a crescente interdependência e intercomunicação mundial, o que está criando uma cultura uniforme para todas as sociedades. Os jovens, principalmente, experimentam essa realidade. Pela primeira vez na História, jovens africanos, europeus, asiáticos e americanos têm um padrão de comportamento comum: *rock*, drogas e sexo.

A existência de grupos homossexuais radicais é um fato recente e até há pouco tempo restrito a uns poucos cantinhos escuros dos países industrializados. Mas, com o advento da globalização cultural, as reivindicações de direitos dos *gays* são agora um fenômeno presente e crescente em quase todas as nações.

Dizemos fenômeno porque, embora o comportamento homossexual seja conhecido desde os tempos mais antigos, é a primeira vez na História que líderes homossexuais estão trabalhando para unir toda a população homossexual. Lutam com o objetivo de tornar nossa sociedade receptiva à sodomia. Nesse esforço, eles estão abrindo canais de comunicação com o homossexual comum que está ocupado demais com seus próprios problemas para lançar-se em campanhas pró-homossexualismo. Estão atraindo-o à sua esfera de influência.

A maioria dos *gays* e das lésbicas não tem tempo nem interesse em promover abertamente suas práticas sexuais, expondo, assim, sua intimidade. No entanto há uma minoria dentro da população homossexual que não se satisfaz apenas em praticar o que quer. Tal grupo é composto de professores universitários, artistas, políticos, empresários e outros indivíduos importantes na alta sociedade brasileira. Eles têm condições de viajar ao exterior, manter contatos e relacionamentos com homossexuais americanos e europeus. Podem, literalmente, importar para o Brasil os produtos ideológicos fabricados pelo movimento homossexual dos países “desenvolvidos”. E o que aprendem lá fora, procuram passar ao homossexual comum. Buscam alcançá-lo através de clubes, boates, saunas e encontros especiais. Têm como objetivo levá-lo a uma conscientização, recrutá-lo e prepará-lo para assumir um papel na militância ativa em favor da aceitação do homossexualismo nas leis, costumes, cultura e religião.

Vejamos um exemplo de importação ideológica. Alguns especialistas brasileiros, conscientemente ou não, estão promovendo uma base estatística homossexual empregada pelos grupos *gays* dos Estados Unidos. Conforme essa base, 10% da população é homossexual. Sendo assim, haveria uns quinze milhões de homossexuais no Brasil. Tal número impressiona qualquer um. É mais do que suficiente para convencer as autoridades, os legisladores e os donos dos meios de comunicação de massa de que as necessidades e os desejos desse segmento social devem ser respeitados e levados em consideração.

É por isso que o homossexualismo não pode mais ser apresentado ao público como um comportamento sexual anormal. Tal censura, em nome da neutralidade moral, de revelar ao público e às crianças nas escolas que essa conduta é errada foi uma vitória importante alcançada pelo movimento homossexual. A idéia é que se 10% dos alunos de uma sala de aula são potencialmente homossexuais, então suas inclinações sexuais têm de ser protegidas contra a verdade. Eles não podem ser instruídos nem motivados a rejeitar a sodomia. Eles nem mesmo têm o direito de saber que o homossexualismo é uma agressão à natureza. E a educação sexual e o psicólogo da escola muitas vezes serão os encarregados de mantê-los no escuro.

Entretanto esse total de 10% não corresponde à verdade. Ele é totalmente falso, conforme escreve a Dr.^a Judith Reisman, em seu livro *Kinsey, Sex & Fraud*. Aliás, sua conhecida pesquisa informa que os homossexuais não passam de 2% da população. Apesar disso, o movimento insiste em promover seus 10% e outras informações incorretas.

Além de trabalhar para manter homens e mulheres presos ao homossexualismo, o movimento também está empenhado em proteger os *gays* e as lésbicas contra o evangelismo cristão. Os ativistas se enfurecem quando alguém se converte a Jesus e abandona o homossexualismo! Eles costumam pregar a tolerância e tentam fazer-nos acreditar que tudo o que o movimento homossexual deseja é uma sociedade aberta, na qual os homossexuais possam conviver em harmonia com outras pessoas. Mas a realidade mostra que eles estão dispostos a ser condescendentes apenas com os que aceitam suas práticas sexuais.

A filosofia de tolerância dos ativistas *gays* exige que, na prática, seja colocada uma coleira nos direitos à liberdade de expressão e reunião daqueles que não aceitam o comportamento homossexual. Os que se mostram contrários às suas práticas passam a ser acusados de discriminadores. Nos Estados Unidos, o movimento homossexual já

alcançou significativos avanços legais e os grupos *gays* brasileiros lutam também para alcançá-los. Naquele país, homens e mulheres de fé e consciência estão sendo sistematicamente visados, simplesmente porque crêem na ordem moral estabelecida por Deus. Muitos já perderam o emprego ou foram disciplinados por não aceitarem as exigências da ideologia homossexual. Maior ainda é o número dos que estão de boca fechada por temerem que suas famílias sofram retaliações.

Mas por que esses americanos se tornaram vítimas de tanta intolerância? Porque se opuseram às tentativas dos militantes *gays* de alterar legalmente a definição de casamento, para que deixe de ser apenas a união de um homem e uma mulher, forçando todos os cidadãos a fingir que é tudo a mesma coisa. Porque se colocaram contra a promoção do homossexualismo às crianças nas escolas e foram contrários a que os homossexuais adotassem crianças.

Ainda não vemos muitos desses acontecimentos no Brasil, porque o movimento homossexual em nosso país está relativamente atrasado em relação ao dos Estados Unidos. Mas tudo o que colhemos de referências americanas poderá ser de grande valor daqui a algum tempo, pois os grupos *gays* brasileiros tentam freneticamente imitar em tudo os daquele país. É por isso também que apresentamos tantos casos reais e bem documentados de homens e mulheres americanos que se tornaram vítimas da opressão do movimento homossexual. Esses casos darão ao leitor uma oportunidade especial de ver aonde as atuais tendências homossexuais querem nos levar, a curto e longo prazo.

A verdade, porém, é que o movimento homossexual está apenas começando seu grande projeto de homossexualização geral. Precisamos, então, conhecer seu sentido e impacto na sociedade e nas igrejas. Este livro, pois, propõe-se a dar uma visão clara desse fenômeno que, direta ou indiretamente, está afetando as estruturas sociais de hoje e, com certeza, desafiará diretamente os crentes de amanhã. Mas nossa resposta cristã à nova ordem que emerge dependerá da seriedade com a qual os evangélicos venham a compreender e considerar os pontos que apresentaremos.

Enquanto os líderes cristãos dormem em seu posto de vigia, o inimigo sente-se livre para agir. Por isso, as sociedades sueca, norueguesa e dinamarquesa, cuja maioria absoluta da população é evangélica, têm a legislação mais favorável ao homossexualismo no mundo. Eles tornaram-se como Ló e acomodaram-se às novas condutas. Preferiram aceitar os homossexuais sem rejeitar o homossexualismo. E o movimento soube tirar proveito disso. Como o Senhor disse: “O meu povo está sendo destruído, porque lhe falta o conhecimento...” (Os 4.6.)

Contudo nós, brasileiros, precisamos nos despertar, de modo que esse movimento não tire vantagem da nossa falta de informação e inércia social. Se não alcançarmos os homossexuais comuns com o amor de Jesus agora, mais cedo ou mais tarde, os militantes irão recrutar-los. Nós somos sal e luz e devemos influenciar a sociedade e ajudar a preservar seus valores éticos e morais (conforme Mateus 5.13-16). Caso contrário, a liderança homossexual introduzirá seus próprios padrões em todas as esferas sociais.

Nesse sentido, esta é uma indispensável obra de referência para líderes cristãos, legisladores, políticos, juizes, professores, advogados, educadores e para todos os que se preocupam com o bem-estar social. Embora não seja fácil tratar claramente de certas práticas imorais do movimento, a orientação que Deus dá em Efésios 5.11-13 é bem

específica:

“... tragam tudo isso para a luz. Pois é vergonhoso até falar sobre o que eles fazem em segredo. E, quando tudo é trazido diante da luz, então se descobre a sua verdadeira natureza.” (BLH.)

Não é prudente agir precipitadamente, sem ter o devido conhecimento (Pv 19.2). Portanto este livro faz uma análise das atuais tendências homossexuais na sociedade. Remove, também, sob a luz da Palavra de Deus, toda a escuridão que as encobre, de modo que possamos conhecer a verdadeira natureza dos esforços desse movimento.

Com esse conhecimento, teremos condições de agir, permitindo que o Espírito Santo nos encha e dirija. Poderemos deixar que o Senhor Jesus Cristo brilhe desimpedidamente através de todas as oportunidades de testemunho cristão que tivermos.

Os dias em que vivemos são maus, e a sociedade brasileira corre o risco de sofrer o mesmo dano moral que a aceitação do homossexualismo causou em Sodoma e Gomorra. Que o alerta deste livro estimule cada um a procurar entender o que o Senhor quer que façamos pelo bem-estar social. Procuremos abrir espaço em nossa igreja para pessoas e ministérios com visão profética direcionada a responder aos diversos desafios do movimento homossexual. Devemos impedir que a história de Sodoma e Gomorra venha a se repetir no Brasil.

Não deixemos, pois, a letargia de Ló enfraquecer nosso testemunho cristão em momento tão premente.

O Movimento Homossexual na Sociedade

“Após quatro anos de namoro, Aduino Belarmino Alves, 29, e Cláudio Nascimento Silva, 23, formalizam hoje sua relação de casal sob as bênçãos de um ex-seminarista da Igreja Católica. Nem mesmo a AIDS se transformou numa barreira para a festa de ‘casamento’ dos dois, que se dizem apaixonados. Alves tem o vírus da AIDS e afirma que só pensa na vida. ‘Eu não vou pensar em morrer. Ainda tenho muitas coisas para fazer’, afirma. Sob juras de intenso amor, os dois prometem continuar a ter uma vida sexual ativa e segura... Os dois são militantes de grupos que lutam pelos direitos dos homossexuais... A cerimônia será baseada num casamento de homossexuais que Alves assistiu há um ano na Suécia, celebrado pela Igreja Luterana...”¹

A cerimônia de união entre Aduino e Cláudio, ainda que sem caráter legal, é apenas uma pequena amostra da pressão que os ativistas *gays* estão dispostos a exercer na sociedade. Eles querem atrair a atenção do público para suas reivindicações. Precisam ganhar terreno na busca da aprovação social para o seu estilo de vida.

Embora as leis brasileiras jamais tenham reconhecido o casamento civil entre indivíduos do mesmo sexo, alguns querem mudar isso. Um candidato à presidência da república em 1994 declarou o seguinte:

“Há milhões de homossexuais no Brasil. O que queremos é que essas pessoas tenham o direito de... ter a vida que quiserem.”²

E esse candidato não é o único a pensar dessa maneira. Certos programas de TV, como novelas e filmes, que apresentam relações amorosas de homem com homem, são produzidos com o propósito de mostrar que o homossexual é um indivíduo normal. Conseqüentemente, levam o telespectador a encarar o que eles praticam como se fosse natural. Como resultado desse sutil esforço da mídia, algumas pessoas estão

experimentando uma crescente liberdade para assumir os impulsos e as práticas homossexuais. (Veja o apêndice C.)

No entanto para alguns isso ainda é pouco. Eles crêem que são necessárias medidas enérgicas para que a sociedade aceite o homossexualismo como prática normal. Antes de ser eleita deputada federal em 1994, Marta Suplicy sugeriu algumas medidas, tais como: boicote a produtos e programas que desrespeitem o homossexual, assim como reclamação aos órgãos da imprensa e ações jurídicas, quando devidas; e educação sexual, para que as crianças e os adolescentes aprendam acerca da homossexualidade.

No empenho de conseguir a aceitação popular para essas e outras medidas, os militantes *gays* lutam pela legalização da união civil entre indivíduos do mesmo sexo. O matrimônio possui uma aura natural de respeitabilidade. Com uma fachada de casamento, poderiam fazer com que a sociedade aprendesse a tratar os praticantes do homossexualismo sem discriminação. Foi com essa aparência conservadora, e com o apoio de parlamentares do PT e do PV, que as reivindicações dos homossexuais começaram a receber atenção especial no Congresso Nacional em 1995.

Não só no Brasil, mas também nos Estados Unidos e na Europa, estão sendo realizadas campanhas para legalizar esse tipo de casamento. Essas ações receberam impulso depois de ser institucionalizado o registro civil desses “casais” na Dinamarca, em 1989. Segundo a lei dinamarquesa, os casais homossexuais adquirem os mesmos direitos dos heterossexuais ao contrair matrimônio.³ A Suécia e a Noruega, países escandinavos com forte tradição evangélica, também adotaram uma legislação pró-homossexual.

Entretanto uma das mais importantes conquistas desse movimento para se estabelecer em todas as sociedades foi sua introdução na Organização das Nações Unidas. Em 1993, o Conselho Econômico e Social da ONU decidiu aceitar como membro a Associação Internacional de *Gays* e *Lésbicas* (mais conhecida pela sigla inglesa ILGA). Micha Ramakers, que coordena as atividades da ILGA, disse:

“Atualmente temos livre acesso aos órgãos da ONU, enquanto antes permanecíamos sempre de fora, batendo à porta. Agora nos achamos dentro do sistema.”⁴

Com a infiltração homossexual na ONU, a definição de palavras como “sexo” e “família” tem se tornado questão de controvérsia na elaboração dos mais recentes documentos dessa organização.⁵

Para Jean Guilfoyle, diretora do Instituto de Pesquisa de População, de Baltimore, EUA, a ONU está sendo influenciada a dar outra significação aos conceitos de família e casamento. Com essa alteração de sentido, tais termos deixam de ser entendidos apenas tradicionalmente, como homem, mulher e filhos. Eles passam a ser aplicados também quanto à diversidade, às preferências individuais e às condições sociais de hoje.⁶

Já o Dr. James Dobson, conhecido defensor dos direitos familiares, acha que a campanha para modificar a definição de família “é motivada pelos ativistas *gays* e outros que vêem essa instituição como uma barreira para as transformações sociais que eles desejam implantar”.⁷

A presença da ILGA no mais importante organismo mundial vem confirmar que a questão do reconhecimento legal do casamento homossexual poderá se espalhar por todas as nações. Isso traria conseqüências catastróficas para as sociedades que têm leis de proteção contra a sodomia.* A ONU vem há anos procurando estabelecer uma legislação internacional uniforme para muitas questões humanas.

Uma possível abertura mundial nesse sentido colocaria nas mãos dos militantes homossexuais as armas políticas e legais necessárias para atacar toda e qualquer barreira à sodomia. Nos Estados Unidos, por exemplo, o matrimônio homossexual foi legalizado em certas regiões com os mesmos direitos que o homem e a mulher casados desfrutam. Depois que isso aconteceu, um “casal” de lésbicas conseguiu adotar legalmente uma criança de cinco anos.⁸ O que se percebe claramente, então, é que o reconhecimento legal e social do casamento homossexual tem sido a principal porta para a conquista de diversos direitos especiais para esse movimento.

O moderno ativismo a favor de direitos *gays* teve origem na revolução sexual dos anos 60, nos Estados Unidos. Desde então, com os tabus abolidos, as leis que proibiam a sodomia foram sendo quebradas.

Toda essa mudança de comportamento, somada aos avanços tecnológicos na área da contracepção e do aborto, criou uma nova ordem social, a qual exalta o prazer sexual e o separa da transmissão da vida. Essa nova maneira de ver a sexualidade humana era tudo o que o movimento homossexual precisava para se lançar contra as leis anti-sodomia. Na sodomia, o alvo supremo é sempre a busca de prazer através do sexo.

De fato, a revolução sexual foi um grande impulso para a atual liberação do comportamento dos homens e das mulheres, tornando aceitáveis práticas sexuais que antes não eram permitidas. Com isso os *gays* mais obstinados estão encontrando grandes oportunidades para lutar abertamente para que seus interesses, desejos e práticas sejam socialmente reconhecidos como direitos. Os grupos homossexuais, aliás, estão sabendo tirar proveito dessa liberação. Seus líderes estão adotando estratégias para levar os cidadãos comuns, autoridades, instituições e igrejas a colaborar, inconscientemente, com a revolução social que o movimento *gay* pretende realizar. Uma dessas estratégias recomenda:

“A primeira meta dessa luta é dessensibilizar o público... em relação aos *gays* e aos seus direitos. Dessensibilizar o público é ajudá-lo a ver o homossexualismo com naturalidade... se conseguirmos fazer com que pensem que essa prática é normal, sem motivo para preocupação, então nossa luta por direitos sociais e legais estará virtualmente ganha”.⁹

Esse tipo de campanha, envolvendo uma sutil lavagem cerebral (principalmente através dos meios de comunicação), parece estar alcançando o seu objetivo. A sociedade em geral não tem se sensibilizado muito com o que andam promovendo os homossexuais. Consideremos a agitação que ocorreu em torno de alguns trabalhos do artista Robert Mapplethorpe, que morreu de AIDS em 1988. A exibição de suas fotos numa galeria americana provocou muita controvérsia. Uma delas mostrava um homem urinando na boca do seu amante. Estava exposto um auto-retrato do artista sem calça. Em outra, via-se um homem nu, de cabeça para baixo, enquanto um segundo lhe acariciava os órgãos genitais. Havia também fotos de crianças em que a câmara fotográfica fora cuidadosamente focalizada em seus órgãos sexuais.

As tentativas de remover essas fotos imorais não obtiveram êxito, pois os grupos homossexuais se mobilizaram em defesa da “arte homoerótica”, e as redes de televisão só exibiram no noticiário as fotografias menos ofensivas. Tiveram o cuidado de não apresentar ao público as fotos explícitas que haviam provocado tanta indignação. Os

especialistas em arte acabaram determinando que a obra sadomasoquista de Mapplethorpe não era obscena.¹⁰

Enquanto a maioria das pessoas demonstra indiferença e prefere não se envolver, o movimento homossexual avança sob refinada máscara social. A Fundação Edward Brongersma, por exemplo, foi estabelecida na Holanda “para estimular as pesquisas científicas sobre o desenvolvimento da vida sexual das crianças... dando ênfase especial ao fenômeno dos relacionamentos eróticos e sexuais entre adultos e crianças”.¹¹

O Dr. Edward Brongersma é um conhecido advogado holandês. Em 1950 ele foi preso e condenado por ter relações sexuais com um menor. Depois de passar um curto período na prisão, foi reeleito para o parlamento e em 1975 foi condecorado pela rainha da Holanda. Além disso, ele é autor do livro *Amando Meninos: Um Estudo Multidisciplinar das Relações Sexuais Entre Homens e Meninos...*¹²

Graças aos esforços de Brongersma e outros ativistas *gays*, em 1992 o Parlamento da Holanda aprovou uma lei que torna legal o relacionamento hetero e homossexual com crianças a partir de doze anos.

Diversas tentativas de arrancar das crianças a proteção legal contra o abuso sexual estão surgindo também em outras partes do mundo. Nos Estados Unidos, a Associação Americana de Amor Entre Homens e Meninos (mais conhecida pela sigla inglesa NAMBLA) atua sob a bandeira de luta pelos direitos dos menores. Essa associação adotou o documento “Resolução Sobre a Liberação das Crianças e dos Jovens”, o qual defende que “as crianças devem ter o direito irrestrito de manter relações sexuais com indivíduos de qualquer idade, do mesmo sexo ou do sexo oposto...”¹³ A NAMBLA possui aproximadamente vinte mil membros, muitos dos quais são pederastas e têm passagem pela polícia por crimes sexuais contra menores.

Enquanto não conseguem tirar da ilegalidade suas preferências e práticas sexuais, muitos *gays* mantêm o comportamento inalterado. Continuam se entregando ao sexo anal e oral. Mas não é apenas isso. Há também o lado obscuro e compulsivo dessa “inclinação sexual”, que traz conseqüências devastadoras para as vítimas inocentes. Em 1988, por exemplo, o diretor do Fundo das Nações Unidas Para a Infância, na Bélgica, foi preso por crime de sedução e prostituição de crianças e de pornografia infantil. Um grupo *gay* holandês, porém, protestou, afirmando que esse indivíduo homossexual fora vítima do sensacionalismo da imprensa. Nos Estados Unidos, a publicação *Espartacus: Guia Turístico Para Homens Gays*, à venda nas livrarias, fornece endereços em dezenas de países onde o turista *gay* pode ter acesso sexual a meninos sem se preocupar com as leis da nação selecionada.¹⁴

Essas e outras “liberdades” que os homossexuais estão obtendo hoje são fruto, direta ou indiretamente, da revolução sexual. Até 1960 não era assim. Durante séculos, o homossexualismo foi considerado um comportamento anormal. A classe psiquiátrica o tratava como disfunção ou desordem mental. Qualquer prognóstico sobre a concessão de direitos civis especiais às pessoas com base na sua “orientação sexual” seria tachado de absurdo.

Atualmente há poucos movimentos políticos e sociais tão agressivos, poderosos e bem-sucedidos quanto o dos defensores dos direitos *gays*. O homossexualismo já não é considerado disfunção, mas uma “orientação” ou “preferência sexual”. Quem se opuser a ele ou condená-lo do ponto de vista moral, estará arriscando-se a ser tachado de

“homóforo” – indivíduo portador de “doença” descrita como nojo ou medo do homossexualismo.¹⁵

SUPLEMENTO ESPECIAL

AS VÍTIMAS DO MOVIMENTO HOMOSSEXUAL

Obrigado a assistir a aulas sobre “diversidade”

Ernie Kubr já trabalhava durante treze anos no escritório da AT&T em Omaha, Nebraska (EUA), quando a empresa promoveu um seminário obrigatório sobre “diversidade” para estimular a aceitação do homossexualismo. O Sr. Kubr se opôs ao conteúdo do seminário alegando que a aceitação daquela conduta era incompatível com suas convicções religiosas. Como consequência, o diretor de diversidade interrogou-o em três ocasiões (num total de cinco horas) para persuadi-lo a se submeter.

Como o Sr. Kubr insistia na recusa em assistir ao seminário, a empresa ameaçou despedi-lo. Ele conta que o intimidaram dizendo:

“Se você não for assistir ao seminário, estará optando por não trabalhar para nós.”

O Sr. Kubr foi ameaçado de ser suspenso por tempo indeterminado. Nessa condição, ele ficaria sem direito a pagamento algum.

Mesmo relutante, o Sr. Kubr acabou assistindo ao seminário.

Especialista sob acusação

O Dr. John Jeffrey é um psicólogo cristão que trabalha nas cidades de Dallas e Fort Worth, Texas. Numa disputa pela guarda de uma criança, ele deu um parecer favorável à mãe. Ele alegou que, a longo prazo, isso seria o melhor para a criança. A mãe, heterossexual, havia se casado novamente. O pai, homossexual, tinha um amante. O júri deu a custódia à mãe.

O pai da criança e vários ativistas homossexuais entraram com trinta e seis processos no Conselho Regional de Psicologia numa tentativa de cassar a licença do Dr. Jeffrey. Numa violação direta do devido processo, o conselho solicitou que sua ficha fosse examinada, mas recusou-se a informá-lo das acusações. O conselho também contratou um especialista em psicologia, famoso por sua simpatia para com o homossexualismo, para auxiliar no processo contra o Dr. Jeffrey.

Quando o Instituto Rutherford (entidade evangélica que defende os cristãos contra opressões legais) concordou em representar o Dr. Jeffrey, o Conselho Regional de Psicologia retirou todas as acusações. Contudo, no período das investigações, a reputação do Dr. Jeffrey foi atacada e ele chegou a ser suspenso de alguns hospitais em que trabalhava.

As acusações específicas contra o Dr. Jeffrey jamais foram reveladas.

O golpe do travesti

Em 1993, uma empresa de *software*, situada na Califórnia, contratou uma empregada temporária. Quando o tempo acertado estava no fim, ela pediu um emprego fixo. O

empregador não pôde atender à sua solicitação. Ela processou a firma, alegando discriminação contra sua “orientação sexual”, com base na lei de direitos homossexuais da Califórnia. Só depois disso é que o empregador foi informado de que sua empregada temporária era na verdade um homem que se vestia de mulher.

A empresa foi obrigada a pagar mais de um milhão de dólares ao travesti. Como consequência direta desse dispendioso processo legal, no qual a firma teve de pagar tal indenização ao ex-funcionário, imediatamente oito empregados tiveram de ser despedidos. Mais tarde, o número de pessoas que perderam o emprego elevou-se para vinte, e a empresa ainda não conseguiu recuperar-se financeiramente.

Vale tudo para os homossexuais

Em 1991, a Shell foi multada em mais de cinco milhões de dólares por haver demitido um executivo, Jeffrey Collins. Ele havia utilizado equipamentos de uma firma subsidiária, a *Triton Biosciences*. Ele usou-os para produzir e copiar um panfleto de propaganda de uma festa de sexo seguro para homens homossexuais. A juíza Jacqueline Taber, do Tribunal Superior, deu o seguinte parecer final: a empresa da Califórnia violara uma norma que dispunha que os empregados só seriam julgados pelo trabalho desenvolvido, nunca pelas atividades sem relação com o trabalho.

Tal decisão significa, efetivamente, que os empregadores da Califórnia são obrigados a ignorar até mesmo as mais chocantes e escandalosas atividades dos empregados, mesmo quando estes usam equipamentos de propriedade da companhia para promovê-las.

Ao decidir contra a Shell, a juíza estabeleceu como regra que as firmas particulares não podem proibir os empregados de usar propriedade da empresa para promover comportamentos imorais.

Os casos apresentados neste suplemento foram traduzidos e adaptados do documento *The Other Side of Tolerance: Victims of Homosexual Activism* (O outro lado da tolerância: vítimas do ativismo homossexual), preparado pelo *Family Research Council* de Washington, D.C.

A Influência

Homossexual no

Sistema Educacional

A crescente aceitação de diversos tipos de comportamento sexual em nossa época é vista, principalmente nos meios acadêmicos, como progresso sociológico. As obras de escritores importantes começam a fazer menção do estilo de vida das feministas e dos *gays*, enfocando-o como comportamento humano normal. E algumas instituições nacionais insistem em que a educação, para ser imparcial e justa, deve tratar todos os segmentos da sociedade sem sexismo.

O fato é que a sociedade caminha para um nível mais elevado de tolerância para com as diversas formas de conduta sexual existentes hoje. Com isso, a elite da comunicação social encontra maior facilidade para introduzir o tema homossexual nos meios educativos e informadores acessíveis ao público. Mas a maioria não percebe que em parte essa tendência é o resultado de uma campanha deliberada e ativa para que percamos a aversão a esse comportamento. Aliás, um dos principais canais para levar adiante a transformação social pretendida pelas lideranças feministas e *gays* parece ser o próprio sistema educacional público. É que a educação pública tem o poder de influenciar e mudar consideravelmente o modo de pensar da grande população estudantil, que está sob a sua responsabilidade. No meio desses alunos estão muitos dos futuros ocupantes de cargos públicos.

O artigo que se segue, extraído do jornal americano *San Francisco Chronicle*, de 18 de julho de 1990, ilustra bem a importância que o movimento homossexual dá às escolas:

Campanha Para Levantar Questões Gays nos Livros das Escolas Estaduais

“As lideranças *gays* e lésbicas iniciaram uma campanha para que se incluam os assuntos de interesse dos homossexuais nos livros didáticos usados nas escolas da Califórnia.

“Queremos que as contribuições dos *gays* e das lésbicas sejam debatidas tão abertamente quanto as de qualquer outro segmento da população’, declarou Rob Birle, 33, professor em Antioch e membro da Rede de Educadores *Gays* e Educadoras Lésbicas da área de Bay.

“Birle disse que os líderes *gays* querem que os livros didáticos incluam informações sobre a orientação sexual de pessoas famosas da História e sobre o moderno movimento *gay*.”¹

Birle concluiu seu comentário, afirmando:

“Estamos nos preparando para uma longa luta.”²

A incursão do movimento homossexual na rede de educação pública nos EUA é evidente em muitas escolas. Foram introduzidos cursos de educação sexual desde o pré-escolar e jardim-de-infância. Tal educação apresenta o homossexualismo como mais uma opção, um estilo de vida ou uma preferência sexual. A própria Associação Nacional de Educação premiou a professora lésbica Virginia Uribe por sua “liderança criativa em prol dos direitos humanos” dos homossexuais. Nesses cursos e nas bibliotecas das escolas, são utilizados livros que promovem o homossexualismo e o lesbianismo, como *Heather Has Two Mommies* (Heather tem duas mães) e *Daddy’s Roommate* (O colega de quarto do papai). Muitas vezes os pais nem sequer têm conhecimento do tipo de aprendizagem a que seus filhos estão sendo submetidos.³

Na Inglaterra, a Associação de Planejamento Familiar recomendou o livro *Make It Happy* (Transa legal), de Jane Cousins, para auxiliar nas aulas de educação sexual nas escolas. Sobre o homossexualismo, esse livro ensina que:

“... O modo como gozamos o sexo deve ser um assunto de preferência individual. Não há motivo para crer que, caso fôssemos parar numa ilha deserta apenas com uma pessoa do mesmo sexo, não acharíamos fácil e natural manter um relacionamento sexual com ela. Muitas pessoas, se deixadas a seus próprios instintos, descobririam que são bissexuais e poderiam gozar relacionamentos com mulheres e homens.

“Sexualmente, os *gays* têm os mesmos tipos de relacionamentos que os heterossexuais. Eles podem ter relações sexuais por prazer, por curiosidade, por amizade ou por amor. Eles dão e recebem prazer e satisfação beijando, deitando-se, tocando e estimulando os órgãos sexuais um do outro com as mãos e com a boca, exatamente como as pessoas que não são *gays*. Alguns, mas não todos, homossexuais masculinos, têm relação anal (que significa colocar o pênis dentro do ânus) tal qual fazem alguns casais heterossexuais. Para os homossexuais, a relação sexual é tão natural como é para as outras pessoas. Cabe a eles decidir o que fazem e como dão e recebem prazer... O homossexualismo não é uma doença – é uma simples questão de instinto sexual dirigido ao mesmo sexo.”⁴

Ainda na Inglaterra, em 1985, o boletim do Grupo de Professores *Gays* manifestava claramente a intenção do movimento homossexual com relação aos livros escolares:

“No currículo escolar, queremos desenvolver recursos e idéias para melhorar a discussão e o ensino sobre relacionamentos pessoais e homossexualidade. Onde for apropriado, incluiremos referências ao homossexualismo.”⁵

No mesmo ano, o distrito de Newham, a leste de Londres, instruiu a União Nacional de Professores a realizar campanhas a nível local e nacional a favor da

“... promoção de atitudes construtivas e positivas para com o homossexualismo no currículo escolar e o desenvolvimento de material educativo para combater o sexismo.”⁶

Nos países desenvolvidos, a cultura homossexual está ganhando espaço em escolas e até recebendo apoio financeiro dos seus governos. Na América Latina, a situação tende a uma servil imitação. O sistema educacional latino-americano vem sofrendo a ação sutil

de organizações estrangeiras que estão trazendo para o nosso meio os seus conceitos sexuais, com o pretexto de colaborar na área de educação e saúde.

Uma dessas organizações é o Centro Internacional de Fecundidade do Adolescente (agora *Advocates for Youth*), que prepara educadores em questões como contracepção, aborto, etc. Seu boletim de outubro de 1993 tem o título “Como Orientar os Adolescentes”. Faremos uma breve citação a respeito dessa matéria:

Eliminação de Estereótipos

“Se não eliminarmos os mitos e os estereótipos populares ligados aos *gays* e às lésbicas, não conseguiremos entender o que realmente é o homossexualismo. Lembre-se de que, para muitos, o homossexualismo não consiste apenas em atos isolados de contato físico, mas que também é um modo de vida. Introduza lições sobre homossexuais famosos, como Leonardo da Vinci, Tchaikovsky ou Martina Navratilova... Se for possível, convide um *gay* ou uma lésbica para dar uma palestra aos jovens...”⁷

No Brasil, o Centro Internacional de Fecundidade do Adolescente ajuda a publicar o periódico *Transa Legal*, destinado a professores e estudantes. Trabalha também com várias entidades educacionais para disseminar a educação sexual e o planejamento familiar entre os adolescentes, principalmente através das escolas. Editaram um manual para educadores brasileiros, *Adolescência: Época de Planejar a Vida*, juntamente com a BEMFAM (que, por sua vez, é filiada à maior organização promotora de planejamento familiar e aborto legalizado no mundo). Esse manual traz um capítulo inteiro cujo objetivo principal é “ajudar os jovens a se tornarem mais conscientes sobre os estereótipos, e a assumirem papéis sexuais não tradicionais...”⁸ Além disso, o professor é instruído a modificar os conhecimentos “tradicionais” dos seus alunos:

“Se queremos que os jovens superem as atitudes estereotipadas sobre seus papéis como homens e mulheres, devemos ajudá-los a perceber que os padrões tradicionais estão mudando...”⁹

A preocupação com os papéis sexuais é a característica mais significativa desse tipo de educação. Trata-se de uma educação que rompe com as funções naturais do homem e da mulher em favor da liberação individual. Os alunos são instruídos a questionar os fatos normais da sexualidade masculina e feminina. Obviamente esse debate tem como finalidade incliná-los a aceitar as novas e diferentes formas de conduta sexual dentro da sociedade, tais como o feminismo e o homossexualismo, sem discriminação.

Outro importante livro usado por professores brasileiros é *Educação Sexual nas Escolas*, publicado pelas Edições Paulinas, o qual declara:

“Muitos homossexuais relatam que se definiram sexualmente a viver experiências heterossexuais pressionados pela família, igreja e sociedade em geral.

“A intensidade de sentimentos, emoções e atrações que as pessoas sentem, umas pelas outras, podem ser fatores determinantes da parceria sexual de uma pessoa, desde que ela se sinta livre de preconceitos, medo e culpa.”¹⁰

Contudo, ao fazer com que o aluno perca a aversão ao homossexualismo, a educação familiar ou educação para a saúde (como às vezes é chamada a educação sexual nas

escolas) acaba direta ou indiretamente contribuindo para a causa dos *gays*. Conforme escreve Enrique Rueda em seu livro *The Homosexual Network*, a meta suprema do movimento homossexual é que a sociedade *aceite os atos homossexuais como uma variação normal da conduta humana, e o homossexualismo como um estilo de vida alternativo.*¹¹

O periódico *Transa Legal* de setembro/outubro de 1995 trouxe uma matéria sobre doenças sexualmente transmissíveis. Tocou no assunto do homossexualismo e afirmou que a solidariedade é necessária. Apoiando-se astutamente na psicologia, *Transa Legal* procura convencer as pessoas, principalmente vulneráveis estudantes, de que o homossexualismo não é doença nem perversão:

“De acordo com o psiquiatra Ronaldo Pamplona, ‘os homens homossexuais são aqueles que têm como objeto de amor e desejo um outro homem. Essa é a única diferença em relação aos demais homens’... Muitas pesquisas vêm sendo desenvolvidas, mas o que sabemos, por enquanto, é que desde a antigüidade existem relatos sobre homens e mulheres com orientação homossexual. As causas, tantas vezes apontadas como justificativas à orientação homossexual, como repressão dos pais, mãe autoritária e pai passivo, famílias desestruturadas, más influências, não têm encontrado eco nos estudos realmente científicos... O psiquiatra acredita que a ‘sociedade humana, apesar de seu desenvolvimento tecnológico, científico e cultural, ainda não aprendeu a lidar com diferenças e diferentes’. E é essa dificuldade que dá margem ao preconceito e à discriminação em relação aos homossexuais...”

Em outra publicação escolar sobre a transmissão da AIDS e de outras doenças sexuais, os estudantes recebem a seguinte instrução:

“Nossa orientação sexual – por quem nos sentimos atraídos – não é decisão nossa. Para muitos jovens, explorar a própria sexualidade com alguém do mesmo sexo é uma etapa natural de seu crescimento. Esses sentimentos normais perduram por toda a sua vida, até mesmo na maturidade. Se você sente insegurança com relação à sua orientação sexual, não deixe de falar com um adulto de confiança e/ou organizações *gays* ou lésbicas em sua cidade. Muitos acham que algumas atividades sexuais são apenas para pessoas heterossexuais, ou que outras são só para *gays* e lésbicas. A verdade é que todas as pessoas, independentemente de sua orientação, podem fazer todas as coisas. A diferença é que os *gays* e as lésbicas praticam essas atividades com parceiros do mesmo sexo que eles... Todas as três orientações sexuais são inerentes aos seres humanos.”¹²

Além disso, a crise da AIDS está dando a muitos professores quase que carta branca para praticar tiro ao alvo com o senso de recato e pudor dos estudantes. Esses alunos encontram-se emocionalmente despreparados e psicologicamente indefesos para reagir à manipulação educacional de adultos ardilosos e desprovidos de qualquer princípio moral.

“Numa sala de aula, as crianças sentam-se e observam, com um misto de vergonha e fascínio, a professora desembulhando uma camisinha. Faz parte de sua demonstração de como praticar sexo seguro. ‘Agora repitam o que eu fiz’, diz, sorridente, a professora. Os meninos abrem os pacotes de camisinha que lhes foram dados pela escola. ‘Isso mesmo’, diz a professora, ainda sorridente, com voz baixa e suave, ‘verifiquem se há algum furo e

passem para as meninas. Agora estiquem o dedo, como se fosse um pênis ereto. Digam às colegas que vistam devagarinho a camisinha no dedo de vocês'. Alguns meninos e meninas, ainda exibindo vestígios de recato, sentem-se claramente envergonhados. Eles hesitam. A professora, percebendo sua relutância, assume o controle. 'Mesmo que você não se sinta bem com tudo isso, é uma lição de vida que precisa aprender...' Demonstrações semelhantes repetem-se em todos os Estados Unidos sob a bandeira dos programas de prevenção e conscientização da AIDS."¹³

Em outra escola, onde esse mesmo tipo de ensino prático foi realizado, as meninas começaram a chorar, uma saiu correndo da sala, atirando longe a camisinha, e outra desmaiou. Uma das alunas contou mais tarde que se sentiu como se tivesse sido estuprada pela professora. Ela usou sua autoridade para tirar proveito da vulnerabilidade psicológica de simples crianças e quebrar suas inibições sexuais. "Nunca me senti tão humilhada em toda a minha vida", contou a estudante.¹⁴

As aulas de prevenção à AIDS e outras doenças sexuais podem não estar sendo eficazes no combate a essas enfermidades. Mas elas estão combatendo eficazmente as inibições das crianças e adolescentes para com as práticas sexuais anormais e extraconjugais. Estão ajudando também a promover o homossexualismo, mostrando-o como algo natural para estudantes que, devido a diversos fatores, acham-se inseguros em relação à própria sexualidade. Isso tudo, é claro, contribui para tornar esses vulneráveis alunos presas do recrutamento de grupos homossexuais, facilitando assim a expansão do movimento.

Já em 1972, os grupos homossexuais exigiam:

"Incentivo e apoio federal aos cursos de educação sexual, preparados e ensinados por gays e lésbicas, apresentando o homossexualismo como uma preferência válida e saudável e o estilo de vida homossexual como uma alternativa viável à heterossexualidade."¹⁵

O professor *gay* Rob Birle estava certo: o movimento homossexual está se preparando para uma longa guerra. Que terreno poderia ser melhor do que as escolas para plantar suas sementes de transformação social?

Comentando a declaração de Birle, o Dr. James Dobson afirmou:

"Fico imaginando se os conservadores também estão se preparando para lutar. E me indago se um considerável número de pais e mães se importa o suficiente para se opor a essa proposição. Do contrário, seus filhos e filhas logo terão aulas de Estudos Sociais da quarta, sexta ou oitava série, onde estudarão a respeito das maravilhosas façanhas de seus ancestrais homossexuais. Infelizmente muitas pessoas que adotam idéias conservadoras parecem não saber que há uma guerra sendo travada – um conflito que terá profundas implicações para as gerações futuras..."¹⁶

SUPLEMENTO ESPECIAL

AS VÍTIMAS DO MOVIMENTO HOMOSSEXUAL

Crianças em perigo na sala de aula

Em 1996, um professor de música de uma escola de Omaha, Texas, anunciou à sua classe que era homossexual e apresentou seu amante às crianças, o qual era freqüentemente visto na escola. Nickie Tohill, mãe de um dos alunos, juntamente com três outros pais, contactou a direção da escola e se queixou. Mas em vez de conseguirem proteção para seus filhos, eles foram atacados pela Associação de Professores do Estado do Texas, um sindicato de educadores pró-homossexualismo. O sindicato ameaçou processar os pais por difamação.

Depois que os pais prestaram queixa, o professor homossexual perseguiu e ridicularizou sistematicamente os filhos deles na classe. Zombou de uma menina e levantou o punho para os pais no estacionamento da escola.

Contudo, através das ações legais do Instituto Rutherford, aquele professor acabou sendo proibido de se aproximar das crianças e a Associação de Professores do Estado do Texas desistiu da ameaça de processar os pais por difamação.

Professora ameaçada

No início de 1996, Marianne Moody Jennings, professora de Estudos Éticos e Legais da Universidade Estadual do Arizona, escreveu um artigo especial no jornal *Arizona Republic* opondo-se ao casamento de pessoas do mesmo sexo.

Quando o artigo foi publicado, um dos pneus do seu carro foi deliberadamente furado. Ela relata ter recebido inúmeras ameaças e cartas com mensagens de ódio. A maioria das cartas acusava-a de intolerante e questionava seus valores cristãos. Um ativista homossexual escreveu-lhe (usando a palavra “homófoba” dezenove vezes numa só página!):

“Graças a Deus, a Constituição me protege de pessoas do seu tipo. Você tem de ser despedida e proibida de escrever artigos.”

Numa coluna subsequente, a professora Jennings resumiu o impacto do ativismo *gay* sobre ela e sua família:

“Hoje à noite, mais uma das muitas noites sem dormir que tenho passado desde a publicação do artigo, quando fui dar uma olhada em meus filhos na cama, chorei... Minhas lágrimas foram as de uma mãe temerosa por seus filhos. Se já chegamos ao ponto de sermos ameaçados por questionar certas coisas, como será o mundo dessas crianças? Que tipo de zombaria e castigo terão de sofrer devido aos valores que adotam?”

Gays tentam remover redator universitário

Len Munsil é presidente do Centro de Política do Arizona. Num artigo especial publicado no jornal *Arizona Republic*, de 25 de agosto de 1996, ele descreve as táticas que os ativistas *gays* usam contra seus oponentes. Ele dá inclusive o seu próprio testemunho como pessoa perseguida pelo movimento.

“Alguns acontecimentos vêm provar novamente a intolerância e a hipocrisia do movimento homossexual e mostram que sua meta não é ganhar a aprovação e o apoio de toda a sociedade... Em vez de serem civilizados e corteses, os líderes *gays* radicais preferem sempre empregar ameaças, intimidações e extorsões, a fim de desviar nossa atenção da falta de sentido de seus argumentos.

“Em 1985, como redator do jornal da Universidade Estadual do Arizona, eu escrevia uma coluna chamada ‘O Engano Homossexual’. Nela, eu dava orientações aos estudantes que tentavam encontrar a própria identidade sexual. Aconselhava-os a fugir de um estilo de vida que os levaria à destruição, tanto do corpo quanto da alma. Além das ameaças, palavrões e tentativas fracassadas de me perseguirem, colocaram meu nome e número de telefone nos banheiros usados pelos *gays* da cidade de Tempe.

“Anos mais tarde, como jurista, dei um parecer contrário a uma proposta de lei da Câmara Municipal de Phoenix. Ela pretendia conceder direitos especiais que favoreciam o comportamento homossexual. Observei que os ativistas *gays* apitavam e gritavam quando os vereadores não votavam de acordo com o que eles queriam. Uma mulher que se opôs a essa proposta de lei foi agredida por um homossexual e nós só conseguimos entrar em nosso carro com a ajuda de uma escolta policial.

“No país inteiro, os *gays* profanam igrejas, impedem pessoas de assistir aos cultos, realizam desfiles com nudez e atividade sexual aos olhos do público. Interferem também na política. Causam tumulto quando um projeto de lei que concede direitos civis especiais para *gays* é vetado por um governador.

“Outro acontecimento se deu com o deputado federal Jim Kolbe. Os ativistas *gays* revelaram publicamente que ele era homossexual. Isso mostra a mais recente tática do arsenal político do movimento: intimidações pessoais. Muitos conservadores... sabiam ou suspeitavam desse fato... Mas os ativistas, revoltados por ele haver votado contra a aprovação de um projeto de lei de casamento homossexual americano, castigaram o congressista por seus ‘pecados políticos’, revelando seu segredo ao público.

“Podemos concluir que os mesmos indivíduos que ficam nos dizendo que a única coisa que querem é não ser incomodados na privacidade de seu quarto de dormir, não quiseram estender essa cortesia ao deputado Kolbe. Parece que todos temos de renunciar nossa liberdade e nossa fé e nos juntarmos ao movimento homossexual. Se não concordamos, somos tachados de preconceituosos. Daí em diante nosso emprego e segurança tornam-se alvo de vandalismo, a ordem do culto de nossa igreja é transtornada e mentiras são espalhadas a nosso respeito. Isso tudo é um triste testemunho para um movimento político que supostamente prega a tolerância e a liberdade pessoal.”

Os casos apresentados neste suplemento foram traduzidos e adaptados do documento *The Other Side of Tolerance: Victims of Homosexual Activism*, preparado pelo *Family Research Council* de Washington, DC.

XVII Conferência Internacional da ILGA

A Associação Internacional de *Gays* e *Lésbicas* (ILGA) foi temporariamente suspensa de suas atividades na ONU por abrigar em seu meio conhecidos indivíduos que defendem a prática das relações sexuais de homens com meninos. Ainda assim, é de surpreender a rapidez com a qual o movimento homossexual vem obtendo algumas de suas conquistas.

Mesmo estando sob graves acusações, a ILGA, numa demonstração de poder, fez acontecer o que parecia ser impossível ver no Brasil ou em qualquer outro país latino-americano. Sob o tema “Cidadania Para *Gays* e *Lésbicas*”, realizou-se no Rio de Janeiro, em junho de 1995, a XVII Conferência Internacional da ILGA, o maior encontro homossexual do mundo.

O reconhecimento da união civil entre pessoas do mesmo sexo (com direito à previdência social, herança, adoção de filhos, etc.) foi considerado, durante o evento, a melhor bandeira de guerra para alcançar importantes objetivos para a comunidade *gay*.

A deputada Barbro Westerholm, responsável pela legalização do casamento homossexual na Suécia, participou do encontro. Ela tinha a esperança de que o exemplo de seu país levasse outras nações a também modificarem sua legislação em favor desse tipo de união.

Aproveitando essa pressão estrangeira, a deputada federal Marta Suplicy (PT-SP) se dispôs a dar a sua contribuição para essa causa. Como presidente de honra da conferência, foi saudada pelos *gays* e *lésbicas* aos gritos de “poderosa” e “maravilhosa”.

Ela é responsável pelo projeto de reforma constitucional que proíbe a discriminação contra os outros por sua orientação sexual e autora também de um projeto de lei que beneficia os homossexuais no Brasil.

Presente à conferência *gay* estava também a diretora da Comissão Internacional dos Direitos Humanos *Gays* e *Lésbicos*. Ela sugeriu que o governo brasileiro fosse pressionado a dar mais atenção aos casos de abusos contra os homossexuais.

No entanto, enquanto se falava ali em obter proteção legal especial para os praticantes do homossexualismo, uma adolescente americana estava sendo agredida e presa à força por vários policiais. A garota jogara um ovo num grupo de *lésbicas* que estava fazendo gestos obscenos em público, em São Francisco, EUA, onde o homossexualismo é protegido por lei.

Além de manifestar preocupação com a violência social contra o homossexualismo, a conferência *gay* procurou também identificar os culpados dessa situação. A teóloga lésbica Mary Hunt, uma das principais conferencistas, propôs que as igrejas deveriam pedir perdão publicamente aos homossexuais por seu preconceito contra as minorias sexuais. “Temos de chamar as igrejas, sejam presbiterianas ou católicas, para rediscutir seu papel social”, disse ela. De acordo com a teóloga, a maioria das religiões é responsável pela violência social contra os homossexuais.²

No entanto, enquanto se tentava ali culpar de violência e discriminação as igrejas que sempre consideraram perversão a homossexualidade, a revista *Veja*, da mesma época, noticiava que importante diplomata francês em Brasília estava sob a acusação de manter relacionamentos homossexuais com meninos brasileiros...³

As escolas eram outra preocupação dos participantes da conferência *gay*. Paul Thomas, *gay* e professor primário durante vinte anos, em entrevista à *Folha de São Paulo*, afirmou que um dos maiores problemas dos militantes desse grupo que atuam na educação está relacionado à dificuldade de encontrar material didático que não seja desfavorável ao estilo de vida *gay*. Para ele, as escolas deviam estimular a dignidade e a valorização do homossexualismo.⁴

Contudo uma das dimensões mais trágicas dessa conferência foi revelada no seguinte artigo do jornal *O Estado de São Paulo*, de 21 de junho de 1995:

“PASTOR DEFENDE CASAMENTO ENTRE GAYS

“Rio. O pastor presbiteriano argentino Roberto Gonzalez considerou fundamental que seja aprovada no Brasil uma lei possibilitando o casamento entre homossexuais. Segundo ele, a união civil é uma das principais formas de combate ao preconceito e à violência dele derivada. Integrante da Igreja Metropolitana, Gonzalez, de 49 anos, que já foi casado com uma mulher com a qual tem dois filhos, revelou que manterá contatos durante esta semana para que sejam abertas no Brasil filiais da igreja que em seu país já realizou 18 dessas uniões. O pastor está no Brasil para participar da XVII Conferência Internacional da ILGA, que reúne no Rio, até domingo, 1.250 homossexuais.

“Com 350 templos espalhados em todo o mundo, a Igreja Metropolitana, segundo Gonzalez, não usa a Bíblia para incriminar ninguém. ‘Nós lutamos por todas as formas de vida, mesmo sendo a igreja mais perseguida da Argentina, pelo fato de defendermos os direitos dos travestis e de todos os demais homossexuais.’ Ele observou que os teólogos mais eruditos não consideram, há muito tempo, a homossexualidade um pecado. ‘A Bíblia não fala de homossexualidade em nenhum momento, mas sim de amor e de justiça.’

“A união civil tem sido a principal alternativa proposta pelos ativistas homossexuais para diminuir o preconceito contra *gays* e lésbicas.”

A batalha pela união civil dos *gays* é meta permanente do movimento. Essa é a arma mais eficaz que pode ser usada para que a sociedade seja levada a aceitar passivamente esse estilo de vida e encará-lo como algo normal.

“Mas”, conforme declara a revista *Veja*, “a visão heterossexual do casamento não é compartilhada pelos homossexuais. Embora o reconhecimento oficial passe por reivindicação conservadora, o casamento homossexual costuma ser aberto. Nele são permitidas as aventuras extraconjugais, sem maiores traumas”.⁵

No entanto observe o que os próprios ativistas do movimento homossexual têm a dizer sobre os seus planos para o casamento:

“... lutar a favor do casamento de pessoas do mesmo sexo e seus benefícios e depois, quando essa meta for alcançada, alterar completamente o significado da instituição do matrimônio. E exigir também o direito de se casar não como um meio de apoiar os princípios morais da sociedade, mas, pelo contrário, para acabar com um mito e alterar radicalmente uma instituição arcaica... A ação mais subversiva que as lésbicas e os *gays* podem empreender – e uma ação que talvez fizesse bem a toda a sociedade – é transformar totalmente a noção de ‘família’.” (Declaração do ativista homossexual Signorile.)⁶

“[A luta para legalizar o casamento entre pessoas do mesmo sexo] é o mais importante instrumento com o qual poderemos demolir todas as leis contra a sodomia, introduzir nas escolas públicas a educação sobre o homossexualismo e sobre a AIDS e provocar inúmeras mudanças no modo como a sociedade nos vê e nos trata.”⁷

Uma passeata de quase dois mil indivíduos marcou o encerramento da XVII Conferência Internacional da ILGA. Era uma tentativa planejada, visando a exercer pressão em favor das reivindicações dos homossexuais e influenciar o rumo político e social do Brasil. A “Marcha Pela Cidadania Plena dos *Gays* e Lésbicas” percorreu a avenida Atlântica, no Rio, num total de quatro quilômetros.

“É um evento histórico. Nunca houve nada parecido com essa marcha na América Latina”, declarou entusiasmado um dos organizadores do encontro.⁸

Essa gigantesca campanha em prol do homossexualismo, a maior já realizada no Brasil, contou, como sempre, com a cobertura “neutra” dos meios de comunicação de massa. Mas a imprensa deixou de revelar corretamente os motivos pelos quais a ILGA foi suspensa de suas atividades dentro da Organização das Nações Unidas.

Entidades evangélicas dos Estados Unidos trabalharam arduamente, e sob a oposição dos militantes homossexuais, para que o governo americano não desse dinheiro a nenhum organismo da ONU que apóie, direta ou indiretamente, a pedofilia (relações sexuais entre adultos e crianças). Isso fez com que a ILGA perdesse temporariamente sua condição de consultora, mas a ONU parece não estar disposta a perder a participação do movimento *gay*.

A Influência Homossexual nas Igrejas Evangélicas

A infiltração homossexual tem sido sentida não só na política, educação e outros meios sociais, mas também nas igrejas evangélicas. Em algumas, os líderes e membros estão confusos e despreparados, não têm convicções bíblicas quanto às práticas homossexuais. E os grupos ativistas *gays* estão tirando proveito disso.

Vejam, por exemplo, o que está ocorrendo nos Estados Unidos. Um pastor presbiteriano de Fort Lauderdale, na Flórida, coloca a condenação das práticas homossexuais no mesmo nível da antiga exigência de as mulheres usarem véu. Nessa mesma cidade, o pastor *gay* da Comunidade Metropolitana acredita que se aceitarmos o ensino sobre o homossexualismo de Levítico, teremos de cumprir também as leis sobre alimentos estabelecidas nesse livro. Embora a Igreja Batista condene abertamente a sodomia, com base na Bíblia, um pastor dessa denominação na Carolina do Norte “casou” dois homossexuais. A Igreja Unida de Cristo já aceita pastores homossexuais, enquanto na Igreja Episcopal debate-se a questão.

Em 1968, o pastor Troy Perry, homossexual assumido, fundou a Comunidade Metropolitana em Los Angeles, na Califórnia. Essa denominação conta com ritos e sacramentos, inclusive casamentos entre homossexuais. Seus adeptos na Argentina solicitaram o registro civil da igreja, ameaçando entrar com processo por violação dos direitos humanos.

Conforme David Wilkerson informa, esse tipo de igreja está se espalhando pelos Estados Unidos:

“As igrejas homossexuais têm mais de quinhentos mil membros. A Igreja da Comunidade Metropolitana é uma dessas e está se expandindo nos Estados Unidos. Enviei um observador a um congresso avivalista deles, em Dallas, Texas. Cada delegado, ao se registrar, recebia um pacote. Esse continha, entre outras coisas, duas revistas ‘masculinas’ de homens nus e uma lista de todos os bares *gays* de Dallas. Eles podiam deixar o culto, ir para o bar escolhido e juntar-se ao amante pelo resto da noite. E esses delegados se denominavam ‘pastores’. Como eles cantavam! Eles louvavam o Senhor com entusiasmo. Mas o evangelista deles alterou a mensagem do evangelho de forma inominável. Disse ele: ‘É verdade que Paulo condenou os homens que mudaram o uso natural e se inflamaram uns com os outros. Entretanto isso não se aplica a nós. Não mudamos nada. Nascemos desse jeito. Por isso, assumam abertamente o que são. Enchem-se do Espírito Santo e gozem sua homossexualidade.’”³

A Comunidade Metropolitana, além de contar com o apoio da imprensa popular, recebeu \$380.000 dólares do governo americano em 1981 para suas atividades.⁴

À medida que as autoridades públicas e algumas instituições sociais vão cedendo às reivindicações dos *gays*, alguns evangélicos começam a questionar se seria conveniente deixar de acompanhar essa tendência. É claro que o fator que mais pesa nesse questionamento é a pressão social. Os líderes cristãos que se dispõem a desaprovar publicamente o estilo de vida homossexual são condenados e tachados de “antigays”, “homófobos” e fanáticos religiosos pela imprensa. Já os indivíduos como o pastor William Johnson, para quem o movimento de liberação *gay* é “um movimento do Espírito Santo”⁵, geralmente não têm motivo algum para se preocupar com a censura ou a reprovação da mídia.

Não faltam exemplos de igrejas que tentam fugir à estigmatização da sociedade. Em 1993 a *Associated Press* divulgou, para alegria dos ativistas *gays*, a seguinte notícia sobre a Igreja Luterana dos Estados Unidos:

“A masturbação é saudável, a Bíblia apóia as uniões homossexuais e é um imperativo moral que ensinemos os adolescentes a usar a camisinha para evitar doenças’, declara a força-tarefa que está levando a maior denominação luterana dos Estados Unidos a guerras sexuais.”⁶

Ainda nos Estados Unidos, o *Portland Press Herald* (jornal publicado numa região predominantemente evangélica) editou um artigo em 1991, sob o título “Força-Tarefa Presbiteriana Recomenda a Ordenação de Homossexuais”. Conforme o artigo, um estudo chamado “Relatório da Maioria” considera que a atividade homossexual não é pecado; pelo contrário, toda atividade sexual é moralmente neutra.⁷

No mesmo jornal, a pastora Rose Mary Denmore, que é lésbica, declara estar indignada com o fato de que os pastores homossexuais e as pastoras lésbicas estejam sendo impedidos de trabalhar com crianças. Diz ela:

“Manter os homossexuais adultos separados dos mais jovens, que talvez também sejam homossexuais, priva-os de confidentes maduros, dos quais eles podem estar precisando.”⁸

Assim, enquanto algumas igrejas, com receio de perder membros e a aceitação popular, procuram assumir posicionamentos que não desagradem à maioria, os homossexuais vão exigindo mais e mais direitos especiais.

Embora a presença homossexual no meio evangélico pareça estar restrita aos Estados Unidos e Europa, o Brasil também vem sofrendo sua influência. Prova disso é a reportagem que saiu na *Folha de São Paulo* de 29 de abril de 1994:

“IGREJA QUE VAI ‘CASAR’ GAYS TEM 400 INTEGRANTES EM TODO O PAÍS

“O pastor Onaldo Alves Pereira, 35, representante da Igreja da Irmandade no Brasil, fará o casamento coletivo de cinco casais de homossexuais na Bahia, em junho.

“A sede da igreja fica em Rio Verde, Goiás. Segundo ele, esta é a única igreja do país que abençoa a união de pessoas do mesmo sexo.

“A Igreja da Irmandade, que em Rio Verde recebe o nome de Comunidade Pacifista Tunker, tem hoje 50 integrantes na cidade, segundo o pastor.

“A comunidade é uma igreja protestante liberal norte-americana, que está no país há dois anos.

“Segundo Pereira, a igreja foi fundada no século XVI na Europa. O pastor afirmou que hoje a igreja conta com cerca de 400 participantes no Brasil.

“Folha: Sua igreja casa homossexuais. O que ela prega?”

“Onaldo Alves Pereira: Nós pregamos o amor acima de tudo. Nós não chamamos a união de homossexuais de casamento. O nome que damos é bênção...”

Mesmo que esse pastor tenha se mostrado disposto a tratar a união homossexual como algo normal, é preciso considerar que temos à disposição, na Palavra de Deus, o plano claro do Senhor para a sexualidade humana. A confusão que existe sobre o papel sexual masculino e feminino provém da liberdade de consciência sem a plena dependência das Escrituras. Alguns tentam abordar tão complexas questões de acordo com sua maneira própria de entender. Acham que as passagens bíblicas sobre a função sexual do homem e da mulher deveriam ser interpretadas levando-se em consideração as modernas descobertas psicológicas e médicas.

O problema de se adotar tais avanços, conforme relata o livro *Kinsey, Sex & Fraud* (Kinsey, sexo e fraude), é que tanto a psicologia quanto outras importantes ciências sociais estão sofrendo a influência de ideologias radicais como o materialismo, o socialismo, o feminismo, o homossexualismo, etc. O Dr. Vern L. Bullough, educador sexual e defensor do movimento homossexual e da pedofilia, afirma:

“A política e a ciência andam de mãos dadas. No final é o ativismo *gay* que determina o que os pesquisadores dizem sobre os *gays*.”

Qual deve ser a nossa posição com relação aos que querem revisar o ensino sexual da Bíblia com base na ciência e na psicologia moderna? Comentando sobre a atitude correta do cristão diante do homossexualismo, o Dr. James Dobson escreveu na edição de março de 1991, da revista *Focus on the Family*:

“... não posso apoiar o posicionamento revisionista das Escrituras, pois pretende interpretar o homossexualismo apenas como outro estilo de vida disponível aos cristãos. As pessoas que foram inspiradas por Deus para escrever a Bíblia não teriam se referido à homossexualidade com tal aversão se não fosse uma prática errada aos olhos de Deus.

“Toda vez que essa perversão é mencionada no Novo Testamento, está enumerada juntamente com os mais horrendos pecados e comportamentos. Paulo, por exemplo, escreveu em 1 Coríntios 6.9,10:

“‘Ou não sabeis que os injustos não herdarão o reino de Deus? Não vos enganéis: nem impuros, nem idólatras, nem adúlteros, nem efeminados, nem sodomitas, nem ladrões, nem avaros, nem bêbados, nem maldizentes, nem roubadores herdarão o reino de Deus.’

“Romanos 1.26,27 descreve a atitude de Deus para com a homossexualidade em termos igualmente inequívocos:

“‘Por causa disso, os entregou Deus a paixões infames; porque até as mulheres mudaram o modo natural de suas relações íntimas por outro, contrário à natureza; semelhantemente, os homens também, deixando o contacto natural da mulher, se inflamaram mutuamente em sua sensualidade, cometendo torpeza, homens com homens, e recebendo, em si mesmos, a merecida punição do seu erro.’”

SUPLEMENTO ESPECIAL

AS VÍTIMAS DO MOVIMENTO HOMOSSEXUAL

Pastor é perseguido por não aceitar a sodomia

Em 1996, Ron Greer, pastor evangélico que há 18 anos serve no Corpo de Bombeiros da cidade de Madison, Wisconsin (EUA), deu a dois bombeiros, amigos seus, um folheto intitulado “A Verdade Sobre o Homossexualismo”. A Sr.^a Debra Amesqua, chefe dos bombeiros, ordenou imediatamente uma investigação para apurar se o Sr. Greer havia violado a política antidiscriminatória da cidade. O Sr. Greer sofreu suspensão do trabalho sem direito a pagamento e recebeu ordens de assistir a aulas de “diversidade” em novembro do mesmo ano. Nessas aulas ele seria condicionado a ver o homossexualismo como um comportamento humano normal.

Além das ações disciplinares que sofreu, a casa que ele está construindo tem sido alvo do vandalismo de grupos homossexuais radicais, os quais têm pichado as paredes com termos agressivos.

Ele é um dos poucos pastores evangélicos da cidade de Madison que ainda pregam a verdade sobre o homossexualismo. Por causa disso sua igreja também tem sofrido ataques dos ativistas *gays*. Em 12 de abril de 1996, o escritor Scott Lively deu uma palestra na igreja do Sr. Greer. O livro do Sr. Lively, *A Suástica Rosa*, relata como os ativistas homossexuais estão, enganosamente, se igualando aos judeus que sofreram o “Holocausto”. Descreve também como eles estão escondendo informações importantes sobre a influência de homossexuais alemães dentro do movimento nazista.

Mais de trezentos ativistas homossexuais se reuniram para protestar contra a palestra. De acordo com Ralph Ovadal, da entidade Cristãos Unidos de Wisconsin, os militantes chegaram perto do templo e bloquearam suas portas. Menos de quarenta membros da igreja conseguiram entrar.

Muitos ativistas também conseguiram entrar na igreja, gritando obscenidades e cantando:

“Que os cristãos sejam esmagados. Que eles sejam novamente atirados aos leões!”

Vários deles jogaram pedras nas janelas, enquanto outros urinavam no chão do banheiro do templo.

Apesar da violência sofrida, o Sr. Greer não está revoltado. Ele crê que o problema é mais profundo do que o ódio dos ativistas contra ele. Ele expressou o seguinte:

“Quando me atacam, eles atacam a Deus, não a mim. Não estou com raiva. Ter raiva deles seria como ficar com raiva de um cego que pisasse no meu pé.”

Pastor é ameaçado por ativistas *gays*

Há seis anos o Pr. William Devlin vem dirigindo o Conselho de Política Familiar da Filadélfia em debates com os ativistas homossexuais sobre questões de políticas públicas e sociais. Ele opõe-se a leis de parceria doméstica (as quais concedem direitos legais especiais para homossexuais que vivem como “casados”), à homossexualização da educação pública e ao casamento de pessoas do mesmo sexo.

Há três anos ele trabalhou com uma coalizão multirracial para derrotar o projeto de lei de parceria doméstica do prefeito Ed Rendell. Três meses depois dessa derrota, os grupos homossexuais iniciaram uma campanha de terror contra ele.

Eles afixaram cartazes junto aos telefones públicos com os seguintes dizeres:

“Ligue agora mesmo para este homem: William Devlin.”

Logo em seguida vinha o número do telefone de sua casa e de seu escritório. Os cartazes continham também muitas informações falsas e preconceituosas acerca do Pr. Devlin.

Em 16 de agosto de 1996, à uma hora da madrugada, o telefone tocou:

– O Sr. Devlin está?

– Sim, é ele mesmo quem está falando.

– Estou ligando em nome dos homossexuais da Filadélfia, disse o indivíduo. Quero que você caia morto.

O Pr. Devlin prestou queixa na delegacia de polícia depois de receber outra ameaça anônima, dessa vez às duas horas da madrugada, de 21 de agosto:

“Você e sua família merecem morrer!”

Contudo, o Pr. Devlin não recuou. Pelo contrário, ele programou sua secretária eletrônica para transmitir uma mensagem aos ativistas homossexuais. Dizia-lhes que tivessem a coragem de deixar o nome e endereço para que ele pudesse dar-lhes uma resposta. Numa entrevista a uma revista evangélica, ele disse:

“Embora os homossexuais estejam envolvidos num estilo de vida destrutivo, eu creio que eles são seres humanos criados à imagem de Deus. Não tenho medo deles e como prova de que me preocupo com eles, desejo convidá-los a almoçar comigo.”

Vários aceitaram o convite. Como resultado, alguns homossexuais da Filadélfia agora vêem o Pr. Devlin como um homem compassivo. Eles também sabem que ele acredita que ter compaixão não é a mesma coisa que ficar de boca fechada.

“O ato mais compassivo que posso praticar é dizer a verdade a eles”, diz o pastor.

Terrorismo homossexual

Nas mensagens que prega em sua igreja presbiteriana, em São Francisco, Califórnia, o Pr. Chuck McIlhenny deixa claro que é contra o movimento homossexual. Esse posicionamento tem custado a ele e a sua família várias ameaças de morte. Algumas das intimidações foram tão graves que ele teve de mandar seus filhos de avião para a casa de parentes em Los Angeles.

No entanto, tarde da noite de 31 de maio de 1983, alguém tentou mesmo concretizar as ameaças, jogando uma bomba incendiária na casa dele. Mas, graças a Deus, sua mulher despertou na mesma hora e assim pôde acordar o marido e os filhos. Ninguém perdeu a vida e a casa foi quase totalmente salva das chamas, pois os bombeiros chegaram com rapidez.

Os casos apresentados neste suplemento foram traduzidos e adaptados do documento *The Other Side of Tolerance: Victims of Homosexual Activism*, preparado pelo *Family Research Council* de Washington, D.C.

O Movimento Homossexual e a Crise da AIDS

Em 1989 aconteceu a Conferência Internacional Sobre a AIDS, em Montreal, Canadá. Médicos, pesquisadores, autoridades públicas, legisladores e jornalistas de cento e seis países reuniram-se para debater o problema dessa doença. De repente a reunião foi literalmente invadida por manifestantes vestidos de preto, os quais gritavam irados e exigiam que todos adotassem seus programas de controle da epidemia.

Um deles, que era líder do grupo homossexual terrorista ACT-UP, assumiu o microfone e, em meio à confusão, declarou:

“Os governos têm de reconhecer que a AIDS não é altamente contagiosa. O contato casual não representa nenhuma ameaça de infecção e deve-se lutar contra os temores irracionais de transmissão.”

Depois ele leu as seguintes exigências do movimento homossexual, as quais deveriam ser introduzidas na legislação de cada país:

1. Leis antidiscriminatórias para regular e proteger o emprego, a moradia e o acesso a serviços pelas pessoas portadoras do HIV.
2. O direito a testes da doença, anônimos e absolutamente confidenciais.
3. Pleno reconhecimento dos relacionamentos lésbicos e *gays*.
4. Nenhum teste obrigatório, sob nenhuma circunstância.

Além dessas exigências (que acabaram sendo atendidas pelos países desenvolvidos), os manifestantes exigiram uma educação sobre a AIDS nas escolas públicas. Os professores deveriam falar dos relacionamentos *gays* e lésbicos como estilos de vida alternativos e do sexo livre como algo normal. É desnecessário mencionar que sua solução para a crise da AIDS era a camisinha... uma mentira que as autoridades públicas e os meios de comunicação aceitaram sem vacilar..

O que separa a AIDS das outras doenças sexualmente transmissíveis é a sua politização. Escrevendo na edição de janeiro de 1989 de *Private Practice*, o Dr. Edward Annis, ex-presidente da Associação Médica Americana, observou que “As organizações de direitos dos *gays* têm pressionado os legisladores a colocar inumeráveis obstáculos no caminho dos médicos particulares e dos da rede pública”. E disse mais:

“Estão sendo criadas leis para controlar um vasto número de pessoas não infectadas com o vírus da AIDS, em vez de fazerem leis para inibir as ações dos que têm o potencial de espalhar a doença.”

Num esforço para acalmar os grupos homossexuais, os legisladores e a classe médica estão abandonando os métodos padrões de controle de doenças, algo que os meios de comunicação quase nunca mencionam. Como conseqüência, a maior parte do público desconhece as medidas básicas que deveriam ser adotadas para impedir a propagação de uma doença infecciosa tão mortal. O Dr. Annis comenta:

“Ao proteger os direitos dos indivíduos que têm AIDS e que se recusam a mudar sua conduta, o governo está incentivando a propagação do vírus para seus parceiros sexuais que de nada suspeitam.”³

Com o apoio significativo que vem recebendo de governos federais e estaduais, a “máquina política da AIDS” conseguiu transformar o que seria empecilho, em trunfo. No começo os militantes homossexuais temiam que a AIDS pudesse impedir suas conquistas. Mas, contrariando todas as expectativas, ela tem sido usada com sucesso para realizar os mais espantosos avanços. Do ponto de vista antidiscriminatório, por exemplo, a AIDS agora é uma deficiência física e os portadores do HIV são uma classe com proteção especial em muitos lugares.

Em meio a esse clima político, é muito difícil dizer a verdade sobre as práticas sexuais dos homossexuais, sobre a AIDS e sobre a melhor maneira de impedir a propagação dessa grave doença. O movimento homossexual chegou a esse resultado de forma deliberada. As transformações políticas e sociais estão mudando o modo de o povo encarar a legitimidade dos relacionamentos homossexuais. Colaboram, assim, com a realização do objetivo principal do ativismo *gay*: a aceitação do estilo de vida homossexual e o reconhecimento da relação anal como o equivalente moral da relação heterossexual.⁴

Os grupos homossexuais brasileiros têm utilizado o problema da AIDS para sensibilizar as autoridades e a sociedade quanto aos seus direitos. Certa entidade de São Paulo que ajuda os aidéticos, em suas reivindicações ao governo federal, por exemplo, recebeu, em 1991, auxílio do Centro de Apoio LAMBDA, organização americana que luta pelos direitos dos *gays* e fornece assistência legal e financeira às causas homossexuais.⁵

Entretanto não são só as autoridades que estão sendo sensibilizadas a contribuir inconscientemente para a conquista dos objetivos do movimento homossexual. Sob a bandeira emocional da “compaixão”, vários líderes, organizações, denominações e revistas evangélicas têm agido de modo patético na questão da AIDS. Querem provar que eles não estão cometendo o “imperdoável pecado social da homofobia”. O apresentador de um programa evangélico de TV chegou a declarar que a AIDS é o castigo de Deus contra a homofobia da igreja.

O termo homofobia é um epíteto carregado de conotações políticas. Reflete o conceito psiquiátrico revisionista de que os homossexuais não são pessoas psicologicamente desajustadas. Diz-se agora que os heterossexuais que rejeitam essa perversão sexual sofrem de uma fobia, um medo neurótico e irracional. Aos olhos do *lobby* homossexual, os heterossexuais que demonstram homofobia são emocionalmente doentes e precisam de tratamento. Portanto, toda vez que algum grupo, inclusive os religiosos, afirmam se opor à homofobia estão, intencionalmente ou não, ajudando a promover a ideologia *gay*.

Muitos crentes e líderes evangélicos têm se juntado ao coro social que declara que a “discriminação” ao portador do HIV é o obstáculo número um ao combate à AIDS. Ao fazerem isso, tornam-se o que Stalin chamava de “idiotas úteis”. Passam a ajudar diretamente os grupos homossexuais que usam a AIDS como arma de guerra política. E é o que de fato tem ocorrido. Enquanto muitos cristãos estavam tentando sinceramente demonstrar compaixão, os ativistas *gays* conseguiram manobrar habilmente a questão da AIDS para modificar a legislação da sociedade.

Agora as igrejas, empresas e escolas que ousarem “discriminar” ou incomodar verbalmente homossexuais portadores do HIV, ou homossexuais que pertencem ao grupo de risco da AIDS, acham-se ameaçadas de sofrer um feroz processo judicial. Quando uma funcionária de creche ou um professor anuncia que tem um amante homossexual e que este contraiu o vírus da AIDS, ela ou ele tem de deixar claro que seu parceiro é portador de deficiência física, o que lhe vale direitos especiais de proteção perante a lei...

Em sua manipulação eficiente do problema da AIDS, os ativistas homossexuais estão conseguindo conquistar direitos especiais e até contestar as leis contra a sodomia. Isso lhes seria impossível alguns anos atrás. O que mais eles poderão obter daqui em diante?

Talvez o que for revelado a seguir dê ao leitor uma idéia do que poderá vir. No boletim *Notícias da Comunidade Gay*, um artigo escrito por Michael Swift (que se proclama revolucionário *gay*) profetizou:

“Nós sodomizaremos seus filhos...”

“Todas as leis que proíbem a atividade homossexual serão revogadas...”

*“Todas as igrejas que nos condenam serão fechadas. Tremam, porcos heterossexuais, quando aparecermos diante de vocês, sem máscara.”*⁶

Com a crise da AIDS, muitos heterossexuais têm realmente motivos de sobra para tremer diante deles. Desde os primeiros casos da doença os grupos *gays* militantes conseguiram a proibição de testes obrigatórios, mobilizando as autoridades para isso. Tais testes poderiam detectar quais os indivíduos que estavam infectados e exigir das autoridades médicas medidas apropriadas para impedir que a AIDS se tornasse uma epidemia. O problema é que a maioria esmagadora dos aidéticos era *gay* e, de acordo com o Dr. Paul Cameron, eles tinham medo de ser isolados e perder seus vastos contatos sexuais com pessoas não infectadas...⁷

A mensagem que o público recebia acerca da AIDS no começo era espantosamente contraditória. Por um lado, noticiavam que a “AIDS não era uma doença *gay*” já que era causada por um vírus contagioso que podia infectar qualquer um, homossexual ou não. Por outro, qualquer médico que tentasse isolar um aidético, deixando-o de quarentena, seria perseguido, processado e condenado pelo movimento homossexual. Eles entendiam que tratar a AIDS como um problema de saúde pública qualquer era um ataque disfarçado contra a liberdade sexual dos homossexuais.

Hoje, por causa da crise da AIDS, aumenta o número de pessoas – de indivíduos que afirmam crer na Bíblia e tê-la como único padrão de fé e prática – que estão pedindo que as igrejas cristãs reconsiderem sua atitude para com o homossexualismo. Já propuseram, por exemplo, que a Igreja Metodista Unida dos Estados Unidos abandonasse sua posição tradicional de ver a orientação ou a prática homossexual como algo incompatível com o ensino cristão. Aliás, a maioria dos membros de uma comissão especial dessa denominação declarou que o atual conhecimento científico, filosófico e teológico “não oferece uma base satisfatória sobre a qual a Igreja possa se firmar, responsavelmente, para condenar todas as práticas homossexuais”.⁸

Isso ocorreu em 1991. Depois dessa abertura para com o homossexualismo, pastoras dessa denominação editaram, em 1993, um livro sobre a AIDS. Nessa publicação ensinam os adolescentes a usar a camisinha e fornecem números de telefones de grupos

gays, para que eles obtenham orientação sobre “saúde”. Assim os jovens são colocados em contato direto com ativistas homossexuais.

É fácil ver que a crise da AIDS tornou-se um instrumento eficiente para introduzir os planos do movimento homossexual nas escolas públicas e nas campanhas de educação aos adolescentes. Tudo em nome da “saúde”.

Embora nossos filhos não estejam ainda sendo fisicamente sodomizados, conforme previa aquela profecia, vamos abrir os olhos. Há muito tempo eles estão sendo psicologicamente sodomizados pelas propagandas de “prevenção” à AIDS que dão ênfase ao “sexo seguro”.

SUPLEMENTO ESPECIAL

AS VÍTIMAS DO MOVIMENTO HOMOSSEXUAL

Intolerância para com uma cristã

Ser cristã e crer que o homossexualismo é pecado foi o suficiente para rotular Debra Kelly de “intolerante”. Ela acabou perdendo o emprego por causa de suas convicções.

Muitos grupos de ativistas *gays* acusam os cristãos de não possuírem compaixão para com os homossexuais e para com as pessoas que estão morrendo de AIDS. Contudo, quando os cristãos tentam ser compassivos, são atacados. Debra Kelly sabe o que é passar por isso.

Debra, uma cristã solteira, era coordenadora de albergues da cidade de Filadélfia até 5 de maio de 1993. Mas ela foi despedida, e a causa não foi incompetência no trabalho. Ela foi demitida por ser cristã.

Sua supervisora era uma admiradora confessa do ACT-UP (um dos grupos homossexuais mais radicais e violentos dos EUA). Ela queixou-se da convicção de Debra de que o homossexualismo é pecado e alegou que essa posição a desqualificava para sua função. Não muito tempo depois disso, Debra perdeu o emprego.

Pastor é preso a pedido de ativistas *gays*

O Pr. Mark Weaver tem um programa de rádio. Ele soube que a cidade de Austin, Texas, havia repassado verbas a um grupo homossexual de “combate” à AIDS. Esse grupo organizou seminários financiados por impostos públicos, nos quais ensinavam como alguém podia ter relações homossexuais mais seguras e excitantes. O Pr. Weaver tentou assistir a um desses encontros como observador. Embora realizados em propriedade particular, foram anunciados como abertos ao público. Contudo o Pr. Weaver foi identificado na reunião. Ele havia se tornado bem conhecido na comunidade por abrigar em sua casa homossexuais que estavam tentando abandonar aquele estilo de vida. Mandaram que ele saísse, mas ele recusou-se. Então foi preso.

O grupo homossexual entrou com um processo para proibir o Pr. Weaver de falar sobre o que ele viu e impedi-lo de aproximar-se de outras reuniões dos ativistas homossexuais.

O Instituto Rutherford entrou com uma ação de livre expressão e exercício de religião em favor do pastor. Contudo a juíza que presidiu o caso decidiu a favor do grupo homossexual de “combate” à AIDS e ordenou que o pastor pagasse as despesas que o grupo tivera com o advogado.

Ativistas impedem testemunho de ex-gay

A Coalizão de Ação Jovem é uma organização dedicada a defender os valores pró-família. Eles compraram mais de sessenta espaços de anúncio de rádio. A programação estava marcada para ser veiculada de 7 a 13 de outubro de 1996, por duas emissoras do estado de Washington. Os anúncios foram narrados por Michael Johnston, ex-homossexual aidético. Ele deu, em primeira mão, o testemunho de suas experiências e preveniu os ouvintes jovens sobre as conseqüências destrutivas da conduta homossexual. As rádios passaram imediatamente a ser alvos de vários grupos locais de ativistas homossexuais. Depois de dois dias e meio de telefonemas de militantes exaltados, as emissoras suspenderam os anúncios.

Quando os grupos de defesa da família boicotam um programa de TV ou uma cadeia de lojas por causa de coisas obscenas, os jornalistas rotineiramente tacham tais ações de “censura”. Mas raramente eles fazem tal acusação contra os grupos homossexuais.

Os casos apresentados neste suplemento foram traduzidos e adaptados do documento *The Other Side of Tolerance: Victims of Homosexual Activism*, preparado pelo *Family Research Council* de Washington, D.C.

Os Direitos dos Gays

“A maior vitória do movimento *gay* na década passada foi mudar a direção do debate. Em vez de se discutir sobre a conduta, fala-se sobre identidade. Qualquer um que se opõe ao homossexualismo passou a ser visto como agressor dos direitos civis dos cidadãos homossexuais...”¹

Os ativistas *gays* podem até afirmar que é ridículo suspeitar que exista alguma trama para promover o homossexualismo. Contudo Marshall K. Kirk, um dos porta-vozes do movimento, nos Estados Unidos, recomendou a seguinte estratégia para manipular a opinião do povo, levando-o a apoiar os direitos dos homossexuais:

“Apresente os *gays* como injustiçados... Qualquer campanha para ganhar o público deve mostrar que os homossexuais sofrem injúrias e necessitam de proteção... A segunda mensagem teria de apresentá-los como vítimas da sociedade... e deveria ser exibido o seguinte: cenas vívidas de *gays* agredidos, relatos bem destacados de insegurança no emprego e na residência, perda da custódia dos filhos, humilhação, etc.”²

Outra tática recomendada por Kirk tem como alvo também a manipulação da opinião pública, desviando a atenção das práticas homossexuais para as questões de igualdade e justiça:

“Nossa campanha não deve exigir apoio direto às práticas homossexuais, mas em vez disso deve usar a palavra discriminação como tema...”³

Apesar de despercebida por muitos, essa campanha tem alcançado êxito em algumas instituições e empresas, onde vêm sendo adotadas leis antidiscriminatórias para os funcionários. Esses regulamentos estabelecem que toda “orientação sexual” deve ser respeitada, mesmo que não seja heterossexual.

A guerra antidiscriminação se expandiu mais do que se podia prever nos Estados Unidos. O Ministério dos Transportes chegou a dedicar um mês inteiro em homenagem à luta dos homossexuais por seus direitos. E o governo liberal de Bill Clinton, desde o começo defensor do aborto, do feminismo e do homossexualismo, não mediu esforços para dar aos *gays* e às lésbicas posições e espaço legal, político e social.⁴

Em oito de novembro de 1997, o presidente Clinton compareceu a uma reunião de mil e quinhentos ativistas homossexuais em Washington, D.C., aos quais ele afirmou que as pessoas que “ainda não se sentem bem com vocês” precisam aprender a ver os *gays* e as lésbicas como concidadãos. Gabou-se também, como demonstração de sua preocupação com o bem-estar da comunidade *gay*, de que seu governo gasta mais na

assistência aos aidéticos do que na assistência às mulheres que sofrem de câncer de mama. O câncer de mama atinge um número grande de mulheres americanas, mas Clinton não se incomodou com o fato de que aquelas que estão numa batalha de vida ou morte com essa doença recebem menos consideração, atenção e apoio do que os aidéticos, a maioria dos quais escolheu viver um estilo de vida que os destruiria.⁵

O grande teorista militar Karl von Clausewitz escreveu que a vitória na guerra está na eliminação da força de resistência do inimigo. Esse, e nada menos, é o objetivo do movimento homossexual. O que ele busca não é mera tolerância, mas a igualdade com a heterossexualidade monógama. Isso ficou bem claro com a inclusão do dispositivo “orientação sexual” no artigo 268 da Lei Orgânica do Distrito Federal, em vigor desde 1992. Esse dispositivo deixa claro que as pessoas têm o direito de escolher a hetero, bi ou homossexualidade. Conforme espera Huides Cunha, representante do Grupo *Gay* da Bahia, a aprovação dessa emenda poderá ser o primeiro passo para que os homossexuais conquistem o direito à adoção de filhos, ao casamento civil e ao ingresso nas forças armadas... A emenda foi aprovada por vinte votos contra três. Entre os que discordaram estavam os deputados evangélicos Peniel Pacheco e Maurílio Silva.⁶

Aparentemente, em seu esforço para ganhar a tolerância social, os grupos homossexuais do Brasil têm dependido em grande parte do apoio financeiro vindo dos países desenvolvidos. A Fundação Ford dos Estados Unidos, por exemplo, concedeu, em 1990, mais de cem mil dólares em verbas para várias entidades brasileiras que lutam contra a AIDS e contra a “discriminação sexual”. Entre essas está o Movimento de Liberação *Gay* Atobá do Rio de Janeiro, que recebeu mais de \$40.000 dólares para seus programas.⁷

A ajuda financeira de importantes entidades filantrópicas é uma vitória significativa para o movimento homossexual. Mas Marshall K. Kirk ainda recomenda outra tática para inclinar a opinião pública a favor dos direitos dos *gays*:

“Apresentemos os *gays* como pessoas boas... a campanha tem de pintá-los como a ‘nata’ da sociedade... Os opositores têm de parecer maus... Para ser claro, eles devem ser difamados... precisamos mostrar ao público imagens de homófobos briguentos... Essas imagens poderiam incluir: a Ku Klux Klan exigindo que os *gays* sejam queimados vivos ou castrados; pastores fanáticos do Sul (dos Estados Unidos) tagarelando com ódio histórico a ponto de chegarem a parecer patetas e dementes; *punks* ameaçadores, assassinos e condenados falando friamente sobre as ‘bichas’ que eles mataram ou gostariam de matar; os campos de concentração nazistas onde os homossexuais eram torturados e mortos nas câmaras de gás.”⁸

A verdade é que a utilização do termo opressão é muito importante para o movimento homossexual. Eles adotaram como emblema internacional o triângulo rosa. Afirmam que essa era a identificação que os homossexuais eram obrigados a usar nos campos de concentração nazistas. O uso desse emblema tem a clara intenção de apresentar os homossexuais como oprimidos.

Entretanto o jornalista Gene Antonio, em seu excelente livro *AIDS: Rage & Reality*, faz observações reveladoras sobre a relação que havia entre os nazistas e os *gays*:

“A noção da perseguição de Hitler aos homossexuais é baseada em sua agressão aos ‘efeminados’, não aos super-homens homossexuais nazistas. *Muitos do círculo interno de*

Hitler, assim como os homens-chaves que dirigiam o partido nazista e que recrutavam para ele (inclusive as brigadas militares mais brutais, as tropas de assalto e a escola de infantaria) eram homossexuais, inclusive Ernst Roehm, Rudolf Hess e Gerhard Ronbach. Comentava-se também que o infame Goring era travesti.

“O capitão Ernst Roehm serviu como conselheiro militar para o chefe das forças armadas da Bolívia. Retornando à Alemanha, ele recebeu o comando das tropas de assalto. Contudo suas qualidades como líder foram manchadas pelos fortes desejos homossexuais, aos quais ele se entregava abertamente, sem o menor constrangimento. Ele se cercava de jovens devassos cujas freqüentes orgias não faziam bem algum à reputação do partido. A fama de homossexual do capitão Roehm era bem conhecida. Os artigos na imprensa sobre ele e seu amante médico eram amplamente lidos pelo público. Walter Langer, escrevendo em *The Mind of Adolph Hitler* (A mente de Adolf Hitler), observou que Rudolf Hess era geralmente conhecido como ‘Senhorita Ana’. Havia também muitos outros homossexuais próximos a Hitler e supunha-se, por isso, que ele também fosse.

“Roehm não fazia a menor questão de esconder suas atividades homossexuais... O único critério para ser membro do partido era que o candidato fosse ‘obediente, fiel e incondicionalmente dedicado a mim’.

“No fim do governo de Hitler, Ernst Roehm foi executado. No entanto isso aconteceu por causa do aumento do seu poder e da possibilidade de ele usar suas tropas de assalto – entre as quais havia muitos homossexuais – para derrubar Hitler. Este tentou dezenas de vezes corrigir as desobediências de Roehm à sua autoridade. Roehm morreu porque Hitler não podia mais confiar nele e não por causa de seus casos homossexuais.

“Wilhelm Reich, sexologista liberal alemão, escrevendo sobre a ascensão de Hitler ao poder, observou: ‘A supremacia masculina da era platônica é inteiramente homossexual... O mesmo princípio governa a ideologia fascista da camada masculina dos líderes nazistas (Bluher, Roehm, etc.)...’

“O Dr. Edmund Bergler, psiquiatra de renome internacional, que escreveu extensivamente sobre o homossexualismo, declarou: ‘A afirmação de que os homossexuais estão sempre ao lado da democracia é muito irônica. Vêm-nos à mente Roehm e suas tropas de assalto homossexuais, eliminados por aquele outro criminoso, Hitler, quando eles ameaçaram seu poder em 1936. *Sabe-se muito bem que os chefões dos campos de concentração nazistas eram, muitas vezes, recrutados nas fileiras dos criminosos homossexuais...*’”

Embora o movimento homossexual esteja empenhado em apresentar os *gays* como seres agredidos e oprimidos, recentes acontecimentos têm demonstrado o oposto.

Em maio de 1990, Larry Kramer, um dos fundadores do grupo homossexual ACT-UP, declarou num artigo publicado no *Walt Street Journal*: “... chegou a hora de usar a violência... gostaria de ver um exército terrorista da AIDS...”¹⁰

Ainda em 1990, em Sacramento, na Califórnia, a reunião da Coalizão Pelos Valores Tradicionais foi atacada por militantes *gays*. Trinta ativistas irados invadiram a sala da reunião derrubando várias pessoas, inclusive uma mulher grávida, que teve de ser hospitalizada. Os manifestantes se apoderaram do microfone e interromperam a reunião e ali ficaram até a chegada da polícia. O pastor Lou Sheldon, organizador do evento, sofreu várias ameaças nos meses seguintes.¹¹

A Dr.^a Lorraine Day, ex-chefe de Cirurgia Ortopédica do Hospital Geral de São Francisco, ao propor que o teste de HIV fosse feito em todos os doentes do hospital, sofreu ameaça de morte. Ativistas homossexuais tentaram intimidá-la prometendo jogar-lhe ácido no rosto e matar sua família.¹²

A organização *Focus on the Family*, do Dr. James Dobson, ao ajudar na aprovação de uma emenda na constituição do Colorado que impede a concessão de direitos especiais aos homossexuais, tornou-se literalmente alvo de perseguição. Alguns grupos homossexuais militantes, enfurecidos com a vitória dessa organização evangélica, atacaram as casas dos cristãos.¹³

Esses exemplos de violência direta podem ser mais raros, mas há uma ameaça bem maior: as muitas conquistas legais do movimento homossexual já estão começando a oprimir as pessoas que não concordam com suas práticas sexuais.

Ann Hacklander foi condenada nos Estados Unidos porque se recusou a aceitar uma lésbica como colega de quarto. Ela teve de pagar \$500 dólares à lésbica ofendida e foi obrigada a assistir a aulas de um grupo homossexual para que a atitude dela para com o homossexualismo melhorasse.

Judy Allison, síndica de um prédio, foi processada por discriminação contra os deficientes físicos e por violação de direitos civis. Qual o seu crime? Pediu a um aidético, que exibia as lesões físicas típicas da doença, que saísse da piscina do condomínio, a fim de não trazer riscos à saúde de outras pessoas, inclusive de uma moradora grávida. O aidético, que também era *gay*, contactou o grupo homossexual Fundo de Defesa Legal Lambda, que iniciou uma feroz ação legal contra a mulher. O que esse aidético esqueceu de mencionar é que, mesmo deixando totalmente de lado a questão da transmissão da AIDS numa piscina, os portadores dessa doença, devido à baixa resistência aos germes e infecções, carregam uma série de outras doenças que podem facilmente contagiar outros ali. Isso sem mencionar os problemas sanitários particulares de quem pratica a sodomia...¹⁴

O Homossexualismo e as Conseqüências Sociais

Em julho de 1991, a polícia de Milwaukee, EUA, prendeu Jeffrey Dahmer, com o qual foram encontradas algumas caveiras humanas, cabeças e outras partes de corpos. Dahmer não só matou dezessete homens e meninos, mas também cozinhou e comeu pedaços deles. Na Rússia, em 1992, Andrei Chikatilo foi condenado por haver estuprado, matado e comido partes de pelo menos vinte e um meninos, dezessete mulheres e quatorze meninas. Além da crueldade, Dahmer e Chikatilo tinham outra característica em comum: eles eram homossexuais.

De acordo com o Dr. Paul Cameron, diretor do Instituto de Pesquisa da Família de Washington, parece haver uma ligação entre o homossexualismo e o assassinato em série. Foi feito um estudo de 518 assassinatos com conotação sexual cometidos nos Estados Unidos entre 1966 e 1983. O levantamento revelou que 350 vítimas (68% delas) foram mortas por homossexuais. Dezenove dos 43 assassinos (44% deles) eram bissexuais ou homossexuais.

Coincidência ou não, todos os seis maiores assassinatos em série dos Estados Unidos foram cometidos por *gays*:

- Donald Harvey fez trinta e sete vítimas no Estado do Kentucky;
- John Wayne Gacy estuprou e matou trinta e três meninos em Chicago, enterrando-os debaixo de sua casa e em seu quintal;
- Patrick Kearney matou trinta e duas pessoas, cortando suas vítimas em pedaços depois de ter relações com elas. Ele deixava os restos delas em sacos de lixo ao longo de rodovias de Los Angeles;
- Bruce Davis estuprou e matou vinte e sete rapazes e meninos em Illinois;
- Uma quadrilha homossexual estuprou, torturou e matou vinte e sete homens e meninos no Texas;
- Juan Corona foi condenado por haver matado vinte e cinco trabalhadores migrantes. Depois tinha relações sexuais com os cadáveres.

A ligação entre o assassinato em série e o homossexualismo não é recente. Dois *gays* competem pelo título de maior assassino do mundo. Durante o terror nazista, Ludwig Tiene, executor de Auschwitz, estrangulava, esmagava e roía meninos e rapazes, enquanto os estuprava. O outro candidato homossexual, Gilles de Rais, matou brutalmente oitocentos meninos. Cada garoto era atraído à sua casa, onde recebia banho

e comida. Então, quando o pobre menino pensava que aquele era o seu dia de sorte, Gilles o estuprava e queimava, ou o cortava e comia.⁴

Tragicamente, a violência homossexual não tem se limitado aos casos de assassinato em série. Com o crescimento do movimento de direitos dos *gays*, o número de casos de homens e meninos violentados por homossexuais vem aumentando bastante nas últimas décadas. O mais alarmante é que entre 15 e 40% dos estupros de crianças há envolvimento de homossexuais. Um estudo revelou que 25% dos *gays* americanos confessaram que se relacionaram sexualmente com meninos.⁵

O estupro em qualquer idade é cruel e arrasa emocionalmente a vítima. Pode também levá-la ao homossexualismo. Conforme pesquisa realizada pelo Dr. Paul Cameron, quase metade das lésbicas contaram que foram estupradas quando eram meninas, e a maioria dos homossexuais adultos afirmou ter sofrido abuso sexual na infância. Com o estupro e o abalo emocional, sobreveio-lhes a baixa estima sexual, o que acabou contribuindo para a sua homossexualização.

Além da violência sexual, outro fator que torna o estilo de vida homossexual perigoso para a sociedade são as doenças. Os ativistas *gays* muitas vezes afirmam não ser da conta de ninguém o que um adulto faz na sua privacidade. No entanto os *gays* mantêm relações sexuais com inúmeros parceiros, aumentando o risco de contrair e espalhar doenças sexualmente transmissíveis.⁶

O caso mais conhecido é o de Gaetan Dugas, funcionário de uma empresa aérea canadense. As autoridades médicas que estudam a propagação inicial do vírus HIV consideram Dugas o primeiro portador da América do Norte.

Vários dos homossexuais que tinham AIDS citavam o nome de Dugas em sua lista de parceiros sexuais. De acordo com o repórter homossexual Randy Shilts, autor de *And The Band Played On: Politics, People, and The AIDS Epidemic*, Dugas contraíra a AIDS na Europa, onde ele mantivera relações homossexuais com africanos infectados. Depois então transmitiu a doença para muitos de seus parceiros homossexuais na América do Norte.

No início, quando os médicos lhe disseram que ele estava pondo vidas em perigo, Dugas respondeu:

“Tenho o direito de fazer o que quiser com o meu corpo.”

Essa resposta resume bem o que o movimento homossexual quer alcançar com suas campanhas e lutas por direitos e “justiça social”. “Podemos fazer o que quisermos”, dizem eles. E com suas práticas, constituem uma ameaça, não só para si mesmos, mas também para toda a sociedade.

As típicas práticas sexuais dos homossexuais são histórias de terror: eles trocam saliva, fezes, sêmen e sangue com dezenas de homens por ano. Eles bebem urina, ingerem fezes e experimentam trauma retal regularmente. Muitas vezes, nesses encontros, os participantes se encontram bêbados, drogados ou em ambiente de orgia.

Por causa desse estilo de vida, eles são particularmente suscetíveis a adquirir uma variedade de enfermidades intestinais viróticas e bacterianas. Essas doenças são tão comuns entre os homossexuais que a literatura médica americana as classifica conjuntamente como “síndrome intestinal *gay*”.

As infecções associadas à síndrome intestinal *gay* são facilmente transmitidas por manipuladores de alimentos e mediante contatos pessoais.

Além disso, como a hepatite, tanto a A, a B e a C, tem aumentado entre os homossexuais nos últimos anos, a população em geral também vem sendo atingida. As estatísticas do Centro de Controle de Doenças indicam, por exemplo, que a incidência da hepatite A está crescendo em várias regiões dos Estados Unidos. Pesquisadores do mesmo centro, no estudo “Homossexuais São Responsáveis Pelo Surto da Hepatite A em Clientes e Empregados dos Serviços de Alimentos”, documentaram os meios pelos quais “as práticas sexuais dos homossexuais masculinos... aumentam a transmissão da hepatite A”. O relatório revela que os homossexuais que estão com hepatite A e trabalham como manipuladores de alimentos propagam a doença entre outros funcionários e clientes.⁷

O homossexualismo, por ser contrário à própria natureza, é um campo fértil para muitos tipos de doenças transmissíveis. Tal é o caso da AIDS. Em fevereiro de 1990 os dados do Centro de Controle de Doenças indicavam que os homossexuais perfaziam a maioria dos casos de AIDS. Como está cientificamente provado, a AIDS é causada principalmente por comportamentos tradicionalmente prejudiciais à saúde (e imorais). A grande diferença entre a AIDS e as demais doenças sexualmente transmissíveis que têm surgido ultimamente é que a AIDS, aparentemente, é sempre mortal.

A maioria dos especialistas médicos concorda que a plataforma de lançamento da AIDS na sociedade foi a comunidade homossexual, onde o HIV se propagou rapidamente através da promiscuidade *gay*.⁸

Há uma ligação entre o crescimento do homossexualismo e o atual aumento na incidência de diversas doenças. As práticas sexuais dos homens homossexuais, envolvendo copulação oral após a sodomia retal assim como a contaminação dos dedos e das mãos durante os atos homossexuais, estão fazendo espalhar uma variedade de parasitas, bactérias e vírus pela sociedade.

Entretanto a AIDS traz o prognóstico mais assustador. O enfraquecimento do sistema imunológico humano, causado pelo vírus HIV, faz com que certos micróbios adquiram resistência aos medicamentos e se multipliquem de forma violenta.

Pesquisadores da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo prognosticaram, em 1987, que a AIDS aceleraria o crescimento de doenças como a malária, a tuberculose, a dengue, a febre amarela, etc. E é o que de fato acabou ocorrendo. Em 1991, o Dr. Lee Reichman, presidente da Associação Americana do Pulmão, declarou:

“Este pesadelo ameaça toda a saúde pública. Estamos voltando à Idade Média. Não temos mais controle sobre a tuberculose. Antes ela era uma doença que se podia evitar e curar, mas agora está dominada por organismos resistentes à prevenção e à cura.”⁹

De acordo com o jornalista Gene Antonio, desde 1990 centenas de pacientes e médicos têm contraído a tuberculose nos hospitais dos Estados Unidos. Formas mortais da tuberculose, resistentes às drogas, estão explodindo nos hospitais americanos, ameaçando pacientes, funcionários, médicos e visitantes, e a AIDS está diretamente relacionada com esse fato.¹⁰

As notícias mais recentes revelam que a tuberculose encontra-se agora fora de controle no mundo inteiro.¹¹

Já que a AIDS, além de ser uma doença perigosa, também torna outras enfermidades ainda mais graves, o bom senso diz que é preciso encontrar uma solução eficaz para acabar com essa epidemia.

O governo e o movimento homossexual estão oferecendo a sua solução de sempre: educação sexual nas escolas, TV, etc. Essa educação, na qual o governo tem investido verbas monumentais, não só exalta a camisinha, mas também procura convencer a todos de que o preservativo é a melhor proteção contra a AIDS e outras doenças sexuais.

Ninguém pode negar que a camisinha protege. Protege, por exemplo, as pessoas da vergonha e do incômodo social de serem obrigadas a cessar seus relacionamentos homossexuais ou heterossexuais; neste último caso, fora da fidelidade conjugal.

As campanhas educativas do governo e das organizações não-governamentais não condenam as práticas sexuais erradas dos heterossexuais nem as dos homossexuais, que são a principal causa da presente crise. Condenam apenas a ausência da camisinha em seus atos. As propagandas de incentivo ao uso do preservativo são, por enquanto, o recurso empregado pelos pervertidos para proteger a liberdade e continuidade de suas relações sexuais não-naturais.

Mas será que a camisinha também protege contra a AIDS?

Há alguns anos, no Congresso Mundial de Sexologia, em Heidelberg, Alemanha, a Dr.^a Theresa Crenshaw, como palestrante oficial, perguntou a todos:

“Se você conquistasse o parceiro ou a parceira dos seus sonhos, e soubesse que tal pessoa é portadora do HIV, manteria relações sexuais com ele ou ela confiando na camisinha como proteção?”

Ela observou atentamente o auditório com oitocentos sexólogos, a maioria dos quais recomendava camisinhas a seus clientes. Ninguém se manifestou. Após longa demora, ela viu uma mão timidamente levantada no fundo do salão. Ela ficou irada. Disse-lhes que “é irresponsabilidade dar aos outros um conselho que vocês mesmos não seguiriam”.¹²

A maioria deles tinha bons motivos para não levantar a mão. Um estudo realizado na Flórida, EUA, com casais heterossexuais mostrou que 30% contraíram o HIV de seu cônjuge, embora soubessem que seu cônjuge era HIV positivo e usassem camisinhas com todo o cuidado. Isso não é, de modo algum, anormal, já que o vírus da AIDS é quatrocentas e cinquenta vezes menor do que o espermatozóide. A camisinha é falível até como método para impedir a gravidez. Aliás, um estudo revelou que as luvas cirúrgicas, que são três vezes mais grossas do que as camisinhas, têm vazado sangue.¹³

A noção de que usar o preservativo durante a sodomia anal é praticar sexo seguro é ilusória e perigosa. O governo dos Estados Unidos repassou \$2.000.000 de dólares em verbas para financiar um estudo do uso de camisinhas nas campanhas de prevenção ao vírus HIV entre os homossexuais americanos. Mas essa pesquisa teve de ser suspensa porque o vírus da AIDS se multiplicava de forma espantosa e a taxa de falha das camisinhas era tão elevada (durante a sodomia) que teria causado mais mortes do que proteção.¹⁴

As campanhas educativas de combate à AIDS, então, estão protegendo as condutas sexuais imorais e prejudiciais à saúde contra a desaprovação social. Estão também dando às pessoas uma falsa sensação de segurança. Muitos pensam que não precisam se preocupar em parar suas relações sexuais não-naturais, desde que usem a camisinha. É

esse engano que, de acordo com outro estudo, está predispondo os homossexuais portadores do HIV a continuar com suas práticas de “alto risco”.¹⁵

Portanto não é de estranhar que os casos de AIDS estejam aumentando tanto após anos de gigantescos gastos governamentais em campanhas de “prevenção”, onde se apresenta o uso da camisinha como a melhor proteção. Essas campanhas de sexo seguro violam o bom senso e os limites naturais da saúde sexual, pois não levam em consideração os seguintes fatos.

1. Todas as pessoas que têm contato sexual antes do casamento e fora da fidelidade conjugal correm o risco de ser contaminadas pela AIDS, independentemente da idade, sexo e religião.
2. A única forma de viver livre de contrair sexualmente a AIDS é a abstenção das relações sexuais antes do casamento e a fidelidade conjugal.

O fato é que, há milhares de anos, a relação sexual dentro do casamento heterossexual monogâmico é o único tipo de sexo seguro que a natureza tem reconhecido e respeitado nos seres humanos. Viver sexualmente em desarmonia com a natureza pode ser muito trágico, como bem comprovam as doenças venéreas. Existe um conhecido ditado que diz: “Deus sempre perdoa os nossos erros e os seres humanos às vezes nos perdoam. Mas a natureza jamais nos perdoa.”

Centenas de milhares de jovens homossexuais e heterossexuais hoje não estariam mortos, dizimados pela AIDS, se tivessem sido devidamente prevenidos de que o sexo sem compromisso poderia trazer-lhes um fim tão doloroso. E mais centenas de milhares não estariam agora contaminados pelo vírus mortal se as propagandas de “sexo seguro” não os tivessem incentivado a ter relações sexuais fora do casamento heterossexual. Qualquer outro tipo de relacionamento sexual é, sem dúvida, o maior aliado da AIDS e das doenças venéreas. (Veja o apêndice D.)

O Movimento Homossexual na Bíblia

A história que narramos a seguir ocorreu em Israel, cerca de 1.300 anos antes de Cristo. Certo levita e sua mulher tiveram de passar pelo território de Benjamin, em sua viagem para a região montanhosa de Efraim. Como já estava tarde e a viagem seria longa, eles resolveram parar em Gibeá para passar a noite..

Contudo um velho morador do lugar, sentindo pena deles, insistiu para que se hospedassem em sua casa, pois o levita planejava dormir na praça da cidade. “Certamente”, pensou o velho, “esse sujeito não sabe as coisas que ocorrem por essas ruas...”

Mas o que poderia acontecer de estranho numa cidade pequena como Gibeá? Não eram seus moradores da tribo de Benjamin, povo escolhido por Deus?

No passado, os homens daquela tribo eram soldados corajosos que marchavam sob a direção do Senhor. Entre eles, assim como em todo o Israel, nenhum tipo de pecado social era tolerado, nada que pudesse ameaçar a família. As crianças podiam brincar livremente na rua e as pessoas estavam sempre louvando o Senhor.

No entanto agora eles viviam em outro ambiente. A atmosfera dominante tornara-se diferente porque eles não eliminaram completamente a influência dos pagãos de sua região.. O fato é que os costumes dos cananeus que habitavam no meio do povo de Benjamin acabaram minando toda sua resistência moral. O homossexualismo, que era comumente praticado nas religiões cananéias, foi aos poucos se introduzindo na vida social do povo de Deus.

Como consequência, as ruas de Gibeá deixaram de ser seguras. Nelas agora rondavam estupradores homossexuais. Foi por isso que o velho se dispôs a acolher os viajantes em casa. Ele quis protegê-los de um eventual abuso sexual.

Entretanto, já abrigados em casa, eles foram surpreendidos com batidas insistentes na porta e homens do lado de fora gritando ao velho:

“- Traga para fora o homem que está na sua casa! Nós queremos ter relações com ele.”
(Jz 19.22 – BLH.)

Gibeá, antes cidade de moradores dedicados a Deus, encontrava-se agora dominada pela influência homossexual. Esse mal chegara a tal ponto que um servo do Altíssimo sofria ameaça de violência sexual na própria terra do Senhor! A tentativa de estupro contra o levita e o crime sexual que se seguiu fizeram com que todas as outras tribos de Israel se reunissem para exigir que aqueles homossexuais fossem punidos.

Contudo os habitantes de Gibeá se colocaram ao lado de seus cidadãos homossexuais. Aliás, toda a tribo de Benjamin não quis dar atenção aos outros israelitas, pois o

homossexualismo estava tão integrado em seu meio que, para eles, não havia razão para erradicá-lo só por causa de um crime cometido por uma minoria.

Mas o objetivo de Deus não era simplesmente castigar os excessos daqueles homens. Ele queria cortar o mal pela raiz.

Para que toda influência homossexual fosse arrancada do meio do povo de Deus, o Senhor ordenou que os benjamitas fossem combatidos. Na guerra que se seguiu, morreram quarenta mil soldados de Israel e vinte e cinco mil de Benjamin, sem mencionar as vítimas civis, que foram em número muito maior. Esse foi o preço que eles tiveram de pagar para deter a ameaça homossexual, e Gibeá, com seus costumes *gays*, foi totalmente incendiada. Quanto à tribo de Benjamin, que se posicionara a favor dos direitos dos *gays*, quase foi extinta.

A tragédia moral de Gibeá é um alerta para a comunidade cristã de todos os tempos. Ela mostra que não só a sociedade secular, mas também os próprios crentes são suscetíveis de perder a aversão pelas opiniões e práticas sexuais erradas. O ex-povo de Deus de Gibeá foi destruído porque não amou a Palavra do Senhor, nem obedeceu a ela.

Muitos hoje não querem dar atenção a esse alerta. Exemplo disso é o relatório de 1993, da Igreja Evangélica Luterana dos Estados Unidos, no qual se afirma:

“As pesquisas sociológicas e psicológicas modernas têm estabelecido a distinção entre a orientação homossexual e a atividade homossexual. Ninguém jamais soube disso antes. Os escritores dos livros da Bíblia certamente não sabiam disso. A orientação sexual não é algo que uma pessoa escolhe. Provavelmente, todas as pessoas nascem com uma orientação sexual particular, assim como algumas nascem com olhos azuis, outras com olhos castanhos...”³

O relatório então concluiu que há casos em que o homossexualismo não pode ser condenado. Em resposta, o Rev. Larry Christenson, famoso teólogo luterano, escreveu:

“Todo ser humano nasce com uma inclinação para o pecado. A orientação sexual não é uma distinção moderna que requeira uma reavaliação radical da atitude da igreja para com o homossexualismo. Essa é uma idéia que só prospera na mente de pessoas que querem colocar a teoria sociológica no lugar da teologia da Bíblia.”⁴

Como a tribo de Benjamin, algumas denominações evangélicas, acompanhando as tendências sociais, estão se tornando tolerantes para com o homossexualismo. Obviamente essa complacência é também um dos desejos do movimento homossexual. Conforme declara Paul Gibson, defensor dos direitos dos *gays*:

“Todas as religiões precisavam reavaliar o homossexualismo num contexto positivo dentro de seus sistemas doutrinários.”⁵

Como é que os cristãos poderão “reavaliar o homossexualismo num contexto positivo” quando seus sistemas doutrinários não estão de acordo com a relação sexual anal e oral?

A tradição cristã sempre se manteve fiel às verdades bíblicas em todas as questões acerca da sexualidade humana. Tertuliano, importante teólogo do passado, desaprovou as práticas homossexuais:

“... banimos... de toda a Igreja, pois elas não são pecados, mas monstruosidades.”

Martinho Lutero, pai da Reforma, também condenou o homossexualismo:

“O vício dos sodomitas é uma barbaridade sem paralelo... A sodomia deseja o que é totalmente contrário à natureza. De onde vem essa perversão? Sem dúvida vem do diabo.”⁶

Entretanto, muito antes da era cristã, o próprio judaísmo já se opunha a essa prática, sendo a única religião do mundo antigo a manter esse posicionamento. Na Grécia e em Roma, entre os fenícios e os cananeus, a preferência sexual de um homem por outro, ou a relação de um homem com um menino, não era considerada anormal.

O judaísmo foi a primeira religião a afirmar que as relações sexuais deveriam se confinar ao relacionamento conjugal. A Tora, a Lei de Moisés, condena os atos homossexuais classificando-os como “abominação”, termo reservado aos crimes mais graves. A Tora advertia aos judeus de que a terra prometida que estavam para herdar “os vomitaria”⁷ caso seguissem os costumes dos cananeus, um dos quais era a sodomia.

Para proteger seu povo de influências moral, espiritual e socialmente destrutivas, Deus prescreveu a pena mais rigorosa para as práticas homossexuais:

“Se um homem tiver relações com outro homem, os dois deverão ser mortos por causa desse ato nojento; eles serão responsáveis pela sua própria morte.” (Lv 20.13 – BLH.)

Portanto vemos que os homens que praticam o homossexualismo são condenados à morte, embora as mulheres sejam poupadas. Mas muitos têm tentado evitar o significado óbvio dessa passagem. Eles argumentam, por exemplo, que tal lei foi criada só para Israel, e não se aplica a mais ninguém. Contudo a Bíblia indica claramente o castigo de Deus contra outras nações que violaram essa lei. Aliás, o Senhor disse aos judeus que ele estava aniquilando os cananeus por causa de sua perversão sexual.

“Não imitem os costumes dos povos que eu vou expulsar dali, conforme vocês forem tomando posse da terra. Eu fiquei aborrecido com eles por causa das coisas imorais que faziam.” (Lv 20.23 – BLH.)

Logo que os judeus se estabeleceram na terra, Deus colocou suas leis como testemunho para os países vizinhos de Israel. Entendemos facilmente que o Senhor queria que suas leis anti-sodomia influenciassem e mudassem os costumes pró-sodomia daqueles países.

No entanto por que será que as leis bíblicas anti-sodomia só condenam os homens à morte? Já que o homossexualismo feminino é tão antigo quanto o masculino, seria lógico supor que Deus deveria também prescrever a pena capital para as lésbicas. Mas, estranhamente, ele poupa as mulheres. Será mero preconceito divino contra os homens? Se não, qual é o elemento que isenta as mulheres e condena os homens?

Para o Dr. Charles Provan, médico e escritor luterano americano, em ambos os casos o homossexualismo é considerado pecado pelos cristãos. Mas a razão por que na Bíblia elas não são condenadas à morte e eles, sim, é que no caso dos homens o sêmen é deliberadamente desperdiçado numa relação que, pela natureza, anula a fertilidade. Caracteriza uma violação clara do propósito de Deus para a sexualidade humana.⁸

Do ponto de vista do protestantismo histórico, a opinião do Dr. Provan está em plena harmonia com o melhor das tradições da Reforma. Todos os teólogos protestantes mais importantes do passado afirmaram categoricamente, com base em Gênesis 38.9,10, que

toda relação sexual em que a fertilidade é deliberadamente desperdiçada ou rejeitada em favor do prazer (como a masturbação, a relação anal e oral, o coito interrompido, etc.) perverte o ato sexual originalmente planejado por Deus.⁹

Lutero também mantinha essa posição. Para ele, o pecado dos homossexuais é comparado ao de Onã.¹⁰ E João Calvino, um dos maiores teólogos que a cristandade já conheceu, não só condenou o homossexualismo, mas também declarou que “o desperdício do sêmen... é algo monstruoso”.¹¹ Tanto Lutero quanto Calvino acreditavam ser o sêmen a semente da vida e, conforme seu posicionamento, o pecado de Onã e os atos sexuais dos homossexuais masculinos têm um elemento em comum: o desperdício intencional dessa semente.

Entretanto, independentemente da teologia protestante tradicional, até mesmo Sigmund Freud, psiquiatra e fundador da psicanálise, soube reconhecer o que é perversão sexual. Embora rejeitasse a tradição judaico-cristã, ele recomendou publicamente um critério útil pelo qual podemos avaliar as atividades sexuais. As seguintes citações são de uma série de palestras dadas por ele em Viena, Áustria, em 1917,¹²:

“Nosso dever é oferecer uma teoria satisfatória que esclareça a existência de todas as perversões descritas e explicar sua relação com a chamada sexualidade normal.

“Tais desvios do objetivo sexual, tais relacionamentos anormais ao propósito sexual, têm se manifestado desde o começo da humanidade em todas as épocas das quais temos conhecimento, e em todas as raças, das mais primitivas às mais altamente civilizadas. Às vezes têm tido êxito em alcançar a tolerância e a aceitação geral.

“Além disso, uma característica comum a todas as perversões é que nelas se coloca de lado a reprodução. *Este é realmente o critério pelo qual julgamos se uma atividade sexual é pervertida – quando ela não tem em vista a reprodução e vai atrás da obtenção de prazer independente.*

“Você entenderá, pois, que o ponto decisivo no desenvolvimento da vida sexual está em subordiná-la ao propósito da reprodução... tudo o que se recusa a se adaptar a essa finalidade e só é útil para a busca de prazer é chamado pelo vergonhoso título de ‘perversão’ e como tal é desprezado.”¹²

É claro que Freud não limita a definição de perversão sexual à homossexualidade apenas, mas suas observações indicam o principal motivo por que o homossexualismo está entre os comportamentos sexuais inaceitáveis. Deus não aceita essa conduta porque, embora esteja plenamente aberta ao prazer sexual, acha-se totalmente fechada à transmissão natural da vida. Essa também é a conclusão do relatório teológico “Sexualidade Humana”, preparado pela Igreja Luterana – Sínodo de Missouri, em 1981, o qual declara:

“... obviamente, um relacionamento homossexual não é procriador. E isso não é meramente por escolha ou acaso, mas porque a própria natureza do relacionamento não poderia, sob circunstância alguma, ser procriadora.” E é por isso que, no Antigo Testamento, Deus condena a relação homossexual com tanto rigor. Ela destrói desnecessária e deliberadamente a semente da vida, que foi criada por Deus para ser semeada somente na relação heterossexual monógoma, isto é, na relação conjugal de um homem e uma mulher fiéis um ao outro no casamento (cf. Gênesis 1.27,28 e Malaquias 2.15).

Portanto não devemos estranhar que Lutero tenha considerado os atos sexuais intencionalmente estéreis de Onã comparáveis à sodomia. Aliás, ele achava o comportamento sexual de Onã pior do que o incesto e o adultério. Mas não se deve fazer uma idéia errada da opinião de Lutero. Ele queria dizer que, embora o incesto e o adultério sejam pecados terríveis, pelo menos neles o ato sexual é praticado de maneira natural, deixando a natureza seguir o seu curso. Mas o que Onã fez impediu a ação criativa de Deus. Lutero, provavelmente, levou em consideração o fato de que Judá e Tamar tiveram parte numa espécie de incesto e adultério ao mesmo tempo, havendo até gravidez, e não foram mortos (cf. Gênesis 38). No entanto, Deus matou Onã, e o fez, conforme a opinião de Lutero, por perverter o ato sexual.

Contudo não é só a Bíblia, a tradição judaica e a cristã que condenam a sodomia. As próprias pessoas que já estiveram envolvidas na homossexualidade agora reconhecem que esse estilo de vida não é normal. Escrevendo na edição de março de 1991, da revista *Focus on the Family*, Bob Davies, que já foi *gay* assumido, afirma:

“Não existe nenhuma evidência conclusiva que prove que a pessoa nasça com a homossexualidade.”

E o artigo de Davies ainda revela:

“Não existe a tal ‘inclinação’ para com o envolvimento homossexual”, diz o Dr. George A. Rekers, professor de neuropsiquiatria da Escola de Medicina da Universidade da Carolina do Sul. “Pelo contrário”, continua, “há situações adversas na vida de uma criança que podem levá-la a tentações homossexuais. Tais fatores podem surgir dentro da família. Muitos homens homossexuais, por exemplo, nunca sentiram calor humano e aceitação por parte de seus pais. Alguns viveram com mães dominadoras e hostis. Outros fatores importantes são rejeição por parte dos amigos, violência sexual cometida por homossexuais, relações sexuais com indivíduos do mesmo sexo e ausência de uma educação sexual saudável. No caso da lésbica, a falta de união com a mãe muitas vezes leva a um sentimento de isolamento de pessoas do sexo feminino. (‘Nunca me senti como uma menina.’) Essa falta de identidade sexual também pode ser porque seu pai não lhe deu segurança e incentivo em sua identidade feminina. É muito comum um trauma sexual ser a causa da formação da lésbica. ‘Pelo menos oitenta e cinco por cento das lésbicas com quem converso foram vítimas de abuso sexual’, diz Darlene Bogle, conselheira na área de São Francisco. Essas questões, ainda que tenham raízes profundas, não são difíceis demais para Deus resolver. Ele é o ‘Deus da esperança’ (Rm 15.13).”¹³

O Cristão e a Homossexualização da Sociedade

A sociedade, de um modo geral, não parece inquietar-se com o movimento homossexual, nem com a existência de uma campanha deliberada para mudar a atitude das pessoas com relação ao modo de vida *gay*. Aliás, muitos cristãos acham difícil acreditar que uma minoria tenha poder suficiente para condicionar a maioria a aceitar passivamente o comportamento *gay*, vendo-o apenas como um estilo de vida alternativo.

A realidade, porém, está aí. Graças aos esforços de uma minoria, países como a Suécia, a Noruega e a Dinamarca, com população predominantemente evangélica, têm as mais avançadas leis de proteção ao homossexualismo do mundo.

Por que toda essa tolerância em nações com forte tradição evangélica? Porque, em parte, estes são os dias mais difíceis dos últimos tempos, nos quais as pessoas amam mais os prazeres do que a Deus. E, também, porque a cultura de Sodoma e Gomorra está se tornando a da sociedade moderna, na qual o conforto material é a principal preocupação.

Contudo parece haver também outro motivo para a aceitação do homossexualismo hoje. O Dr. Calvin J. Eichhorst, teólogo luterano americano, acha que “um dos fatores mais importantes na presente mudança de valores da sociedade é que o ato sexual está sendo totalmente separado da reprodução”.

Embora seja a favor da contracepção, o Dr. Eichhorst faz a seguinte pergunta:

“Mas, se o ato sexual perder seu propósito de procriar e em vez disso se tornar uma ameaça (por causa da chamada explosão demográfica), qual será o seu propósito?”

Ele afirma então que, se a finalidade do ato sexual é o prazer, “não há nenhum motivo forte por que deva ser mantido dentro do casamento, e nenhuma boa razão por que deva ser heterossexual. O contexto e o meio pelo qual se alcança o prazer deixa de ser importante. O fato é que o relacionamento homossexual pode ser visto como ideal, porque nunca apresenta o risco de produzir aquilo que traz para a humanidade a ameaça da explosão populacional: mais seres humanos. Nesse modo de pensar, pode-se evitar com eficácia o único mal que o ato sexual produz: o bebê.”³

A ONU empenha-se para deter o crescimento da população mundial por meio do controle da natalidade. Talvez, por isso esteja demonstrando crescente aceitação para com os relacionamentos sexuais estéreis, tais como o homossexualismo.

Essa aceitação vem sendo fortalecida pelas feministas dentro da ONU, as quais formaram importantes alianças com os controlistas* e os ambientalistas. Muito embora as três ideologias não concordem em todas as questões, sua coalizão tem como alicerce o apoio comum ao aborto. Os controlistas e os ambientalistas vêem o controle da

fertilidade como essencial para o sucesso de suas agendas e estão dispostos a utilizar a perspectiva de “gênero” para promover suas metas. A seguinte citação do documento “Perspectiva de Gênero nos Programas de Planejamento Familiar” (o qual foi preparado pela Divisão da ONU para o Avanço das Mulheres, para uso numa reunião organizada em consulta com o FNUAP) demonstra como esses indivíduos usam a palavra gênero no lugar da palavra sexo com propósitos suspeitos:

“A fim de serem eficazes a longo prazo, os programas de planejamento familiar não devem se concentrar apenas na redução da fertilidade dentro dos papéis de gênero existentes, mas principalmente na mudança dos papéis de gênero para diminuir a fecundidade”.⁴

Conforme a escritora Dale O’Leary afirmou sobre esse documento: “Obviamente, o aumento do homossexualismo, o aumento no número de esposas trabalhando fora do lar e a diminuição de mulheres vendo a maternidade como natural reduziria o tamanho da população mundial”. (*Idem.*)

O Fundo de População das Nações Unidas (mais conhecido como FNUAP), que ajudou a organizar a reunião feminista acima mencionada, também vem apoiando programas de treinamento de professores brasileiros. A finalidade é apresentar, aos estudantes adolescentes, questões como o aborto, os papéis sexuais, a contracepção e o homossexualismo, sem nenhum valor moral. Isso acontece, na maioria das vezes, sem o conhecimento e o consentimento dos pais, que talvez nunca cheguem a saber o que ocorre com seus filhos e filhas na escola. Mas para que as transformações alcancem toda a sociedade, o FNUAP recomenda:

“Os meios de comunicação de massa e as escolas podem ajudar a mudar as atitudes das pessoas para com a saúde reprodutiva* e as questões de gênero... os programas educacionais podem, por exemplo, atacar os estereótipos de gênero apresentando as mulheres como profissionais” que trabalham fora de casa e os homens criando os filhos e cuidando das tarefas domésticas.⁵

Em discurso na ONU, em 1995, a feminista americana Bella Abzug definiu a palavra “gênero”, tão usada nos documentos da ONU e tão pouco entendida pelas pessoas:

“*Gênero*: expressa a realidade de que os papéis e as condições das mulheres e dos homens foram inventados pela sociedade e estão sujeitos a mudança.”⁶

Abzug simplesmente crê que a vocação natural do homem para marido, cabeça e sustentador da família e a da mulher como esposa, mãe e dedicada ao lar em tempo integral são uma invenção da sociedade. E o que ela acha que deve mudar é principalmente a influência religiosa (de modo particular a cristã) que, apesar de todas as pressões e ataques sofridos, ainda insiste em sobreviver no pouco que resta de estrutura familiar e ordem sexual tradicional na sociedade moderna. Mas Abzug é mais conhecida por promover o aborto legal como direito básico de toda mulher. Ela tem lutado para que o aborto provocado seja um procedimento, cirúrgico ou químico, legalmente aceito como normal nos hospitais e clínicas médicas do mundo inteiro. (Veja o apêndice E.)

No entanto, conforme a moderna teoria feminista, a palavra “gênero” (assim como preferência ou orientação sexual) pode expressar uma variedade sexual muito mais ampla do que o restritivo masculino/feminino da palavra sexo. Poderia ajudar a equiparar o homossexualismo, o lesbianismo e outras perversões ao tradicional relacionamento sexual entre homem e mulher.

O fato é que o movimento homossexual e o feminista estão tentando minimizar as diferenças entre os homens e as mulheres no trabalho, lazer e moda. A finalidade é demolir os padrões sexuais tradicionais e criar um ambiente favorável à homossexualização da sociedade. Conforme diz o Dr. James Dobson:

“A tendência de misturar os papéis masculinos e femininos está em moda na sociedade atual. As mulheres jogam futebol e usam calças. Os homens assistem a novelas e usam brincos. Vê-se pouca identidade sexual no comprimento de seus cabelos, em suas maneiras, interesses ou ocupações, e a tendência é se igualar ainda mais. Tal falta de distinção entre os homens e as mulheres causa muita confusão na mente das crianças com relação à sua própria identidade de papel sexual. Elas ficam sem um modelo claro para imitar e acabam tendo de andar sozinhas como que cegas, à procura da conduta e atitudes apropriadas para elas.

“É quase certo que esse obscurecimento dos papéis sexuais está contribuindo para a explosão do homossexualismo e da confusão sexual que enfrentamos hoje. A História mostra que as atitudes unissex sempre apareceram antes da deterioração e destruição das sociedades que se deixaram levar por essa tendência. O Dr. Charles Winick, professor de Antropologia na Universidade Municipal de Nova Iorque, estudou duas mil culturas diversas e encontrou cinqüenta e cinco que se caracterizavam pela ambigüidade sexual. Nenhuma delas sobreviveu...”⁷

A eliminação das diferenças entre o sexo masculino e o feminino é extremamente prejudicial à saúde psicológica das crianças. Foi o que notou, por exemplo, certa mãe cuja filha de dez anos voltava da escola com atitudes cada vez mais hostis em relação ao trabalho doméstico como função da mulher. Depois de muito pesquisar, ela acabou descobrindo algo. Na sala de aula, a professora, sem o conhecimento dos pais, apresentava uma boneca e um boneco de papel nus. Os estudantes deveriam vestir-lhes uma roupa masculina de trabalho a fim de mostrar que ambos os sexos podem escolher qualquer profissão. Além disso, os livros didáticos só apresentavam figuras opostas aos papéis tradicionais, como a de um pai dando mamadeira ao bebê e a de uma mãe trabalhando como bombeiro. Tudo feito em nome da “igualdade sexual”.

A sociedade como um todo sente-se impotente diante das mudanças comportamentais que o feminismo e o homossexualismo tentam impor. Nesse clima, muitos cristãos, assim como Ló, simplesmente se acomodam, achando que pouco ou nada podem fazer.

Ló não era homossexual. O simples fato de viver numa sociedade onde o homossexualismo era aceito não o tornou um deles. Ele nem mesmo gostava do que faziam. “Todos os dias esse homem bom, que vivia entre eles, sofria no seu bom coração, ao ver e ouvir as coisas más que aquela gente fazia.” (2 Pe 2.8 – BLH.) Mas a sua passividade e inércia lhe custaram caro. Primeiro perdeu seus valores morais e espirituais,⁸ depois ficou sem a esposa,⁹ e, por último, sobreveio-lhe a ruína moral e espiritual de seu lar e filhas.¹⁰

O ambiente social de Sodoma e Gomorra foi bastante prejudicial à família de Ló. Extraíu-lhe lentamente toda força e resistência moral. Isso mostra como a mera aceitação do homossexualismo nas leis, costumes, religião e educação tem um efeito negativo sobre a saúde espiritual das famílias. O que Ló descobriu tarde demais é que a homossexualização da sociedade sempre acaba, de uma forma ou de outra, prejudicando a todos, mesmo a quem nada tem a ver com isso.

A realidade é que toda perversão sexual, hetero ou homo, traz graves conseqüências sociais. Vejamos, por exemplo, o que a Bíblia diz: "... os filhos de Deus tiveram relações com as filhas dos homens..." (Gn 6.4 - BLH.) Essa passagem, evidentemente, menciona relações sexuais contrárias ao padrão divino. E qual foi o resultado delas? "... o Deus Eterno viu que as pessoas eram muito más e que sempre estavam pensando em fazer coisas erradas." (Gn 6.5 - BLH.) Qual foi o tipo de mal que o Senhor viu? "... havia violência por toda parte." (Gn 6.11 - BLH.)

Essa sucessão continua em todo o Antigo Testamento: primeiro o pecado sexual, depois a violência. Como sabemos, os profetas denunciavam a idolatria associada a muitas práticas sexuais que havia em Israel. E qual era a conseqüência dessas perversões? Violência e abuso contra os órfãos, viúvas, idosos, pobres e doentes. O Antigo Testamento repetidamente deixa claro que a relação sexual independente dos princípios divinos abre espaço para a violência social.

Quando a promiscuidade sexual ganha lugar na vida de uma pessoa, é grande a probabilidade de virem experiências violentas em seguida. O rei Davi, por exemplo, cometeu adultério com a esposa de Urias. (Fase 1: pecado sexual.) Depois de fazer o possível para encobrir o pecado, ele planejou a morte de Urias. (Fase 2: violência.) Outro exemplo que é muito comum hoje em dia, e que resume bem as fases 1 e 2 são os casos de mulheres que têm relações sexuais ilícitas, engravidam e provocam aborto.

No Novo Testamento, essa mesma sucessão é apresentada de modo relevante para nossa época: "... Deus os entregou aos desejos dos seus corações para fazerem coisas sujas e para terem relações vergonhosas uns com os outros." (Rm 1.24 - BLH.) Que tipo de relações eram essas? "E também os homens deixam as relações naturais com as mulheres e se queimam de paixão uns pelos outros..." (Rm 1.27 - BLH.) As conseqüências dessas relações homossexuais aparecem em seguida, quando Deus declara que seus praticantes se tornam "... cheios de perversidade, maldade, avareza, vícios, ciúmes, crimes, lutas... Inventam muitas maneiras de fazer o mal..." (Rm 1.29,30 - BLH.)¹¹

Conforme o sociólogo Paul Marx declara:

"Até mesmo o pagão Sigmund Freud observou que 'o abuso do sexo sempre leva à violência'. Vendo os abortos, os estupros, a violência sexual contra as crianças, os suicídios e a pornografia, quem é que pode discordar disso?"¹²

Toda tentativa de conceder aceitação social e proteção legal à sodomia é como causar rachaduras numa grande represa que, caso se desmorone, acabará deixando toda a sociedade submersa na violência e no caos. A presente crise da AIDS bem pode ser um dos sinais disso. As autoridades médicas e governamentais nada fizeram para deter a promiscuidade homossexual durante a propagação inicial do vírus HIV no começo da década de 80. No início, a maioria esmagadora dos casos estava restrita aos

homossexuais masculinos. Agora a AIDS ameaça toda a sociedade, inclusive quem nada tem a ver com o homossexualismo. Lamentavelmente, a condescendência para com a conduta homossexual acabou favorecendo também a aceitação da promiscuidade heterossexual como sendo normal. Isso certamente contribuirá ainda mais para o aumento dessa e de outras doenças venéreas que evidenciam o desrespeito à natureza humana.

No passado, Sodoma e Gomorra chegaram a esse ponto. Seus habitantes acolheram a homossexualidade. Eles eram extremamente orgulhosos e apegados ao conforto material e ao lazer. À medida que o amor à sodomia aumentava entre eles, a preocupação para com os pobres e necessitados diminuía, e esses ficavam completamente esquecidos e abandonados. Enquanto uns tinham muito para gastar em extravagantes festas, orgias e turismo sexual, outros não tinham o suficiente nem para a própria sobrevivência! Podemos ver que Deus teve motivos de sobra para permitir a terrível destruição que visitou Sodoma e Gomorra.¹³

A versão primitiva do movimento homossexual, registrada em Gênesis 19, não contava com a infra-estrutura hoje disponível. Os ativistas atuais contam com a informática, a *Internet* e outros avanços tecnológicos. Mesmo assim, aquela onda primitiva teve força suficiente para submergir Sodoma e Gomorra na total indiferença a tudo o que era decente e ético. E depois ameaçou também alcançar outras cidades e afundá-las no mesmo caos.

O fato é que o antigo movimento homossexual conseguiu naquelas cidades exatamente o que o moderno deseja no mundo todo: eliminar toda e qualquer restrição moral e legal na área sexual dentro da sociedade. A finalidade é que as pessoas tenham liberdade, amparada por lei, de adotar estilos de vida contrários à natureza.

Por não haver cidadãos decentes lutando contra a ação política e social dos *gays*, Deus teve de permitir que grande catástrofe sobreviesse a Sodoma e Gomorra.

“O que aconteceu com Sodoma e Gomorra e as cidades vizinhas é, para nós, um exemplo do castigo do fogo eterno. O povo daquelas cidades sofreu o mesmo destino que o povo de Deus e os anjos sofreram, pois cometeram pecados sexuais e se engajaram em atividades homossexuais.”¹⁴

Entretanto não precisamos deixar que a moderna sociedade brasileira sofra o mesmo cataclismo, pois Deus deseja impedir o avanço do homossexualismo. Para isso, ele quer colocar em ação o seu plano, usando todo cristão brasileiro para a batalha espiritual.¹⁵

Onde essa guerra ocorre? No coração das pessoas. É exatamente aí que Satanás atua, cega o entendimento e faz com que queiram manter relacionamentos sexuais contrários ao propósito de Deus. “... o deus deste século cegou o entendimento dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo...” (2 Co 4.4.)

Nossa principal arma é o evangelismo, pois podemos derrotar o movimento homossexual ao ganhar os homossexuais para Jesus. Assim, eles serão sal e luz no mundo, pregando o evangelho e ajudando a mudar as leis de tolerância a esse mal.

Acima de tudo, a fim de podermos combater eficazmente essa perversão e ajudar na libertação daqueles que se acham acorrentados a ela, precisamos aprender a depender do Espírito Santo e a usar seus dons. A vida cristã sem a plenitude do Espírito deixa um testemunho religioso desinteressante aos olhos de muitos homossexuais que estão

sedentos por uma experiência real com o mesmo Jesus dos evangelhos, um Cristo vivo que cura e liberta. E, pior ainda, torna muitos cristãos inoperantes no meio de uma sociedade moralmente decadente.

Temos, pois, de escolher o tipo de testemunho que daremos nestes últimos dias. Podemos ficar apenas aborrecidos com o que ocorre ao nosso redor, como Ló, que acabou sofrendo grandes perdas pessoais por não querer intervir espiritualmente em sua comunidade imoral. Ou então assumimos a nossa responsabilidade de proclamar e demonstrar o evangelho do reino de Deus a todos os homossexuais. Só assim estaremos colaborando para destruir as cadeias que prendem esses indivíduos à homossexualidade e impedir a formação de “Gibeás” no meio da Igreja Evangélica brasileira.

Como cristãos, não podemos permanecer indiferentes à expansão do homossexualismo. Como movimento, ele ameaça o próprio alicerce da sociedade. Não há dúvida de que ele não tolera a família tradicional. Num congresso *gay* da Filadélfia, os participantes apresentaram a seguinte reivindicação:

“A abolição da família nuclear porque perpetua as falsas categorias de homo e heterossexualidade.”¹⁶

O movimento homossexual vê a família tradicional como inimiga de seus interesses. É que em lares saudáveis, o pai exerce papel de liderança, sendo para os filhos um modelo cristão de masculinidade. Neles, a mãe se dedica integralmente a dar instrução, amor e encorajamento aos filhos, sendo exemplo de dedicação ao marido. Dificilmente seus filhos experimentarão um desajuste que os leve à homossexualidade.¹⁷ Comprovadamente muitos homens e mulheres se engajam em movimentos feministas e homossexuais como conseqüência de algum trauma sofrido na infância ou adolescência. Pode ter sido a separação dos pais ou outro drama vivenciado.

No entanto essas pessoas desejariam, de um modo ou de outro, ser livres para ter uma vida normal. Em entrevista à revista *Veja*, de 31 de maio de 1995, Luiz Mott, presidente do Grupo *Gay* da Bahia e um dos principais porta-vozes do movimento de liberação homossexual do Brasil, revelou sua angústia ao tentar deixar a homossexualidade:

“Eu chorava, implorava a Jesus que me livrasse desse abominável pecado. Como tantos homossexuais, pensei em suicídio.”

Como não recebeu ajuda espiritual na Igreja Católica, Mott parece ter se endurecido contra a religião cristã e afirmou que encontrou um meio que o ajudou a aprender a aceitar-se do jeito que era:

“Através do marxismo, descobri o materialismo histórico, cheguei ao ateísmo, e a antropologia me deu o esclarecimento do relativismo moral sexual. Percebi que todos os meus medos e tabus eróticos eram todos culturalmente condicionados, sem nenhuma validade universal.”

Mas agora vamos conhecer a história de outro homossexual, um americano que viveu muitas das experiências e problemas de Mott.

Uma reportagem a respeito de David Davies saiu na revista *Focus on The Family*, de março de 1994. Ele conta que teve uma infância sem oportunidades de desenvolver um relacionamento saudável com o pai, que costumava embriagar-se e ser violento. Aos oito anos, David e dois amigos da mesma idade começaram a se relacionar sexualmente entre si.

“Minha família não freqüentava uma igreja. Mesmo assim minha consciência ainda me incomodava. Eu era jovem demais para compreender o que estava acontecendo, mas as coisas que fazíamos me levaram à conduta homossexual”, observa ele.

Na esperança de se libertar de seus desejos homossexuais, na adolescência ele começou a freqüentar uma igreja, mas, não encontrando as respostas que queria, acabou mais tarde envolvendo-se com a comunidade homossexual de São Francisco, a maior do mundo. Contudo os relacionamentos homossexuais nos quais ele mergulhou ali não lhe preencheram o vazio do coração. Ele passou a beber e a usar drogas. Fez nova tentativa de freqüentar uma igreja evangélica, mas isso só lhe causou mais confusão. Dois membros dela, que eram cristãos de posição e casados, convidaram-no para um relacionamento sexual secreto.

Entretanto o desespero do vício da bebida e das drogas levou-o a procurar respostas na Bíblia, onde, por um longo tempo, Deus tocou-lhe e orientou-o no seu desejo de achar cristãos de verdade. Algum tempo depois ele mudou-se para a Carolina do Norte. Depois de viver vários meses sozinho num quarto de pensão, certa noite resolveu ir assistir a uma apresentação musical realizada numa igreja da cidade. Eis o relato em suas próprias palavras:

“Naquela noite fiquei comovido não só com a letra das músicas, mas também com o espírito do povo. Quando voltei ao quarto, joguei fora a maconha, e disse: ‘Tá certo, Deus, eu quero ser limpo e conhecê-lo. O que devo fazer?’

“No domingo seguinte fui a essa igreja e novamente me receberam calorosamente. Nas duas semanas seguintes fui a todos os cultos do Centro Cristão Watauga e fiquei escutando – e observando – com toda a atenção. Após certo tempo, resolvi ir até o pastor e, apreensivamente, contei-lhe a respeito de minha homossexualidade. Para minha surpresa, ele não me condenou, mas respondeu a todas as minhas perguntas sobre o Senhor. Ele também ajudou-me a ver que minha homossexualidade era uma conduta que eu havia aprendido, e que eu podia tomar a decisão de abandoná-la.

“Então ele me orientou e eu me comprometi com a única pessoa que poderia preencher as necessidades do meu coração. Os meses seguintes marcaram o início de uma aventura maravilhosa, pois eu estava aprendendo a ser aceito com amor pela congregação. Comecei também a entender que os crentes precisavam de encorajamento para fazer amizade com quem está lutando com a homossexualidade.”

O pastor e a congregação estavam dispostos a aprender com o Senhor como ministrar a um homossexual que chegara à completa miséria moral. Com o bondoso e inteligente apoio deles, David passou a desenvolver uma amizade viva com Jesus Cristo, algo que ele pensava não ser possível. Mais tarde, preocupado com sua falta de jeito para iniciar um namoro com alguém do sexo oposto, ele recorreu ao Amigo através da oração:

“Senhor, não tenho capacidade de fazer isso. Por favor, traz até mim a mulher que queres que seja a minha esposa. E deixa bem claro quem é ela.”

E Jesus respondeu!

Hoje, há mais de dez anos casado com Freida, uma excelente e dedicada cristã, David Davies se alegra no que Deus pode fazer:

“Temos cinco filhos maravilhosos com idades variando entre quatro e onze anos. Eles me fazem lembrar diariamente da alegria que eu teria perdido se tivesse acreditado na

mentira de que os homens homossexuais não podem mudar. Louvado seja Deus, nós podemos mudar! Eu sou uma prova disso.”

David Davies é uma vítima a menos do homossexualismo. E tudo porque uma congregação cristã aprendeu a demonstrar Jesus a um pecador homossexual.

Nossos esforços para vencer o movimento homossexual têm de levar em consideração a conversão dos homossexuais. Caso contrário, estaremos correndo sério risco de perder a luta, pois só a transformação espiritual pode remover do indivíduo a causa do homossexualismo.

Portanto proclamemos e demonstremos que Jesus é a esperança de quem perdeu a identidade moral e sexual. Só ele pode perdoar, curar e renovar qualquer homem ou mulher que queira se livrar dessa perversão.

As Igrejas Cristãs e os Homossexuais¹

O homossexualismo surge no horizonte como uma das questões mais importantes e também mais debatidas que o mundo e as igrejas estão enfrentando, à medida que nos aproximamos do novo milênio. O teólogo Thomas Schmidt escreveu o seguinte: “Parece que o homossexualismo torna-se cada vez mais o campo de batalha para todas as forças que querem moldar o mundo do próximo século.”

Esse campo de batalha pode assumir várias formas, conforme já vimos anteriormente. Mas nosso interesse principal neste capítulo é alertar e capacitar o crente a ajudar os homossexuais que estão buscando Jesus. Como cristãos nascidos de novo, temos um chamado profético para nossa vida. Se quisermos viver esse chamado como um exército de guerreiros que traz cura e se desejarmos enfrentar a guerra que está sendo deflagrada, temos de deixar o Espírito Santo capacitar-nos para glorificar Jesus com a salvação de muitas vidas.

No centro dessa guerra estão os esforços do inimigo para manipular aqueles que se encontram oprimidos pelas lutas pessoais contra a atração que sentem por indivíduos do mesmo sexo. Usando essa vulnerabilidade, ele quer confundir e enganar os que buscam uma solução para suas inclinações. Uma de suas principais táticas é perpetuar a mentira de que Jesus Cristo é hostil aos que lutam com o pecado, ou que ele não quer ou não pode redimi-los e transformá-los.

Quando o Maligno alcança sucesso e faz o homossexual acreditar que a verdade e a graça de Jesus não são importantes, ele leva esse indivíduo a sentir-se livre e confiante em sua identidade homossexual. E ao experimentar sua primeira relação homossexual, faminto por intimidade com o mesmo sexo, ele é “batizado” no estilo de vida *gay*, ativando assim o plano de mudança elaborado pelo inimigo. Inicia-se um processo no qual a verdade se torna mentira e vice-versa. O que antes era um problema, um conflito ou um pecado para o homossexual, torna-se o lado mais importante de sua existência.

O movimento homossexual promove suas mentiras através dos meios de comunicação. São inúmeras informações “científicas” a favor do homossexualismo, apresentando-o como uma variação genética normal. Nesse sentido, concedem ao homossexual insensibilidade moral, livrando-o de se culpar pelas escolhas que determinam sua conduta e estilo de vida. Além disso, o distanciam do reconhecimento dos traumas e sofrimentos passados que deram origem à sua inclinação homossexual.

É preciso notar, porém, que embora as campanhas dos grupos ativistas estejam aumentando sua influência no modo como as pessoas vêem essa conduta, e na forma como o próprio homossexual se vê, o movimento ainda não conseguiu recrutar no Brasil um grande número de homossexuais para o seu radicalismo político e social. É que o homossexual brasileiro, pelo menos por enquanto, parece ter muito pouco interesse em envolver-se no movimento.

Esse desinteresse pode ser visto como um fator positivo para o evangelismo cristão, mas é difícil discernir um meio de aproveitar tal oportunidade. A maioria dos

homossexuais não está disposta a aceitar o que a Bíblia fala sobre seu estilo de vida. Um jovem ex-homossexual, por exemplo, comentou comigo que, mesmo sabendo que estava errado, ele não queria ouvir a verdade sobre a questão. Aliás, ele jamais aceitava que se falasse negativamente de suas práticas.

Tal resistência se transforma em atitudes mais determinadas e violentas quando um homossexual passa a integrar os grupos ativistas radicais que acusam as igrejas cristãs de fascistas e preconceituosas por aceitarem apenas a sexualidade bíblica. Para os *gays* que estão sob a influência direta do movimento, os evangélicos são hostis aos homossexuais.

Algumas denominações não estão conseguindo suportar esse tipo de acusação. Em seu esforço de promover a justiça social e serem socialmente relevantes, algumas delas têm se prostrado à versão do homossexualismo idealizada pelo Maligno. Elas têm incentivado uma falsa compaixão que, em nome do amor, dá sua aprovação “cristã” a todos os tipos de maldade moral, inclusive a sodomia. Como a igreja de Tiatira, elas levam os servos de Deus para o mau caminho, ensinando-os a cometer imoralidades (conforme Apocalipse 2.20-29). Muitas das igrejas pró-*gay* são presididas por pastores descontrolados em seus apetites sexuais. Eles abusam de sua autoridade usando suas ovelhas para satisfazer a própria sensualidade. Temos uma descrição desses líderes em Ezequiel 34.2-10. Há igrejas hoje onde prevalece a imoralidade sexual, sobre as quais o julgamento de Deus será grave. Em sua santidade, o Senhor não vai tolerar falsos ensinamentos e líderes abusivos que promovem a perversão sexual, inclusive as práticas homossexuais (conforme Apocalipse 2.21-23).

Contudo muitas igrejas erram tomando a direção oposta. Elas reagem ao movimento fechando suas portas para os homossexuais e se trancando em seu exclusivismo religioso, a fim de proteger sua moralidade. Esquecem-se de que foi a misericórdia de Deus que os salvou de seus próprios pecados. Essas igrejas não conseguem estender misericórdia aos necessitados e deixam-se dominar por um espírito hostil para com os que são diferentes. Pelo seu apego às tradições religiosas, erguem uma muralha entre elas e os pecadores. A menos que se arrependam, tais igrejas serão julgadas por esconderem dos homens o amor de Jesus, procurando proteger seu orgulho religioso.

Os cristãos conservadores não deveriam deixar de proclamar, com sabedoria, a verdade de Deus sobre a homossexualidade. Precisam ter em mente que o ensino bíblico é o mais adequado para desestimular a entrada de alguém no homossexualismo. É triste constatar que, na maioria dos casos, quem já está dentro da homossexualidade não busca Jesus para deixar seu estilo de vida. Muitos não sentem nem reconhecem que precisam libertar-se das suas inclinações sexuais erradas, e muitas vezes se enfurecem com a verdade bíblica. Por isso, a maioria das igrejas cristãs acha difícil alcançar diretamente os homossexuais com uma abordagem evangelística específica a essa questão.

Então como é que nós, cristãos, podemos alcançá-los e ajudá-los? Primeiramente, abrindo-nos para os ministérios do Espírito Santo. Em algum momento de sua vida, o homossexual vai procurar um meio de se ver livre da depressão, do alcoolismo, das drogas ou de outra opressão que o perturbe. Nesse estado de vulnerabilidade, ele estará aberto à possibilidade de recorrer a uma igreja cristã, desde que não seja bombardeado com argumentos contra o homossexualismo.

Ao receber assistência espiritual adequada para os problemas que o trouxeram à igreja, ele provavelmente se abrirá mais a Jesus. Com a ajuda do Espírito Santo e seus

dons, é possível levá-lo a experimentar o amor de Cristo. Assim, ele vai à igreja em busca de solução para um problema específico e acaba ganhando uma chance de sentir a misericórdia do Senhor. Essa oportunidade pode ser bem positiva e na maioria dos casos o homossexual só sente o desejo de abandonar seu estilo de vida depois de ter uma experiência real com Jesus.

O movimento homossexual está lutando para alcançar os homossexuais em geral, para transformá-los em militantes e protegê-los contra o evangelismo cristão. Enquanto a grande maioria dos homossexuais brasileiros ainda não foi apanhada na rede dos grupos ativistas radicais, precisamos aproveitar todas as oportunidades de alcançá-los. É preciso que o façamos mesmo que seja indiretamente, através dos serviços de aconselhamento que nossas igrejas oferecem aos angustiados e oprimidos.

Contudo não devemos cair no erro de aceitar o homossexual e, junto, o homossexualismo, nem no erro de rejeitar o homossexualismo e por conseguinte o homossexual. Em nosso esforço para ajudá-los devemos evitar os dois extremos, mediante uma abordagem equilibrada e criativa dirigida pelo Espírito Santo.

O engano do inimigo muitas vezes impede o homossexual de aceitar a verdade sobre o seu estilo de vida. Precisamos orar com o coração aberto e sensível a Deus e permitir que o Espírito nos guie e nos ensine estratégias inteligentes. Assim poderemos, com amor e prudência, levar à presença de Jesus a pessoa que vem até nossa igreja atormentada por pensamentos suicidas ou por outro tipo de opressão, mas que também se acha presa à ilusão homossexual. Vamos ajudá-la a resolver os problemas que a trouxeram a nós e permitir que o próprio Senhor toque em sua área sexual.

Só Jesus pode levar o pecador homossexual a um estado em que ele reconheça que precisa se libertar da homossexualidade. E só Cristo pode nos dar a compaixão divina de amar o pecador homossexual, ainda que sintamos natural repulsa por suas práticas sexuais nojentas. Esse não é de modo algum um desafio simples, mas precisamos compreender a verdade de que Deus nos salvou para alcançar outros. Por meio da libertação e salvação que nós mesmos recebemos através da cruz, podemos agora deixar que o Senhor nos levante como guerreiros que transmitem cura e libertação.

A compaixão nos impele a aceitar o desafio de trazer cura. Essa tarefa se torna ainda mais urgente quando sabemos dos esforços do inimigo para distorcer e finalmente destruir as criaturas de Deus, através das pretensões da identidade *gay* e do movimento homossexual. Conhecemos as mentiras do adversário quando vemos homens e mulheres assumindo uma identidade sexual que violenta o que o Criador tem de melhor para seus filhos e filhas. É doloroso contemplar tal cena, mas precisamos pedir a Deus que nos dê mais de seu próprio coração para experimentarmos profundamente sua compaixão e sermos levados a revelar Jesus a eles. Com a cruz diante de nós, não teremos medo nem julgaremos os cativos da identidade *gay*. Em vez disso, avançaremos em nome daquele que nos salvou e reivindicaremos para ele essas ovelhas perdidas. O Criador quer suas criaturas. Ele não quer que ninguém seja destruído pelos males desta geração.

Que as igrejas se disponham a receber os homossexuais com braços abertos e cheios de graça. Só assim eles terão a oportunidade de conhecer o bom Pastor e ser livres das forças carnis e demoníacas da identidade *gay* e do movimento homossexual.

O Cristão e o Bem-Estar Social

Muitos cristãos, lendo este livro, poderiam chegar à conclusão de que devem evangelizar toda a sociedade a fim de destruir a ameaça do movimento homossexual. É verdade que a conversão de todos os homossexuais tornaria irrealizável a homossexualização das leis, costumes, educação e igrejas cristãs, livrando assim a maioria da população das exigências tirânicas de uma minoria radical.

Entretanto precisamos compreender que embora nosso chamado principal seja levar o evangelho a todos os homens e mulheres que estão presos ao pecado do homossexualismo, é impossível garantir que todos aceitarão o evangelho e a libertação que Jesus Cristo oferece gratuitamente. E é justamente a compreensão dessa impossibilidade que torna muitos cristãos acomodados com relação à ação social, fazendo-os pensar que pouco ou nada podem fazer pelo bem-estar social. Eles acreditam que a única forma de ajudar a sociedade é o evangelismo direto. Retraem-se de toda ação social que não o inclua. Preferem isolar-se e não intervir nas questões e problemas de uma sociedade dominada e governada por pessoas determinadas a erradicar toda influência cristã e moral de nossa cultura, leis e costumes.

Sem dúvida alguma, só o evangelho pode libertar totalmente o homem de toda inclinação à perversão e à injustiça. Mas nem todos querem aceitar o amor, o perdão e a vida de Jesus Cristo. Isso significa que a sociedade não precisa de nenhuma ordem e que o cristão não tem mais nada a oferecer como cidadão?

Deus deu o evangelho para salvar, mas as leis ele deu para trazer ordem social. Para que as tendências pecaminosas, egoístas e destrutivas do ser humano não causem o caos na sociedade, as pessoas precisam ser governadas, ter uma legislação. A lei não foi dada para salvar, mas porque precisamos ser protegidos uns dos outros. A justiça tem de ser estabelecida por meio de uma legislação que proteja a sociedade daqueles que usam indevidamente sua liberdade e autoridade. É por isso que é necessária a pressão legal para inibir os indivíduos de matar, estuprar, roubar e cometer perversão. Sem essa ordem, a sociedade estaria condenada ao caos, cada um fazendo o que bem entendesse.

“Que todos obedeçam às autoridades. Porque não existe nenhuma autoridade sem a permissão de Deus, e as que existem foram colocadas por ele. Assim quem é contra as autoridades é contra o que Deus mandou, e os que agem desse modo vão trazer condenação para si mesmos. Somente os que fazem o mal devem ter medo dos governantes, e não os que fazem o bem. Se você não quiser ter medo das autoridades, então faça o que é bom, e elas o elogiarão. Porque elas estão a serviço de Deus para o bem de você. Mas, se você faz o mal, então tenha medo, pois as autoridades de fato têm poder para castigar. Elas estão a serviço de Deus e trazem o castigo dele sobre os que fazem o mal.” (Rm 13.1-4 – BLH.)

Contudo o movimento homossexual está lutando para que as leis sejam mudadas e favoreçam a sodomia, de modo que toda a sociedade seja legalmente obrigada a aceitar e respeitar essa e outras práticas. Embora a Bíblia ensine a respeitar as autoridades, ensina também que devemos fazer tudo o que estiver ao nosso alcance, como bons cidadãos, para que elas não sejam influenciadas e corrompidas por grupos radicais.

“Os que abandonam a lei (de Deus e dos homens) louvam os maus, mas os que guardam a lei (de Deus e dos homens) resistem a eles.” (Pv 28.4 – A Bíblia Ampliada – tradução do autor.)

Os que abandonam as leis tradicionais da sociedade, de proteção à família, louvam os adúlteros, os homossexuais e os pervertidos. Esses querem impor a toda a sociedade novas leis, que apóiem suas práticas e conduta. Mas Deus quer que ajudemos a conservar as tradicionais leis civis contra toda mudança para o mal. Não podemos permanecer de braços cruzados e permitir que corrompam à vontade a nossa legislação. “Quem não respeita a lei de Deus está do lado dos maus, mas quem lhe obedece está contra eles.” (Pv 28.4 – BLH.) Esse versículo ensina claramente que nós, cristãos, que somos obedientes às leis de Deus, assim como toda pessoa de boa vontade que zela pelas leis civis, temos o chamado e a responsabilidade natural de lutar contra os grupos que querem alterar nossa legislação e perverter a ordem social.

Os legisladores, os congressistas e as autoridades que conhecem a Jesus como seu Salvador devem assumir pública e corajosamente o exemplo de Daniel, sendo sal e luz na esfera governamental. Precisam preservar as leis civis que protegem a conduta correta e condenam a errada. Os professores e educadores cristãos precisam, em suas aulas, fazer uma distinção moral clara entre o que é certo e o que é errado ao tocar em assuntos como sexualidade, drogas, homossexualismo, etc. Os pastores precisam educar regularmente suas congregações a agir como bons cidadãos, ensinando-as a trabalhar, cada um em sua própria esfera e profissão, em defesa das boas leis civis. Devem instruí-las a se posicionarem contra toda inovação legal prejudicial à saúde social e, principalmente, ao bem-estar da família tradicional.

“Quando Daniel soube que o rei tinha assinado a ordem, voltou para casa. No andar de cima havia um quarto com janelas que davam para Jerusalém. Daniel abriu as janelas, ajoelhou-se e orou, dando graças ao seu Deus. Ele costumava fazer isso três vezes por dia.” (Dn 6.10 – BLH.)

Precisamos agir como Daniel. Ele jamais se omitiu da responsabilidade de influenciar sua geração na esfera social. Devemos, como Daniel, levar uma vida inteiramente dedicada à intercessão e ungir nossos esforços na área política com oração persistente.

“Em primeiro lugar, peço que orem por todas as pessoas. Peçam a Deus as coisas de que as pessoas precisam (iluminação para conhecer e viver a verdade de Deus), e sejam agradecidos a ele. Orem pelo presidente, pelos ministros, pelos governadores, pelos prefeitos e por todos os que ocupam posição de autoridade e elevada responsabilidade, para que na sociedade tenhamos uma vida tranqüila, sem agitações e pacífica, pois a intercessão pelos líderes é algo bom e agrada a Deus, nosso Salvador.” (1 Tm 2.1-3 – paráfrase.)

Nossas orações podem não salvar espiritualmente a sociedade inteira, mas podem levar os líderes de nossa nação, estado e cidade, a sentirem-se estimulados a zelar pelo bem-estar moral daqueles que estão sob o seu governo. Isso ajudará a eliminar as leis que toleram condutas erradas e a preservar as que promovem condutas corretas: “Para o Deus Eterno controlar a mente de um rei é tão fácil como dirigir a correnteza de um rio.” (Pv 21.1 – BLH.)

Quantos líderes civis causariam confusão social por meio de campanhas de “sexo seguro” se houvesse uma mobilização maciça e intercessão do povo de Deus em favor deles? Quantos teriam a coragem de sugerir a introdução de leis que toleram a sodomia, se houvesse um exército de guerreiros de oração em alerta?

Num artigo sobre como combater as tramas dos maus, o Pr. Ern Baxter revelou:

“Há mais ou menos um ano, tive uma visão durante uma conferência em Sydney, Austrália. Vi uma multidão feliz, alegre e, ao mesmo tempo, bastante ocupada com suas atividades pessoais. Eles pareciam muito alegres com tudo o que estava acontecendo. Enquanto esse numeroso grupo continuava se alegrando, uma garra feia e ameaçadora apareceu e tranqüilamente arrancou suas liberdades e direitos. Senti-me horrorizado, mas depois a visão mudou. Vi um pequeno grupo de pessoas que saiu da multidão para lutar contra a garra. A interpretação da visão é a seguinte. A multidão são os evangélicos, os carismáticos, os pentecostais, os que nasceram de novo. Ora, essa é uma multidão de gente boa. Sinto-me honrado de fazer parte dela. Mas estamos em grande perigo, pois não temos conseguido reconhecer e nos opor à garra do humanismo secular, dos órgãos governamentais moralmente decaídos que estão roubando nossos filhos (mediante uma educação sem valores morais), arruinando a nossa economia e violando as leis de Deus para o governo da sociedade. Estamos muito ocupados em nossas conferências, nossos momentos de confraternização e com nossas orações uns pelos outros. Contudo temos negligenciado nosso mandato de desafiar os governos da terra com o senhorio de Cristo. A visão foi bem séria para mim. Agora compreendo que o nosso ditado tem sido: ‘Leve a salvação para as pessoas, e Deus as levará para o céu. Enquanto isso, mantenha todos felizes.’ Mas somos sistematicamente roubados, violentados e explorados por uma minoria escandalosa que quase conseguiu extinguir a ética cristã (da sociedade)... Algo dentro de nós tem de se levantar para fazer oposição à feia garra do sadismo, do feminismo, do humanismo secular, das práticas econômicas ímpias e da pornografia. Precisamos parar de nos ver apenas como um grupo de pessoas sentadas num ponto de ônibus aguardando a hora de ir para o céu. Somos a esperança do mundo. Somos o sal da terra. Somos a luz do mundo...”¹

Não podemos forçar as pessoas a aceitarem o evangelho e assim serem libertas do pecado do assassinato, do estupro, do roubo e da perversão. Entretanto podemos e devemos nos esforçar para que a justiça seja estabelecida mediante leis que controlam e restringem toda tendência a esses pecados. Um bom sistema legal não exige perfeição, mas capacita os cidadãos a evitarem as condutas e práticas erradas e a se esforçarem para viver em obediência às normas sociais. E como resultado dessa obediência, geralmente podemos ter mais amigos, melhores empregos, segurança, liberdade para realizar nossos interesses e proteção para nossos negócios e propriedades. As leis dentro da sociedade, pois, existem para proteger seus cidadãos contra as ações e comportamentos prejudiciais a si mesmos e a outros. Elas podem não transformar as

peçoas, como faz o evangelho, mas pelo menos ajudam a impedir os maus de destruir a ordem social.

“Sabemos que a Lei é boa, se for usada como se deve. É bom lembrar, é claro, que as leis são feitas não para os bons, mas para os marginais e os criminosos... São feitas também para os que matam os seus pais, para os assassinos, os imorais, os perversos sexuais, os seqüestradores...”* (1 Tm 1.8-10 – BLH.)

Entretanto, para mudar essas leis tradicionalmente aceitas pela civilização ocidental, o movimento homossexual está contando com a disposição e a colaboração de autoridades que não possuem princípios morais. Essas nada têm de Deus, pois fazem leis que apóiam condutas erradas ou manipulam as leis conforme lhes convém. Acerca dessas autoridades o salmista diz:

“Tu não queres nada com os juizes desonestos, pois eles fazem a injustiça parecer justiça.” (Sl 94.20 – BLH.)

Quando as autoridades não aplicam rapidamente as leis ou as corrompem, as pessoas se sentem inclinadas a cometer erros com mais facilidade.

“Os maus não governarão para sempre a terra do povo de Deus; se eles governassem, até os bons começariam a fazer o mal.” (Sl 125.3 – BLH.)

“Por que será que as pessoas cometem crimes com tanta facilidade? É porque os criminosos não são castigados logo.” (Ec 8.11 – BLH.)

É por isso que os perversos, principalmente os grupos homossexuais de “ajuda” aos aidéticos, estão se sentindo mais à vontade. Falam publicamente de suas práticas, de sexo explícito e da camisinha como solução para a crise da AIDS, na TV, nos jornais e até mesmo nas escolas.

Contudo o salmista nos convida a não batermos em retirada nem permanecermos passivos diante dessas questões sociais: “Quem se levanta a meu favor contra os maus? Quem fica do meu lado contra os que fazem o mal?” (Sl 94.16 – BLH.) E Martinho Lutero vai mais longe ao afirmar que somos obrigados a trabalhar na justiça civil e que devemos promovê-la a todo custo, pois ela é extremamente útil e necessária para toda a sociedade e para o nosso próximo.²

A organização evangélica *Focus on The Family*, presidida pelo psicólogo Dr. James Dobson, tem se destacado internacionalmente. Desempenha importante papel de assistência espiritual e moral à família tradicional. Presta também um trabalho de defesa do bem-estar das famílias na esfera federal, estadual e municipal, e até mesmo legalmente nos tribunais. Tenta salvaguardá-las de influências prejudiciais como a pornografia (na TV, escolas, revistas, etc.), o feminismo e o homossexualismo. Nesse último caso, *Focus on The Family* tem assumido sua responsabilidade social de modo equilibrado e cristão, evangelizando os homossexuais e encaminhando-os para líderes cristãos ex-homossexuais para receberem ajuda e libertação. Na área de ação social, trabalha com outros ministérios evangélicos para que o Congresso americano detenha a aprovação de leis que favorecem a sodomia ou facilitam a entrada das pessoas nessa

perversão. Esse equilíbrio saudável, aliás, é de vital importância para a sobrevivência da igreja e da sociedade nestes últimos dias.

A *Focus on The Family* não tem sido tímida em apresentar a verdade médica acerca da camisinha como meio de proteção contra a AIDS:

“A Dr.^a Susan Weller, da Divisão Médica da Universidade do Texas, Galveston, revisou os dados de onze estudos selecionados sobre a eficácia real da camisinha. Ela constatou que os preservativos têm uma taxa média de falha de 31% na proteção contra o HIV. A Dr.^a Weller relata que ‘as pesquisas contraceptivas indicam que as camisinhas têm 90% de eficiência em impedir a gravidez. Isso leva muitas pessoas, até mesmo médicos, a presumirem que elas impedem a transmissão do HIV com o mesmo grau de eficácia. Contudo os estudos acerca da transmissão do HIV negam essa suposição.’”³

Recentemente, a revista *Focus on The Family* mencionou que o ex-promotor público Alan Sears está oferecendo treinamento para os cristãos agirem em questões em que os grupos homossexuais queiram perverter ou mudar a legislação:

“Estamos falando sobre fazer algo em situações em que nenhum outro grupo está se envolvendo – disputa de guarda dos filhos em que pais homossexuais estão levando aos tribunais a ex-esposa cristã para obter a guarda legal dos filhos”, disse Sears. “Ninguém está ajudando essas mães. Se decidirmos ficar fora dessa luta, todos perderemos”, declarou Sears.⁴

Contudo a ação social cristã não é um conceito novo. Carlos Finney foi um dos maiores pregadores americanos do século XIX e reitor da Universidade Oberlin, em Ohio. Ele cria que o movimento que apoiava a escravidão em seu país estava errado. Então, secretamente, ajudou a libertar muitos escravos, embora isso fosse proibido por lei, pois os negros eram considerados apenas propriedade dos brancos. Finney aconselhava os cristãos a se envolverem na política para acabar com a escravidão e outros males aceitos pela sociedade. Disse ele:

“A igreja tem de ocupar lugares estratégicos na política... Chegou a hora de os cristãos votarem em candidatos honestos, e ocuparem espaço com firmeza nessa área... Deus poderá abençoar ou amaldiçoar essa nação, dependendo de como os cristãos agirem na vida pública.”⁵

O que Finney diz faz muito sentido. Nós, cristãos, temos de fazer nossa parte para impedir que o movimento homossexual influencie e corrompa a legislação, a educação e a sociedade em geral. Assim, estaremos ajudando também a proteger a integridade moral e física de homens, mulheres e crianças. É necessária essa proteção contra leis e estímulos sociais e educacionais que encorajam a sodomia.

Graças ao testemunho dos cristãos que não têm medo de agir no âmbito político e social, em 1986 o Supremo Tribunal dos Estados Unidos, ainda que sob intensa pressão dos grupos homossexuais, pôde declarar acerca da sodomia:

“A condenação dessas práticas está firmemente arraigada na moral judaico-cristã e nos padrões éticos.”⁶

Decisões judiciais corretas devem ser plenamente apoiadas por todos os cristãos, pois quando os maus têm liberdade para legalizar práticas erradas, até quem é correto pode também acabar fazendo o que é errado! “Os maus não governarão para sempre a terra do povo de Deus; se eles governassem, até os bons começariam a fazer o mal.” (Sl 125.3 – BLH.) No entanto, se o crente começar a achar que Deus só se preocupa com seus assuntos espirituais (graça, perdão, dons espirituais, etc.), provavelmente abandonará as questões sociais (aborto, eutanásia, feminismo, homossexualismo, etc.), e se isolará da sociedade secular. Na melhor das hipóteses, tal cristão poderia se preocupar com essas questões só dentro da igreja e não sentir nenhuma necessidade de assumir responsabilidade por elas na sociedade. Ele exalta a fé e condena a razão.

Mas nesse processo, ele acaba rejeitando também o que Deus criou. Ele se recusa a fazer sua parte para que o bem-estar social seja alcançado. E isso não se chama fé, mas desobediência.

Edmund Burke, grande estadista inglês (1729-1797), declarou algo que é útil também aos cristãos de hoje, que não sentem necessidade de trabalhar pelo estabelecimento e preservação da justiça social:

“A única coisa necessária para que o mal triunfe é os bons não fazerem nada.”⁷

Em outra ocasião, o Sr. Burke explicou a função das leis dentro da sociedade:

“Qual a consequência da liberdade quando as pessoas não têm bom senso e integridade? Os maiores males possíveis, tais como falta de juízo, pecados sexuais e loucura, sem limites.

“As pessoas têm direito legal à liberdade civil na proporção exata de sua disposição em colocar limitações nos próprios desejos sensuais...”

“A sociedade não tem condições de existir sem que haja algum tipo de autoridade que controle a vontade e os apetites sensuais das pessoas. Quanto menos responsabilidade as pessoas têm em sua vida particular, mais controle deve existir na sociedade.

“Está ordenado na eterna constituição das coisas que as pessoas que não controlam seus desejos e apetites sensuais não sejam livres. Suas paixões fazem suas algemas.”⁸

Portanto precisamos compreender que a razão e as leis são bons instrumentos para se manter em ordem e sob controle os relacionamentos dentro da sociedade secular.

É claro que uma lei não pode obrigar um homem a ser heterossexual. Mas, dentro de limites razoáveis, ela pode impedi-lo de ser física e psicologicamente destruído pelo homossexualismo. Com certeza, pode impedir a aceitação de sua destruição e a de outros na sociedade, principalmente crianças inocentes.

E, o mais importante, a lei pode proteger muitas famílias vulneráveis contra o mesmo enfraquecimento moral e desordem social que o movimento homossexual provocou em Sodoma e Gomorra.

Ação Cristã:

Educar é Preciso

A educação sobre o uso da camisinha para estudantes adolescentes não visa à erradicação das epidemias sexuais. Determina, sim, a normalização da nova ética: que a relação sexual não precisa mais ser conjugal para ser socialmente aceita. Esse fato é tudo o que precisamos saber sobre as campanhas de uso do preservativo voltadas ao público adolescente.

Nos Estados Unidos, devido à politização da AIDS, meninos e meninas de onze anos têm sido expostos, na escola, a aulas em que a professora explica sem rodeios como ter relação anal e oral “segura”. As organizações *gays* distribuem camisinhas nas salas de aula. Tal iniciativa dos ativistas está melhorando a imagem do homossexualismo e ganhando aplausos da sociedade, por causa da suposta preocupação que o movimento está demonstrando para com a saúde sexual dos jovens. Por sua vez, o Brasil não tem oposto resistência alguma ao modelo americano de educação sobre a AIDS nas escolas.

No entanto podemos imitar os americanos no que é bom. Graças à ação social de pais e advogados preocupados com o bem-estar dos jovens, em 1993 o Supremo Tribunal de Nova Iorque declarou que as escolas públicas nova-iorquinas estão:

“... proibidas de dar camisinhas para estudantes menores de idade sem o consentimento prévio de seus pais ou guardiães...”

“O programa de distribuição de preservativos equivale a desculpar a promiscuidade e permissividade sexual. A exposição a camisinhas e sua fácil disponibilidade podem incentivar os adolescentes a ter relações sexuais mais cedo e com mais frequência, enfraquecendo assim seus valores morais e religiosos...”

“O tribunal concorda que dar camisinhas aos estudantes a pedido deles não tem relação alguma com educação...”

“Os pais não são obrigados pelo governo a mandar seus filhos para um ambiente onde eles terão permissão, ou até mesmo incentivo, para obter anticoncepcionais, se os pais desaprovam isso de acordo com sua convicção pessoal... Nenhuma autoridade judicial ou legislativa orienta ou permite que os professores e outros educadores dêem camisinhas aos estudantes menores de idade sem o conhecimento e o consentimento dos pais. E também acreditamos que eles não têm nenhuma autoridade inerente para fazer isso...”

“Os pais gozam uma liberdade legal reconhecida de criar e educar seus filhos de acordo com sua própria maneira de pensar. A Constituição dá a eles o direito de controlar a conduta sexual de seus filhos o melhor que puderem.

“Não se pode apontar a ameaça da AIDS como motivo para forçar os pais a renunciar seu direito de educar os próprios filhos – especificamente, seu direito de influenciar e guiar a atividade sexual de seus filhos sem interferência estatal...”

Qualquer esforço para introduzir valores morais nas escolas de hoje equivale a restaurá-las ao seu estado original. A verdade é que as primeiras escolas públicas ocidentais, cujos modelos nasceram nos países protestantes da Europa, sempre estiveram intimamente ligadas às igrejas cristãs. O ensino dessas instituições era naturalmente norteado pelos fortes padrões éticos da Bíblia. E estes eram mais do que suficientes para proteger as crianças das drogas, da atividade sexual pré-conjugal, da gravidez precoce, das doenças venéreas, etc., problemas que assolam os estudantes de hoje. Mas já no século XVI, Martinho Lutero se preocupava que tudo estaria arruinado se a Bíblia deixasse de ser o alicerce principal da educação. Disse ele:

“Temo que as escolas acabem mostrando no final que são as grandes portas do inferno, a não ser que elas se dediquem diligentemente ao trabalho de explicar as Escrituras Sagradas, gravando-as no coração dos jovens. Não aconselho ninguém a colocar seu filho num lugar em que a Bíblia não reine de modo supremo. Toda instituição, na qual as pessoas não se ocupam mais e mais com a Palavra de Deus, está condenada a se corromper.”²

Séculos mais tarde, o comunismo, o fascismo e o nazismo estabeleceram, de forma compulsória, a educação primária sem a Bíblia. Arrancaram o direito prioritário dos pais na formação moral e ética de seus filhos. Nasceu, assim, o moderno sistema educacional, no qual as igrejas cristãs não têm mais papel predominante, no qual o controle e as decisões importantes pertencem ao governo. Foi assim o fim da histórica ligação igreja/escola e o começo do casamento governo/escola, uma união que, comprovadamente, tem sido um desastre para a saúde física, moral e espiritual de milhões de crianças da nossa geração.

Contudo, só porque o Estado moderno limita a atuação das igrejas cristãs na esfera da educação pública e não reconhece mais as contribuições históricas do cristianismo, isso não significa que Deus quer que recuemos. Todo espaço que as igrejas desocupam na educação é inevitavelmente ocupado pelos movimentos radicais, o que de fato já está ocorrendo. Embora seja muito difícil restaurar às escolas sua ligação tradicional com os valores bíblicos, os pastores e outros líderes cristãos deveriam equipar os professores públicos de suas congregações, no mínimo, com um exemplar de *O Movimento Homossexual*. Eles poderão, assim, se conscientizar do que está acontecendo e terão condições de exercer uma influência moral positiva na vida de seus alunos.

Os cristãos que ocupam cargos públicos deveriam também ser incentivados a trabalhar para que o Estado seja liberto da pressão de grupos radicais que se aproveitam dele para controlar as escolas, separando a educação da ética cristã e interferindo na sexualidade das crianças.

É verdade que muitas vezes a escuridão ameaça cobrir toda a sociedade, mas o cristão que possui cargo no governo tem a oportunidade de deixar Jesus brilhar através dele. Ele deve procurar manter seu brilho, mesmo que isso lhe custe a estigmatização social.

Dee Jepsen, que foi assistente especial do presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan, dá o seguinte testemunho:

“Quando eu estava na Casa Branca, no sofisticado ambiente de Washington, uma pessoa perderia a aprovação dos outros caso se opusesse ao aborto provocado e dissesse que, muito embora Deus ame os homossexuais, o homossexualismo é pecado. Lembro-me de que fui entrevistada por um repórter liberal e eu sabia que ele ia tentar me ridicularizar. Ele perguntou qual era a minha opinião naquelas duas questões, e tive de dizer a ele o que pensava, sabendo que provavelmente eu seria severamente repreendida, o que de fato aconteceu. Mas a vida é assim. Sou uma pessoa que prefere viver longe da vida pública. Se pudesse fazer o que quisesse, eu sumiria para me dedicar a ler, estudar, escrever e pintar. Mas não é para isso que estou na política neste exato momento. Só ficaria satisfeita se fizesse o que, em minha opinião, o Senhor quer que eu faça. Seja qual for o preço a pagar, tenho de saber que estou fazendo o que Deus me manda fazer.”³

Entretanto não precisamos esperar tornar-nos importantes na política para confrontar o mal. Nos Estados Unidos, um número considerável de pais e mães estava se sentindo incapaz de proteger seus filhos das organizações não-governamentais. Refiro-me àquelas que se aproveitam do Estado para promover sua visão liberal de aborto legal, sexo sem casamento e homossexualismo nas escolas. Esses pais e mães resolveram agir. Eles fundaram o *homeschooling*^{*}, um movimento de escolarização doméstica em que os pais, na maioria evangélicos, têm o direito de ensinar os filhos em casa.

A vantagem do *homeschooling* é que os pais têm controle direto sobre a formação moral e ética dos filhos. E estes não serão expostos às drogas, aos ensinamentos imorais e à permissividade tão comuns nas escolas públicas. Além disso, existem excelentes livros didáticos desenvolvidos especificamente para esse tipo de educação. As crianças que estudam em casa recebem normalmente o diploma, pois esse sistema educacional é legalmente reconhecido pelo Ministério da Educação dos Estados Unidos. Atualmente são quase um milhão de crianças americanas no *homeschooling*, e um de seus endereços na *Internet* é: <http://www.home-school.com>.

Esperamos não precisar recorrer a esse sistema no Brasil. Mas a verdade é que, já que as igrejas cristãs foram o fator decisivo na formação das escolas públicas, seria natural que os valores bíblicos fossem devolvidos às salas de aula de nosso país. Só os valores bíblicos podem preencher o vazio moral e ético que a sociedade e o Estado estão sentindo na educação pública. O governo jamais teve condições de preencher esse vazio. Sua suposta “neutralidade moral” é a causa de seu fracasso educacional.

Se, por exemplo, uma criança apresenta um problema de desorientação sexual, a única coisa que o Estado pode fazer por ela na escola é encaminhá-la ao psicólogo. Esse, em vez de ajudá-la a compreender o que é certo e errado na sexualidade, fará com que se sinta bem com qualquer inclinação sexual que ela tiver. A educação sexual nas escolas tende a seguir o mesmo rumo, o que inevitavelmente deixará os estudantes com pouca ou nenhuma motivação para evitar o homossexualismo e o sexo antes do casamento, principalmente porque o governo tem sido pressionado a não permitir que a moral cristã chegue à área do ensino.

No entanto, nas escolas dirigidas por igrejas cristãs, a criança com problema de desorientação sexual é encaminhada ao conselheiro, que lhe dará atenção, amor e orientação. O conselheiro a ajudará a entender sua sexualidade conforme a perspectiva saudável de Deus. Também orientará a família no sentido de amar e acudir essa criança, que então terá apoio e direção moral para tomar decisões acertadas.

Mas para que as crianças tenham a oportunidade de receber esse tipo de assistência e não se tornarem presas fáceis de ensinamentos imorais, as igrejas precisam assumir novamente sua responsabilidade. Elas precisam fundar e dirigir escolas com elevados padrões bíblicos, onde os estudantes tenham proteção contra as distorções éticas e a anemia moral da educação pública.

É verdade que a criação de escolas cristãs não resolverá completamente o problema de pessoas que adotam o homossexualismo e outras perversões. Mas pelo menos as crianças educadas em ambiente escolar fortemente evangélico desenvolverão recursos espirituais para evitar essas armadilhas da vida. E isso, com certeza, diminuirá muito ou até extinguirá sua disposição de se envolver com a sodomia.

Portanto o melhor investimento que as igrejas podem fazer é fundar escolas nas quais, como disse Lutero, os padrões bíblicos reinem de modo supremo. Investir em escolas é também investir em evangelismo, pois a maioria dos pais descrentes prefere colocar os filhos em escolas cristãs, já que eles reconhecem o perigo moral da educação pública.

Investir em escolas particulares é também investir na preservação da família e na formação de igrejas mais fortes. Que cada pastor, então, procure meios divinos e materiais para tornar realidade esse investimento. Que as congregações se unam para apoiar esforços nesse sentido. Que os empresários cristãos abracem essa causa. E que cada crente ore até Deus fundar em sua localidade uma escola particular onde a Bíblia seja o principal alicerce educacional.

Não sabemos se algum dia os valores cristãos serão restabelecidos nas escolas públicas. Só sabemos que a educação das crianças é muito importante para as igrejas e para a sociedade. Noah Webster, famoso educador americano e autor do mundialmente conhecido dicionário de inglês *Webster's Dictionary*, disse:

“Por esse motivo a sociedade requer que a educação dos jovens seja vigiada com a máxima atenção. A educação, em grande parte, forma o caráter moral das pessoas, e a moral é a base do governo.

“A educação tem, pois, de ser a principal preocupação dos legisladores. Eles não devem simplesmente se preocupar em estabelecer escolas, mas em colocar nelas os melhores cidadãos como professores. Um bom sistema educacional tem de ser o primeiro artigo de uma constituição; pois é muito mais fácil introduzir e estabelecer um sistema eficiente para a preservação da moralidade do que corrigir, mediante códigos penais, os maus efeitos de um sistema ruim.

“Ter um coração íntegro é infinitamente mais importante para a sociedade do que ter boas maneiras. Além disso, os sucessos superficiais alcançados não compensam a falta de princípios morais. É sempre melhor ser descortemente certo do que cortesmente errado...

“A educação dos jovens é uma ocupação mais importante do que a de fazer leis e pregar o evangelho, pois a educação firma o alicerce no qual as leis e o evangelho se apóiam para o sucesso.

“Acabar com os comportamentos errados aceitos e aprovados pelo povo é um trabalho mais importante para o caráter e felicidade de nossos cidadãos do que qualquer outra melhoria em nosso sistema educacional.

“Sem a Bíblia, a educação é inútil.”⁴

Mesmo que nós, cidadãos comuns, não tenhamos condições de fundar uma escola cristã, podemos pelo menos ajudar a promover o bem-estar social. Ajudemos e incentivemos outros cristãos a preparar os professores, advogados, juizes, educadores, empresários e outros líderes cristãos de nossa cidade, dando-lhes um exemplar de *O Movimento Homossexual*. Apoiemos e elejamos candidatos políticos íntegros, que não tenham medo de assumir um posicionamento firme em defesa da família e do bem-estar social. Jamais votemos em indivíduos que vacilam em questões como aborto, eutanásia, homossexualismo, etc. Além disso, adotemos espiritualmente um vereador, um deputado estadual e um deputado federal e oremos por eles. Podemos escrever-lhes, aconselhá-los sobre o que é certo e errado e dar-lhes um exemplar deste livro.

Os líderes políticos que votam a favor de projetos pró-sodomia recebem muito apoio. A maioria desses projetos é patrocinada, direta ou indiretamente, por entidades estrangeiras que são contrárias aos valores cristãos. Por isso, o mínimo que podemos fazer pelos políticos cristãos que defendem a família é investir neles nossas orações e cartas de incentivo. Um exemplar deste livro lhes dará uma idéia do que está ocorrendo e os animará a ajudar na quebra da pressão e da interferência do movimento homossexual na educação pública e a eliminar dela tudo o que favorece, ainda que discretamente, a perversão sexual.

George Grant, conhecido líder presbiteriano que trabalha pela preservação dos valores cristãos tradicionais, declara:

“O recurso mais importante que a família cristã tem que o movimento sexual jamais poderá confrontar ou subverter são os filhos.

“Herança do Senhor são os filhos; o fruto do ventre, seu galardão. Como flechas na mão do guerreiro, assim os filhos da mocidade. Feliz o homem que enche deles a sua aljava; não será envergonhado, quando pleitear com os inimigos à porta. (Sl 127.3-5.)

“É essencial, pois, que as famílias adotem todos os meios necessários para proteger seus próprios filhos, a fim de que eles sejam testemunhas da ética sexual bíblica. Os inimigos dessa ética estão bem cientes da importância da família cristã. É por isso que o *lobby* homossexual está tão empenhado em introduzir seus planos nas salas de aula, sob a máscara de educação de saúde ou educação sexual. O deputado federal William Dannemeyer diz:

“O fato óbvio é que eles vêem a educação sexual ‘explícita’ e ‘não-condenatória’ como meio de levar os jovens a conhecer as práticas dos homossexuais. Para ‘evitar o fanatismo’, as escolas públicas estão recebendo ordens de ensinar a hetero e a homossexualidade, sem parcialidade. Aliás, já que os homossexuais acham que são vítimas de ‘homofobia’ em todos os lugares por causa de ‘preconceitos religiosos arcaicos’, eles estão exigindo que sua conduta seja defendida e seus direitos reconhecidos nas salas de aula dos Estados Unidos. Nos currículos escolares, que deverão ser ‘livres de valores morais’, eles querem que a conduta homossexual seja tolerada e elevada ao nível de um imperativo moral.’

“O uso das escolas públicas para socializar as crianças na cosmovisão não-cristã não é nada novo. Recentemente, porém, a desmoralização desses estabelecimentos tem aumentado tanto, que mais e mais pais cristãos se vêem forçados a enxergar a realidade e estão procurando alternativas viáveis. De acordo com a Bíblia, a educação dos filhos é responsabilidade dos pais. Os filhos são aconselhados, não a manter companhia com os pecadores, mas a escutar seus pais. Esses não devem, portanto, entregar seus filhos a quem

passa seis horas diárias subvertendo a ética. Jesus acentuou a imensa responsabilidade que temos para com as crianças quando disse:

“Qualquer, porém, que fizer tropeçar a um destes pequeninos que crêm em mim, melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma grande pedra de moinho, e fosse afogado na profundidade do mar. (Mt 18.6.)

“Garantir uma educação cristã sólida para os filhos é uma tarefa vital que toda família cristã precisa colocar em prática. Essa educação tem de conter, além do ensino da leitura, escrita e aritmética, a apresentação de modelos bíblicos de papéis sexuais.”⁵

Ação Cristã:

Sarar é Preciso

Fala-se muito hoje em feridas emocionais. São traumas causados às pessoas que, de uma forma ou de outra, foram prejudicadas por alguém. Pode ter sido pelos pais, parentes, amigos, conhecidos ou mesmo estranhos. Parece que a maioria dos casos de problemas emocionais é os de crianças que foram física ou psicologicamente molestadas por pais alcoólatras. São histórias que envolvem relacionamentos tumultuados com pais insensíveis. São casos nos quais homens e mulheres levam na alma marcas dolorosas de todos os tipos de palavras e atos cruéis cometidos contra eles na infância.

Na verdade, se os cristãos não souberem ajudar as pessoas que se encontram nessas condições, eles poderão oferecer muito pouco aos homossexuais. É que esses têm de carregar, além da carga dos traumas dos pecados que decidiram cometer, também a dos traumas acima mencionados. Eles vivem emocionalmente presos aos pecados que cometem e aos pecados cometidos contra eles. Isso torna-os presas fáceis do movimento homossexual, cuja meta é alcançar e recrutar todos os homossexuais e usá-los para empreender a homossexualização da sociedade.

É claro que seria melhor ensinar as pessoas a evitar o homossexualismo do que remediar suas conseqüências. Mas nem todos têm acesso a uma igreja ou escola cristã que lhes forme o caráter. É preciso considerar a situação dos que já caíram na armadilha do homossexualismo e querem sair dela. Torna-se necessário ajudar a corrigir essa situação. No entanto é impossível corrigir emoções e atitudes anormais causadas por traumas passados, sem mudar o modo como lidamos com as recordações dessas experiências negativas.

Como, então, as igrejas podem ajudar os homossexuais? Primeiro, abrindo-se para o ministério de cura interior. John Wimber, ex-professor no Seminário Fuller nos Estados Unidos, define cura interior “como um processo no qual o Espírito Santo traz perdão de pecados e renovação emocional a pessoas que têm feridas na mente, na vontade e nas emoções”.

A cura interior não tem como objetivo eliminar de nós lembranças dolorosas. Sua finalidade é deixar que Deus as reestruture de tal maneira que elas deixem de ser fatores significativos no modo como sentimos, pensamos e agimos. As mágoas perdem o papel central em nossa existência e Jesus nos concede uma nova maneira de ver a nós mesmos (ver o que somos nele). Ele nos concede uma identidade transformada pelo perdão de Deus e livre dos traumas passados, por mais terríveis e injustos que estes tenham sido.

O homem ou a mulher que sofre de recordações tristes precisa experimentar o poder do Espírito Santo e o dom da fé para se libertar do passado e viver plenamente o presente. O elemento mais importante no processo de cura interior é a oração eficaz. Ela libera a ação sobrenatural do Espírito para tocar as feridas e mágoas mais profundas. Abre o coração dessa pessoa para dar e receber perdão, isto é, para perdoar aos outros o que lhe fizeram e perdoar a si tudo o que fez.

Além disso, os homossexuais que pedem ajuda precisam passar por uma terapia de conversão. Isso só é possível quando recebem acompanhamento pastoral apropriado e assistência espiritual. Eles precisam abrir o coração e a mente para a atuação do Espírito Santo e para acreditar que as promessas de Deus para eles são verdadeiras. Devem ser levados a ver que a transformação que Jesus oferece é real.

As feridas do passado afetam a capacidade de as pessoas crerem em passagens bíblicas como 2 Coríntios 5.17: “Quando alguém está unido com Cristo, é uma nova pessoa; acabou-se o que é velho, e o que é novo já veio.” (BLH.) Portanto as mágoas devem deixar de ser o centro da existência dos homossexuais. Para isso, as igrejas têm de ministrar a verdade de Deus sobre o modo como eles se vêem em Cristo e como eles crêem no que Jesus diz a seu respeito. Elas precisam ajudá-los a aceitarem plenamente o que o Senhor afirma sobre eles, a fim de obterem libertação total.

Durante a ministração da cura interior, o Espírito Santo poderá revelar a causa específica do comportamento homossexual de uma pessoa. Certa vez, por exemplo, pregamos o evangelho e oramos por um jovem, totalmente entregue à homossexualidade. Estava com AIDS e quase à morte. Sua avó, já falecida, era espírita e vivera um relacionamento adúltero com um homem casado. Nesse caso em particular, discernimos que havia o envolvimento de um espírito de adultério na família, e o jovem estava sofrendo as conseqüências dessa maldição.

Como podemos cuidar de casos assim? John Wimber sugere:

“Em muitos casos, tenho de assumir autoridade sobre problemas que foram passados de pais para filhos. Êxodo 20.5 diz: ‘... eu sou o Senhor, teu Deus, Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos até à terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem e faço misericórdia até mil gerações daqueles que me amam e guardam os meus mandamentos.’ (Veja também Êxodo 34.7.) O alcoolismo é um exemplo desse tipo de problema. Os filhos de alcoólatras têm 70% de chance de também se tornarem alcoólatras. Quando dou aconselhamento a adultos cujos pais foram alcoólatras (ainda que o filho não seja alcoólatra praticante), oro quebrando o poder e a influência desse vício que existe pelo fato de ele ter sido criado num lar com problemas de bebida. Eu digo: ‘Quebro o poder do alcoolismo em nome de Jesus, e libero você dos pecados dos seus pais.’ Essa é uma oração poderosa, mediante a qual tenho visto libertas de sua escravidão pessoas que lutavam para sair do alcoolismo e outras perversões caracterizadas pela compulsão, como a pornografia e o homossexualismo. Aos que sofrem de pecados sexuais compulsivos, cujas raízes vêm de seus pais, declaro cura para essa área. Se alguém, por exemplo, tem lutado para largar um pecado sexual, eu digo: ‘Senhor, peço que tu tragas cura e saúde aos órgãos genitais dessa pessoa. Purifica-lhe os órgãos com o poder do teu sangue.’ Em vários casos eles relatam mais tarde que quase todas as lembranças ou desejos de praticar tal pecado foram varridos, e sua orientação sexual se corrigiu, voltando ao normal. Alguns estão escravizados a certos pecados porque os têm praticado por muito tempo. Não conseguem se controlar e fazem compulsivamente algo que eles próprios odeiam. Geralmente não entendem por que agem assim e ficam frustrados e deprimidos com sua falta de domínio próprio... Creio que Deus nos deu autoridade para quebrar esses tipos de escravidão. Em Mateus 16.19 Jesus diz: ‘Eu lhe darei as chaves do Reino do céu; o que você proibir na terra será proibido no céu, e o que permitir na terra será permitido no céu.’ (BLH.) Essa autoridade que Cristo nos deu não é para determinar, mas para declarar... Isso é o que eu faço, declaro a verdade de Deus quando oro por alguém que está escravizado ao desejo de cometer fornicção e adultério.”²

Evidentemente, a apresentação do ministério de cura interior exige uma abordagem mais profunda do que o breve tratamento que oferecemos neste capítulo. Mas o leitor encontrará bons livros e seminários sobre o assunto. Apenas deixe que Deus o guie para estabelecer tal ministério em sua igreja, pois dificilmente poderíamos ajudar um homossexual eficazmente a não ser dessa forma.

A cura interior é a solução certa para o homossexual que está em busca de socorro, e é nosso privilégio e responsabilidade oferecê-la a ele.

Esperança Para o Homossexual

Nada revela melhor a tragédia do mundo em que vivemos do que a carta que um adolescente enviou à colunista de um jornal. Ele escreveu que estava sofrendo por causa dos desejos que sentia:

“Você precisa me ajudar! Tenho 15 anos e temo que eu seja *gay*. Não consigo deixar de me interessar por rapazes. Nem mesmo ousar tomar banho de chuveiro depois da educação física porque fico excitado. Estou apavorado. Não desejo isso. Insisto em não pensar dessa maneira, mas não consigo parar. Se não houver jeito de me endireitar, vou me matar.”¹

A colunista, em sua resposta no jornal, denunciou que o desejo de suicídio desse adolescente e de tantos outros em situação semelhante é causado pelo preconceito ao homossexualismo! Ela então recomendou que ele procurasse um grupo homossexual.

Não há como saber se esse jovem desesperado conseguiu perceber que o conselho que recebeu era enganador ou se acabou aceitando a mensagem clara da colunista:

“Você não tem outra escolha. Não poderá mudar a si próprio. Você não tem culpa. Tem de aceitar-se do jeito que é.”

Embora a finalidade deste livro seja dar aos cristãos uma visão clara do que é o movimento homossexual e capacitá-los a promover o bem-estar social, este capítulo é para você que está passando por dificuldades sexuais, mas não quer ser recrutado nem usado pelas organizações de ativistas *gays*.

Talvez você esteja sofrendo por causa de sua inclinação sexual e alguém também tenha lhe recomendado procurar um grupo homossexual. Ou, pior, pode ser que você tenha mergulhado na homossexualidade por acreditar não ter outra escolha. No entanto, se está em busca de ajuda, leia o testemunho a seguir, cujo autor é Andy Comiskey, um ex-homossexual que passou por todas as dificuldades pelas quais você está passando:

“Jesus já me procurava enquanto eu me envolvia na homossexualidade. Ele foi paciente com minha relutância em confessar meu pecado. Mas quando me arrependi, ele me aceitou e resolveu de modo compassivo o profundo trauma emocional que estava escondido por trás da minha perversão sexual. Ele perdoou o meu pecado e me deu completa saúde emocional e espiritual.

“Saí do homossexualismo e tornei-me um homem saudável. Já são cinco anos marcados por uma vida de obediência a Jesus e pela minha abertura a cristãos dignos de confiança. Minha realização se tornou plena quando me casei com Annette e tive quatro filhos.

“O Senhor me libertou da minha vida passada, presa ao medo e aos desejos sexuais incontroláveis. O amor de Jesus me libertou para identificar e renunciar percepções distorcidas de mim mesmo e de outras pessoas. Ele também me libertou para aceitar quem eu realmente era – um homem criado à imagem de Deus – e eu já podia me sentir alegre porque ele operou em mim uma restauração dos desejos e propósitos sexuais. Cada toque de cura do Senhor em mim levou-me a entender claramente o que o salmista quis dizer: ‘O Senhor faz justiça... a todos os oprimidos.’ (Sl 103,6.)

“‘Todos os oprimidos’ se aplica às pessoas que sofreram qualquer tipo de traumas sexuais, dos quais o homossexualismo é apenas um dos exemplos. ‘O Senhor faz justiça’ se aplica à mão que Jesus estende àqueles que foram violentados, que sofreram abuso sexual na infância e conseqüentemente carregam as marcas de tal violência: medo, vergonha e ódio de si mesmo. A mão de Jesus toca todo aquele que, inseguro de sua masculinidade ou feminilidade, sem pensar, entrega o próprio corpo a outras pessoas numa tentativa inútil de obter a segurança sexual que não tem. Jesus se coloca à disposição de todo aquele cujas feridas interiores e necessidades insatisfeitas o impele a pecar, envolvendo-se sexualmente com outros de modo errado ou se entregando ao desprezo de si mesmo.

“O amor de Jesus é mais poderoso do que as garras do pecado sexual. O Senhor está em busca dos que se acham cercados pelo medo e pelos desejos sexuais incontrolláveis. Nenhuma perversão, nenhuma transgressão, nenhum fracasso moral impede que os traumatizados recebam e experimentem o amor de Jesus, pois é ele quem lhes faz justiça.

“O trauma sexual envolve mais do que atos extraconjugais de adultos. Abrange os pecados que outras pessoas cometem contra nós. O trauma sexual implica atos sexuais cometidos contra menores. Pode ser a exposição de revistas e filmes sexualmente explícitos que, de modo especial, desorientam as crianças. Também os pecados de omissão por parte de pais negligentes que deixam seus filhos, ainda totalmente indefesos, sob os cuidados de pessoas que não merecem confiança. Estão incluídos também os atos de manipulação emocional da mãe e demonstrações abusivas de poder do pai que distorcem e amarguram o coração das crianças. Os que experimentam tais traumas entram na vida adulta cambaleando, inseguros quanto à sua identidade sexual e sem saber amar de modo correto as pessoas do sexo oposto.

“Há crianças que chegam à vida adulta já emocionalmente definhadas. Possuem pouca segurança emocional. Contudo, impelidas por anseios profundos, usam o próprio corpo para obter amor. Essa forma de amor não está relacionada ao desejo de sexo, mas ao desejo emocional e espiritual de amar e ser amado. É aí então que o sexo se disfarça de amor. Enganados e apanhados na armadilha do poder viciador do sexo (pornografia, masturbação, intermináveis fantasias sexuais, atos homossexuais ou heterossexuais), esses jovens são impedidos de praticar o sexo de forma saudável.

“A plena saúde sexual envolve a liberdade de dar e receber amor do sexo oposto, de maneira mutuamente satisfatória, num relacionamento selado pelo compromisso conjugal. Mas o simples fato de você conhecer essa verdade não vai restaurar seu coração traumatizado. A esperança de cura só pode se iniciar quando a alma violentada se abre para deixar Jesus entrar e comunicar-lhe o verdadeiro amor. A liberdade para receber a plena cura divina começa quando nos aproximamos do Senhor com tristeza genuína.

“Contudo, quando nos dispomos a ir até Jesus como estamos, sujos e cheios de pecado, as falsas crenças nos atormentam e exigem que nos purifiquemos antes de chegarmos a ele. Envergonhados de nossos fracassos – a indisposição e a incapacidade de permanecer puros – nós nos submetemos à voz do diabo que nos lembra de que somos indignos e não merecemos o amor de Deus. Essas acusações alimentam ainda mais nossos impulsos descontrolados e nosso desprezo por nós mesmos.

“No entanto a verdade é que Jesus nos aceita do jeito que estamos, traumatizados e cheios de pecado. Ele nos concede acesso a si mesmo. Do contrário, como poderíamos nos libertar do domínio do pecado sem nos aproximarmos da única pessoa que liberta? A prostituta, cujo testemunho aparece em Lucas 7.36-50, dá o exemplo de como Jesus é aberto para quem está com o coração machucado. Mulheres iguais a ela eram desprezadas pela sociedade, principalmente pelos religiosos. Os estragos do pecado sexual e a vergonha diante dos outros faziam-na se sentir indigna de adorar a Deus.

“Essa situação perdurou até que ela encontrou Jesus. Ela o admirava de longe, mas tinha medo de chegar a ele por causa das multidões que o rodeavam. Quando ele se afastou do povo para jantar numa determinada casa, ela achou que essa era a sua oportunidade de adorá-lo. Mas ainda hesitou, sem saber se devia ou não ir ali onde o Senhor estava, pois sentado ao lado dele estava um líder religioso. Aquele, cuja religião condena os oprimidos, estava sentado a poucos centímetros do outro, cuja compaixão os liberta. Ela teria de enfrentar o olhar acusador para ser transformada pela glória de Cristo. E foi o que ela fez. Agüentou a vergonha momentânea e imediatamente começou a adorar a Jesus, lavando-lhe os pés com perfume e lágrimas de arrependimento.

“Perplexo, o religioso pensou consigo:

“Um homem santo aceita uma pecadora?”

“Jesus então mostra, por meio de uma ilustração, que Deus ama mais os pecadores como essa prostituta, que sabem que têm grandes pecados e se arrependem deles para adorá-lo. Já os religiosos o adoram sem se arrepender, porque julgam ter poucos pecados. Para Jesus, mais destrutivo do que o pecado sexual é não arrepender-se, é esconder-se atrás da aparente obediência a Deus. É por isso que ele diz aos religiosos: ‘... as prostitutas estão entrando no Reino de Deus antes de vocês.’ (Mt 21.31 – BLH.)

“A prostituta chorou aos pés de Jesus por todos os seus pecados, e ele a perdoou e a enviou em paz. Mas além de nos arrependermos de nossos próprios pecados, temos também de apresentar ao Senhor todas as feridas deixadas pelas pessoas que pecaram contra nós. Como afirmei antes, atos de violência ocorridos na infância muitas vezes nos tornam mais vulneráveis aos pecados sexuais na vida adulta. Nosso coração guarda as lembranças dos traumas sofridos: abuso, privação, pecados dos pais passados a nós, etc. Temos, então, de pedir ao Espírito Santo que nos dê coragem para enfrentar a verdade do fato de que fomos profundamente magoados. Podemos relutar em confessar os pecados que outros cometeram contra nós, por vários motivos. Talvez tenhamos medo de reviver o sofrimento causado pelos incidentes dolorosos.

“Entretanto, se quisermos ser livres, teremos de percorrer o caminho da cruz, encarando, já de início, a verdade de que fomos prejudicados pelos pecados de outros. Então devemos obedecer a Jesus e perdoar àqueles que nos machucaram. Meditando na cruz, entregamos ao Senhor os pecados dos outros que continuam a alimentar o medo, o ódio e a vergonha em nós. Assim Cristo leva os pecados cometidos contra nós. Ele leva sobre si mesmo toda violência e experiência dolorosa que vivemos, à medida que meditamos em seu sofrimento na cruz: ‘Certamente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si...’ (Is 53.4.)

“Nós nos identificamos com tudo o que ele sofreu e ele nos dá a graça de que precisamos para perdoar àqueles que nos desiludiram. Ele limpa o nosso coração de toda revolta contra nossos traumas.

“Jesus nos concede livre acesso a si mesmo, por mais que tenhamos caído e falhado. Ele nos liberta dos nossos próprios pecados e dos pecados cometidos contra nós. Ele cura a nossa identidade. Aí enxergamos a nova pessoa que nos tornamos depois de nos apresentarmos a ele do jeito que estamos.”²

Jesus faz justiça aos sexualmente oprimidos. Por isso, se você quer essa justiça agora mesmo em sua vida, faça a seguinte oração:

Jesus, eu lhe agradeço porque você sofreu por mim na cruz. Confesso que sou pecador, que preciso de você. Por isso, abro agora o meu coração para você e peço que derrame o seu sangue precioso em mim para me curar e libertar. Eu dou permissão para que toque todas as áreas da minha vida e traga sua liberdade para o meu espírito, alma e

corpo. Arranque toda raiz do meu tormento mental e emocional. Dou-lhe total permissão para quebrar o poder e a autoridade que o homossexualismo exerce em mim. Peço também que derrame agora sobre mim o seu Espírito, para me ajudar a conhecer você e a perdoar às pessoas que me magoaram. Espírito Santo, dirija a minha vida e leve-me a uma igreja evangélica onde o nome de Jesus é exaltado e onde o reino de Deus possa se manifestar em mim. Em nome de Jesus. Amém.

Apêndice A

Como expressar-se corretamente acerca das questões homossexuais

A revista *Ultimato*, de janeiro de 1997, publicou o artigo “A Intolerância dos Tolerantes”. Nele, o Pr. Ricardo Gondim Rodrigues revela que fora convidado a participar de um programa da MTV que iria debater o homossexualismo. Havia mais de quinze participantes, e todos dispostos a defender o estilo de vida homossexual. Quando viu que sua opinião cristã sobre o assunto não estava sendo respeitada pelos outros, o Pr. Ricardo lhes perguntou:

“Afim de contas, este espaço não é plural? Por que não posso manifestar meu ponto de vista, assim como os senhores expõem os seus? Se vocês pregam a tolerância, por que tanta intolerância ao meu ponto de vista?”

Mas suas tentativas de falar foram abafadas aos gritos.

Se você, leitor, é líder cristão e está empenhado em proclamar a verdade de que Deus ama os homossexuais mas que o homossexualismo é pecado, não fique chocado se, por algum motivo, for atacado ou desprezado pela imprensa. Quer você esteja envolvido num assunto “controvertido” como aborto, eutanásia ou homossexualismo, ou esteja apenas realizando uma campanha evangelística, poderá ser alvo do preconceito de algum jornalista ou redator que vê os cristãos como pessoas de mente fechada.

Por isso, você precisa estar preparado para expressar corretamente sua opinião cristã, mesmo em ambientes hostis.

A lamentável tendência das pessoas atualmente é fazer o certo do jeito errado ou o errado do jeito certo. Como diz George Grant, as pessoas sustentam a verdade de um modo que ofende a todos ou sustentam uma mentira com graça. Elas são anjos grosseiros ou diabos cortesões. Muitas vezes uma atitude cruel em defesa da ortodoxia cristã é derrotada por uma atitude bondosa em defesa de uma heresia.

Isso é o que torna tão terrivelmente complexo o atual debate sobre o lado ético da questão homossexual. Os que defendem os padrões bíblicos mostram tudo, menos boas maneiras. Por outro lado, os que defendem a imoralidade são impecavelmente corteses. Por isso, não basta simplesmente afirmar que os cristãos fazem o que Deus quer que eles façam – na igreja e na sociedade. Eles também devem ser como Deus quer que eles sejam.

Portanto, se você tiver oportunidades de expressar sua opinião acerca do movimento homossexual, do homossexualismo e dos homossexuais, faça-o com sabedoria e guiado pelos ensinamentos contidos em 1 Coríntios 13. E ao lidar com a oposição e a imprensa, seja breve, conciso e cortês, seguindo fielmente a orientação da Palavra:

“Quanto mais você fala, mais perto está de pecar; se você é sábio, controle a sua língua.” (Pv 10.19 – BLH.)

“Os homens direitos sabem dizer coisas agradáveis, porém os maus estão sempre ofendendo os outros.” (Pv 10.32 – BLH.)

“A resposta delicada acalma o furor, mas a palavra dura aumenta a raiva.” (Pv 15.1 – BLH.)

“As palavras do sábio tornam o conhecimento atraente...” (Pv 15.2 – BLH.)

“Quem controla as suas palavras é sábio, e quem mantém a calma mostra que é inteligente.” (Pv 17.27 – BLH.)

“Qualquer tolo pode começar uma briga; quem fica fora dela é que merece elogios.” (Pv 20.3 – BLH.)

“O que guarda a boca e a língua guarda a sua alma das angústias.” (Pv 21.23.)

“O que você diz pode salvar ou destruir uma vida; portanto, use bem as suas palavras e você será recompensado.” (Pv 18.21 – BLH.)

Apêndice B

Significado dos termos

mais usados neste livro

Homossexual: pessoa com tendência a dirigir o desejo sexual para outra pessoa do mesmo sexo. (Definição inferida do adjetivo inglês *homosexual* no *Webster's Ninth New Collegiate Dictionary*.)

Homossexualidade: 1. Qualidade ou estado de ser homossexual. 2. Atividade erótica com outra pessoa do mesmo sexo. (*Idem*. Veja *Homossexualismo*.)

Homossexualismo: 1. Prática do comportamento homossexual. 2. Veja *Homossexualidade*. (Dicionário Aurélio.)

Movimento homossexual: série de atividades organizadas por pessoas, principalmente homossexuais, que trabalham em conjunto com o objetivo de eliminar as restrições culturais e legais ao comportamento homossexual, e promover a aceitação dos atos homossexuais como uma variação normal da conduta humana e do homossexualismo como um estilo de vida alternativo.

Sodomia (palavra originária das inclinações homossexuais dos homens da cidade de Sodoma, em Gênesis 19.1-11): 1. Cópula com uma pessoa do mesmo sexo ou com um animal. 2. Cópula sem coito, principalmente anal ou oral, com uma pessoa do sexo oposto. (*Webster's Ninth New Collegiate Dictionary*.)

Apêndice C

Desenhos animados e filmes para crianças, na

mira do ativismo gay?

É fato bem conhecido que Hollywood não sente o mínimo constrangimento em produzir filmes favoráveis ao homossexualismo. E não faltam produtores e diretores brasileiros de novelas e programas de TV para seguir o mesmo ritmo. Mas jamais se esperava que isso acontecesse com uma indústria de entretenimento para crianças,

como é o caso da Disney, famosa por seus desenhos e filmes infantis sem nenhum conteúdo de violência e depravação.

No entanto, os tempos mudaram, e a Disney também. E isso mostra que se nem mesmo uma indústria de produções infantis consegue escapar à esfera de influência *gay*, o que dizer então das produções para o público adolescente?

Apresentamos a seguir exemplos comprovados da infiltração que a Disney vem sofrendo, não para que você se oponha especificamente à Disney, mas para que compreenda que nenhum programa, filme ou desenho secular está a salvo das ações dos ativistas homossexuais.*

- Executivos da Disney, incluindo o diretor Michael Eisner, trabalham com o *Hollywood Supports*, um grupo de defesa de homossexuais que tem como objetivo a promoção da agenda *gay* no local de trabalho. (*Hollywood Supports Online*.)

- A Disney estendeu os benefícios de saúde aos parceiros de seus empregados homossexuais (a apólice não cobre os heterossexuais que vivem maritalmente). (*The Orlando Sentinel*, 7/10/95; *USA Today*, 9/10/95; *Daily Variety*, 9/10/95.)

- Em junho de 1996, a companhia foi anfitriã do 6.º Anual Dia Gay e Lésbico na *Disney World*. Num desenho animado os organizadores retrataram Mickey Mouse e Pato Donald como amantes homossexuais; e Minnie e Margarida como lésbicas. A Disney não fez nenhuma objeção pública a isso. Um semanário de Orlando publicou: “Retirem os funcionários *gays* da *Disney World*... e ela se tornará o maior parque temático de ‘self-service’ do planeta”.

- A Disney apoiou um abaixo-assinado, em 1993, solicitando benefícios fiscais para a Força-Tarefa de *Gays* e Lésbicas. (*The Press Enterprise*, 28/12/93.)

- A Disney colocou anúncios de publicidade na revista *OUT*, uma publicação homossexual americana. (*OUT*, fevereiro de 1994.)

- Thomas Shumacher, uma das personalidades responsáveis pelo sucesso bilionário do *O Rei Leão* e vice-presidente da área de animação, é homossexual assumido e já foi visto levando seu “marido” a recintos para executivos. Em uma entrevista para uma publicação homossexual, *The Advocate*, Shumacher disse: “Há muitos *gays* em todos os níveis [da Disney]. É um ambiente de muito apoio”. (*Human Events*, 12/8/94; *The Advocate*, 25/6/94.)

- A Disney contratou, com exclusividade, a lésbica Lauren Lloyd para produzir filmes de feministas e lésbicas. A revista *OUT* elogiou a Disney. “As lésbicas ainda não são uma boa atração para o entretenimento de muitos americanos. Mas com Lloyd do nosso lado, tudo será possível.” (*OUT*, novembro de 1994.)

- Em maio de 1995, uma edição da revista *Buzz* (uma revista que fornece aos leitores uma perspectiva sobre as personalidades, política, cultura e comércio de Los Angeles, Califórnia) informou que um ativista de direitos homossexuais, em conversa com o diretor da Disney, lhe disse que “40% dos 63 mil empregados da Disney podem ser *gays*”. Um texto, intitulado “A Disney Como Ela é”, traz a informação de que a Disney tem “o maior número de empregados *gays* e lésbicos nas organizações da indústria de entretenimentos” e que a idéia de que a Disney tem muitos empregados homossexuais “tem fundamento”. Além de Shumacher, a revista *Buzz* menciona abertamente os executivos declaradamente homossexuais: a vice-presidente de produção, Lauren Lloyd da *Disney Hollywood Pictures*; o produtor de estúdio, Laurence Mark; o supervisor de animação, Andreas Deja, o homem responsável pelo personagem de Gastão, em *A Bela e*

a *Fera*; o vice-presidente da divisão interativa Steven Fields; Rick Leed, que dirige a companhia que produz *Home Improvement* para a rede de televisão. O coordenador de treinamento Jimi Ziehr disse que no *Epcot Center* da Disney (que fica em Orlando, na Flórida) “o número de funcionários *gays*, nas operações da Terra do Futuro, ultrapassa o número de funcionários que não são, e não há nada de escondido nisso”. (*Buzz*, maio de 1995.)

- *Hyperion Press*, uma subsidiária da própria Disney, publicou *Lettin’It All Hang Out*, uma autobiografia de RuPaul, um conhecido artista *drag queen* (travesti).

- *Hyperion Press* publicou *Growing Up Gay*. Escrito por três comediantes homossexuais, o livro tem como alvo os “jovens *gays* que são sustentados por heterossexuais”.

- A *Hyperion* está planejando publicar o livro *Daniel Harris* sobre a “cultura *gay*”. (*Revista Harper*, dezembro de 1995.)

- Os atores Ernie Sabella e Nathan Lane disseram que os personagens que interpretaram (Timon e Pumba) no filme *O Rei Leão* foram os primeiros personagens homossexuais da Disney a aparecer nas telas.” (*New York Times*, 12/6/94.)

- *Chicks in White Satin (Hollywood Pictures)* é um filme da Disney sobre um casal de lésbicas que decide fazer uma “celebração de compromisso” (“casamento”) semi-tradicional. (*Glamour*, 9/8/94.)

A *American Family Association*, duas denominações batistas, as *Assembléias de Deus*, *Concerned Women for America* (entidade evangélica fundada por Beverly LaHaye) e *Focus on the Family* (presidida pelo psicólogo Dr. James Dobson) juntaram forças para boicotar a *Disney Corporation* por seus livros, filmes e programas televisivos imorais e violentos e por sua promoção do homossexualismo. Outras denominações americanas aprovaram resoluções também se opondo às produções obscenas, mas não se uniram ao boicote. Essas denominações são a Igreja Presbiteriana da América, a Igreja de Deus, a Igreja Internacional do Nazareno, a Igreja Internacional do Evangelho Quadrangular e a Associação dos Metodistas Independentes.*

Que os exemplos acima mencionados da condição atual da Disney sirvam para nos deixar alerta quanto aos programas, filmes, desenhos ou qualquer outra coisa que possa trazer para nossas famílias influência homossexual, etc.

Apêndice D

Americanos começam a despertar-se para o valor da abstinência sexual

É triste ver que durante todos esses anos, desde o começo da epidemia da AIDS, os educadores e os meios de comunicação de massa se posicionaram a favor da promiscuidade sexual entre os adolescentes, em vez de ajudarem a proteger a saúde deles. Agora, porém, nos Estados Unidos os mais violentos críticos da pureza sexual estão, ainda que com má vontade, confessando que a abstinência “virou moda” – tanto que muitas entidades de planejamento familiar estão fazendo uso de eufemismos ilusórios para enganar o público, chamando seus programas de “só abstinência”, para poderem continuar dando camisinhas aos jovens.

Não se deixe enganar. Jamais subestime as táticas que os defensores do “sexo seguro” são capazes de utilizar a fim de afastar os filhos dos pais mediante a educação sexual. Eles sustentam vigorosamente que o problema são as doenças sexualmente transmissíveis e a gravidez na adolescência, e jamais admitem que o problema real é o fato de os adolescentes praticarem sexo antes do casamento.

O pior, conforme toda a sociedade está vendo, é que todas as soluções deles têm fracassado vez após vez, ano após ano. Não há nada seguro nas propagandas de “sexo seguro”.

Os jovens merecem saber que a decisão mais saudável que podem tomar acerca de suas vidas é abster-se das relações sexuais antes do casamento. Os riscos físicos, emocionais e morais são altos demais para quem escolhe o sexo sem compromisso.

O Congresso dos EUA finalmente conseguiu ver isso, e recentemente repassou 250 milhões de dólares para dar à educação de “só abstinência” a mesma oportunidade que os defensores do “sexo seguro” tiveram todos esses anos – a oportunidade de educar toda a sociedade, com o apoio financeiro do governo. A nova lei estabelece que o único padrão aceitável de atividade sexual nos EUA é a abstinência até o casamento, e os promotores do “sexo seguro” estão furiosos com isso.

Eles estão com medo, e com razão. Se a mensagem de abstinência fizer sucesso, seus meios de subsistência se acabarão. A atriz Jane Fonda já saiu em socorro deles. Ela se uniu ao maior fabricante mundial de camisinhas para condenar a mensagem de abstinência e os que a promovem. Mas, convenhamos, uma indústria de camisinhas, cujos negócios em parte dependem da promiscuidade sexual dos jovens, criticar a educação para abstinência é como um fabricante de cigarros se opor aos anúncios antifumo. Afinal, dá para acreditar neles?

Foi imitando o modelo americano dos anos passados que os educadores e os meios de comunicação do Brasil trouxeram as propagandas de “sexo seguro” para nossos

adolescentes. Agora que o modelo melhor e mais saudável é o de “só abstinência” será que eles vão querer trazer esta mensagem para os jovens brasileiros? Dificilmente. Parece que caberá a nós, evangélicos, fazer o que os nossos irmãos em Cristo dos Estados Unidos fizeram: falar corajosamente em defesa da abstinência nas escolas, nas reuniões comunitárias, em casa, na igreja, etc.

É preciso que tenhamos em mente, porém, que nenhum programa de abstinência substituirá a comunicação honesta, franca e contínua entre pais e filhos. Essa é a melhor educação sexual que os adolescentes podem receber.

Apêndice E

Por que os grupos pró-aborto apóiam o homossexualismo?

Os chamados movimentos de mulheres, em grande parte, defendem a legalização do aborto e sua liberalização, isto é, a ampliação dos motivos para o aborto legal, tal qual faz o Centro Feminista de Estudos e Assessoria, de Brasília, em suas atividades de *lobby* entre os senadores e deputados federais. Fazem isso afirmando representar as mulheres do Brasil.

Em sua perspectiva de gênero, o movimento feminista internacional sustenta posições liberais com relação à família, à sexualidade e à reprodução:

1. Família: a família, a maternidade e o casamento são a causa da opressão das mulheres; todo trabalho doméstico e cuidado de crianças têm de ser repartido meio a meio entre os homens e as mulheres.

2. Sexualidade: as mulheres de qualquer idade têm o direito absoluto à autodeterminação sexual, inclusive o direito de se engajar em relações sexuais fora do casamento, com homens e mulheres, e de mudar sua identidade sexual.

3. Reprodução: as mulheres têm o direito ao aborto a fim de controlar suas vidas e serem iguais aos homens. (Citado em Dale O’Leary. *Gender: The Deconstruction of Women*, p. 18)

A “interrupção voluntária da gravidez” é uma de suas metas prioritárias. Mas por que o aborto é tão importante para elas?

Em seu livro *The Feminist Takeover*, Betty Steele revela o que as feministas consideram o maior obstáculo para a liberação e realização da mulher. Mencionando uma famosa feminista francesa, ela diz:

“Em 1949, Simone de Beauvoir, então co-redatora do jornal marxista *Les Temps Modernes*, publicou o livro *O Segundo Sexo*, no qual ela viu a reprodução como a principal causa do domínio dos homens sobre as mulheres.” (Betty Steele, *The Feminist Takeover*. Ontário, Canadá: Tercet, 1987, p. 53.)

Já que os homens, em sua vida sexual e profissional, não têm de sofrer as “interrupções” da gravidez e da lactação e não têm de ficar em casa cuidando de filhos pequenos, a liderança feminista acha que as mulheres têm direito à mesma liberdade. Assim é que, entre outras coisas, elas conseguiram introduzir na Europa e nos Estados Unidos leis liberais que permitem matar no útero milhões de bebês inocentes e

saudáveis, às vezes em qualquer estágio do período de gravidez, por pura conveniência da gestante!

Para quem acha que o feminismo morreu, as recentes conferências internacionais da ONU foram dominadas por debates acalorados para expandir o aborto legal aos países menos desenvolvidos. A chama desses debates vem sendo mantida acesa há anos por algumas agências especializadas da ONU. O FNUAP, principalmente, e organizações não-governamentais de planejamento familiar dos EUA, têm repassado discretamente verbas consideráveis para grupos de tendência feminista do Brasil. Essa assistência externa já lhes possibilitou derrotar alguns importantes projetos de lei de autoria de deputados federais evangélicos, projetos que visavam à proteção dos bebês em gestação e de suas mães. Além disso, integrantes desses grupos brasileiros vêm se destacando através dos meios de comunicação por seu apoio, no Congresso Nacional, a interesses que aparentemente têm muito pouco a ver com as causas feministas: o casamento homossexual e outras pretensões da comunidade *gay*.

Para alguns líderes da ONU e dos países ricos, há a necessidade de que o aborto seja internacionalmente aceito como instrumento para resolver a chamada crise da explosão populacional dos países pobres. Um especialista americano em demografia chegou a indicar, em 1969, que a promoção da aceitação do homossexualismo seria o meio mais eficaz de baixar as taxas de fecundidade.

Mas não é por razões demográficas que os movimentos de mulheres apóiam a legalização do aborto. Conforme certa feminista afirma:

“Quando têm acesso ao aborto, as mulheres têm controle sobre o tempo, a frequência e o contexto de sua maternidade. Elas podem planejar suas famílias e suas carreiras. Assim, elas podem competir independentemente no mesmo mercado de trabalho que os homens. Quando não têm acesso ao aborto, as mulheres dependem economicamente dos que podem competir livremente por empregos... os homens. Os que querem colocar o aborto na ilegalidade buscam uma volta à estrutura de família tradicional.” (John Vertefeuille, *Sexual Chaos*. Westchester-EUA: Crossway Books, 1988, p. 62)

Em Nova Iorque, em 1995, houve a reunião preparatória à 4.^a Conferência Mundial da ONU sobre a Mulher, com delegações feministas de muitos países, inclusive do Brasil. Na reunião, a Comissão Internacional de Direitos Humanos *Gays* e *Lésbicos* apresentou as seguintes reivindicações:

“Nós, os signatários, solicitamos aos países membros que reconheçam o direito de determinarmos nossa identidade sexual; o direito de controlarmos nosso corpo, particularmente de estabelecermos relacionamentos íntimos; e o direito de escolhermos se, quando e com quem ter e criar filhos como componentes fundamentais de todos os direitos humanos de todas as mulheres, independentemente da orientação sexual”. (Citado em Dale O’Leary. *Gender: The Deconstruction of Women*, p. 7.)

Há nessas reivindicações expressões eufemísticas de direito ao homossexualismo e ao aborto. Embora, por motivos óbvios, os *gays* e as *lésbicas* não precisem fazer aborto, eles costumam apoiá-lo, como sinal de gratidão e retribuição às feministas, que tanto incentivo dão ao casamento de indivíduos do mesmo sexo. Já que o homossexualismo despreza a paternidade e a maternidade natural, o direito de ter filhos significa, no caso das *lésbicas*, inseminação artificial, e o de criá-los envolve, presumivelmente, a adoção de crianças.

Ainda que o estilo de vida feminista elimine ou reduza ao máximo o papel da maternidade na vida da mulher, o homossexualismo é a única conduta que oferece, sempre, prazer sexual com plena independência da maternidade e da paternidade natural. É exatamente sua antifertilidade, mediante o aborto deliberado e a relação anal e oral, que classifica, de acordo com Sigmund Freud, o comportamento sexual das feministas e dos homossexuais como diferente da sexualidade normal:

“...uma das características comuns a todas as perversões é que nelas se coloca de lado a reprodução. Este é realmente o critério pelo qual julgamos se uma atividade sexual é perversa – quando ela não tem em vista a reprodução e vai atrás da obtenção de prazer independente.

“Você entenderá, pois, que o ponto decisivo no desenvolvimento da vida sexual está em subordiná-la ao propósito da reprodução... tudo o que se recusa a se adaptar a essa finalidade e só é útil para a busca de prazer é chamado pelo vergonhoso título de ‘perversão’ e como tal é desprezado.”

A verdade é que o feminismo minimiza, por meios artificiais de anulação da fertilidade e da gestação, a função sexual natural da mulher como procriadora. Ele a vê como impedimento para a realização de suas ambições profissionais, enquanto o homossexualismo não tem função procriadora natural alguma. Ambos os movimentos têm em comum, principalmente, a busca do prazer sexual independente e a hostilidade para com a família tradicional. E isso talvez explique por que eles se apóiam mutuamente em suas reivindicações políticas, legais e sociais.

Portanto não é de estranhar que a deputada federal Marta Suplicy e outras integrantes do Centro Feminista de Estudos e Assessoria se empenhem para que o Congresso Nacional não só aprove o aborto em nosso país, mas também outras leis que beneficiem o homossexualismo.

Às vezes esse envolvimento pode ser muito menos superficial do que parece. A revista *Focus on the Family*, de março de 1998, traz um artigo escrito por Amy Tracy, ex-relações públicas da *National Organization for Women*, a maior organização feminista dos EUA. No artigo, Amy conta como acabou se tornando feminista na sua juventude:

“Quase dez anos atrás, nos meus dias de faculdade, fui exposta ao movimento feminista e cercada por professoras lésbicas, que me influenciaram a questionar a minha sexualidade. Até aquele momento, jamais havia me considerado uma lésbica. Apesar disso, em meu último ano de faculdade, em 1989, entrei num relacionamento lésbico. Nessa mesma época, senti que ganhei novas forças quando participei pela primeira vez de uma marcha para defender as leis a favor do aborto. Foi aí que consagrei minha vida para lutar para que as mulheres tivessem total liberdade legal de fazer aborto...”

Ao aceitar Jesus como Salvador em 1995, Amy afirma que estava imersa na ideologia feminista e na comunidade *gay* e lésbica. Profissionalmente, ela trabalhava como chefe de gabinete de certa autoridade do governo dos EUA, a qual era lésbica e vice-presidente de uma entidade feminista do estado de Washington.

É fato que a atual explosão homossexual ocorreu depois da revolução sexual, na qual o movimento feminista teve papel de destaque. As mulheres passaram a querer ser como os homens e os homens, como as mulheres! No entanto, será que a aceitação do estilo de vida sexual das feministas realmente pode, de alguma forma, contribuir para a aceitação do estilo de vida homossexual? Mary Pride, uma ex-feminista americana, acha que sim. Como evangélica conservadora, ela tem a seguinte opinião:

“A Bíblia define perversão como *trocar as relações naturais pelas que não são naturais* (Rm 1.26). Essa passagem é interessante pois mostra as mulheres liderando o caminho para a perversão.

“*Por causa disso [a má vontade de eles o adorarem], Deus os entregou [a raça humana rebelde] a paixões vergonhosas. Até suas mulheres trocaram suas relações naturais por outras contrárias à natureza. Da mesma forma, os homens também abandonaram as relações naturais com as mulheres e se inflamaram de paixão uns pelos outros. Começaram a cometer atos indecentes, homens com homens, e receberam em si mesmos o castigo merecido pela sua perversão.*” (Rm 1.26,27, – NIV.)

“Literalmente essa passagem diz: ‘As fêmeas trocaram a função natural pelo que é contra a natureza, e do mesmo modo os machos abandonaram o contato natural com as fêmeas...’ A palavra ‘mulheres’ nessa passagem que eu traduzi ‘fêmeas’ e a palavra ‘homens’ que eu traduzi ‘machos’ são usadas em cada uma das referências de Jesus ao relato da criação – Deus ‘os fez macho e fêmea’ (Mt 19.4; Mc 10.6) Mas o ponto mais notável dessa passagem é que a palavra mulheres, ou fêmeas, vem da raiz grega que significa ‘cuidar de bebês ou amamentar’.

“Os teólogos muitas vezes interpretam essa passagem dizendo que quando Deus abandona uma raça ou nação, primeiro as mulheres se tornam lésbicas e então os homens seguem seu exemplo e se tornam homossexuais. Isso sem dúvida é parte da verdade, mas não acho que seja a verdade toda. A História humana mostra que é mais fácil os homens se tornarem homossexuais, e isso em grande número, antes de as mulheres se tornarem lésbicas. Mas a passagem não está falando nada de lesbianismo. Tudo o que diz é que as fêmeas trocaram sua função natural pelo que é contra a natureza. Então perguntamos: ‘Qual é a função natural delas?’ Já que a palavra usada para fêmeas está tão fortemente ligada à idéia de cuidar de bebês, e considerando que não tem ligação nenhuma com a idéia de atividade sexual (somente no caso das mulheres, não no dos homens), creio que o que Deus está dizendo aqui é que quando as mulheres trocam sua função natural de ter filhos e ser mãe pelo que é ‘contra a natureza’ (isto é, tentar se igualar ao homem, vivendo, como ele, uma vida sexual e profissional independente da maternidade como função), os homens tendem a abandonar a função sexual natural das mulheres e a se tornarem homossexuais. Quando os homens param de ver as mulheres como mães, o sexo perde a sua virtude sagrada. O sexo se torna ‘recreativo’, e assim os impulsos começam a buscar novas excitações.”*

Essa função feminina peculiar torna as mulheres tão diferentes dos homens que as feministas não vêem outra maneira de eliminar essa “desigualdade”, a não ser pelo apoio ao aborto. Segundo Mary Pride, até mesmo o atual movimento feminista evangélico dos EUA está, ainda que de forma aparentemente mais moderada, seguindo o mesmo rumo do feminismo secular. Novamente, ela mostra como a aceitação da rejeição deliberada do papel sexual natural da mulher acaba levando à aceitação do modo de vida homossexual. Ela diz o seguinte sobre as feministas evangélicas americanas:

“O que acontece quando as mulheres se desviam?”

“Primeiro, elas aprovam o aborto.

“Entretanto, ao mesmo tempo, será que o aborto deve ficar inteiramente fora de cogitação para um casal cristão que está enfrentando uma gravidez imprevista numa época em que essa gravidez seria prejudicial à família toda? E quanto ao casal cristão que numa consulta genética é informado de que os testes mostram que seu bebê será mongolóide, ou a esposa que contrai rubéola no começo da gravidez e sabe que seu filho provavelmente nascerá deformado? A moralidade cristã insiste em que esses tipos de gravidez devem prosseguir, ainda que trazer a criança ao mundo venha a ocasionar extremo sofrimento emocional e dificuldades financeiras para a família? Nós achamos que não.

“Para as feministas, sejam elas cristãs ou não, o papel biológico feminino da maternidade, conforme Deus planejou é, na melhor das hipóteses, humilhante, e na pior, desprezível. Bebês são uma opção para os casais que ‘não querem negar a si mesmos a experiência da paternidade’, e, se eles atrapalharem nossa vida emocional e financeira, poderemos fazer deles o que quisermos.

“A total eliminação dos papéis é o que as feministas, sejam elas cristãs ou não, estão querendo. ‘A mentira de que não há diferenças significativas entre os homens e as mulheres só pode ser sustentada pelo uso do aborto legalizado como meio de luta contra a mais profunda prova de que as diferenças realmente existem’, é o que observa o Dr. Francis Schaeffer, em seu livro *O Grande Desastre Evangélico*.

“O Dr. Schaeffer também menciona o efeito que a eliminação das diferenças de papéis tem nos relacionamentos sexuais: ‘Porque se não há diferenças significativas entre os homens e as mulheres, então certamente não podemos condenar os relacionamentos homossexuais.’ E a verdade é que as feministas cristãs aprovam o homossexualismo. Um ano após a publicação de seu livro *As Mulheres, os Homens e a Bíblia*, Virginia Mollenkott colaborou com Letha Scanzoni (a co-autora de *Tudo o que Fomos Criadas Para Ser*) para produzir o livro *O Homossexual é Meu Próximo?* Nele elas perguntam:

‘Quem é o meu próximo?’

‘Quem é o meu amigo?’

‘Será que é o samaritano?’

‘Será que é o homossexual?’

“Elas respondem a essa pergunta primeiro pondo de lado a posição cristã tradicional (leia-se ‘bíblica’) de que o homossexualismo é pecado, e então apresentam o ensino psicanalítico tradicional de que é uma doença. Qual é a posição delas?

“Já que a aceitação de uniões homossexuais permanentes resolveria vastos problemas, apresente normas úteis para as decisões de ordenação e conduta ética. Vale a pena estudar com mais profundidade essa alternativa para os comportamentos tradicionais.

“Elas também mencionam com aprovação um grupo de cristãos profissionais de saúde mental cuja opinião da maioria foi que

‘a família heterossexual monógama é a perfeita vontade de Deus. Entretanto, os cristãos que sentem forte inclinação homossexual involuntária poderiam optar por um relacionamento homossexual sério como algo dentro da ‘permissiva’ vontade de Deus em vez de ficarem solteiros contra a vontade’.

“Compare isso com a opinião de Letha Scanzoni a respeito do solteirismo homossexual em seu livro *Tudo o que Fomos Criadas Para Ser*:

‘Um marido que não dá apoio é um peso arrastando a mulher para baixo e impedindo-a de ser tudo o que ela poderia ser. A mulher deve decidir *antes* do casamento qual o tipo de marido que pode trabalhar junto com ela em vez de contra ela. Se não for possível achar tal homem, é preferível viver a vida inteira como solteira a viver num casamento no qual os talentos da mulher seriam abafados e no qual o marido e a esposa não poderiam compartilhar completamente suas responsabilidades.’

“Assim, disso surge uma ética: os homossexuais devem ter liberdade para se entregar ao pecado a fim de evitar o ‘celibato indesejado’, ao passo que as mulheres heterossexuais viveriam melhor como solteiras do que casadas com um marido que não é favorável ao feminismo. Vale a pena sacrificar o casamento por amor ao feminismo, mas não vale a pena sacrificar o homossexualismo por amor aos ensinamentos da Bíblia.

“Mollenkott e Scanzoni acham difícil manter uma posição contra o homossexualismo, tal qual predisse o Dr. Schaeffer. ‘Talvez seja sábio impedir os *pedófilos* e os *pederastas* (pessoas que abusam sexualmente de crianças) de ensinar crianças. Mas do ponto de vista da segurança das crianças, tanto faz não deixar um homossexual comum trabalhar com crianças quanto não deixar um heterossexual normal trabalhar no mesmo emprego’. Elas não conseguem dizer com clareza se os molestadores sexuais de crianças devem ou não ser proibidos de ensinar crianças. A segurança *moral* das crianças nem mesmo foi mencionada. Os homossexuais, na opinião delas, darão excelentes professores e exemplos para as crianças.”

Notas

Capítulo 1

1. Extraído do artigo “Casal Gay se Une Hoje em Cerimônia no Rio”, publicado na *Folha de São Paulo*, de 29 de abril de 1994.
2. Citado no *Boletim da Providafamília*, julho/agosto de 1994, Brasília.
3. *Escoge la Vida*, setembro/outubro de 1993, Miami, FL-EUA.
4. “La ONU Abre las Puertas a Organización Internacional de Homosexuales, Lesbianas & Sadomasoquistas”. *Escoge la Vida*. Novembro/dezembro de 1993.
5. Veja, por exemplo, o *Report of the International Conference on Population and Development*. Nova Iorque-EUA: Organização das Nações Unidas, 1994, pp. 137-140, 145, 146.
6. “The United Nations’ Redefinition of the Family”. *Population Research Institute Review*. Maio/junho de 1994, Baltimore, MD-EUA.
7. Dr. James Dobson. *Children at Risk*. Dallas, EUA: Word Publishing, 1990, p. 62.
8. *Escoge la Vida*. Setembro/outubro de 1993.
9. Dr. Paul Cameron. *The Gay Nineties*. Franklin, EUA: Adroit Press, 1993, p. 90.
10. *Children at Risk*, pp. 217-220.
11. Dr.^a Judith A. Reisman & Edward W. Eichel. *Kinsey, Sex & Fraud*. LaFayette, EUA: Huntington House Publishers, 1990, p. 132.
12. *Idem*.
13. *Idem*, p. 131.
14. Dr.^a Judith A. Reisman. “GATT and the Flesh Trade”. *HLL Reports*. Março de 1995, Gaithersburg, MD-EUA.
15. *Children at Risk*, pp. 251, 252.

Capítulo 2

1. Dr. James Dobson. *Children at Risk*. Dallas, TX-EUA: Word Publishing, 1990, pp. 33, 34.
2. *Idem*.
3. Magaly Llaguno. “La Amenaza de los 90”. *Escoge la Vida*. Setembro/outubro de 1993, Miami, FL-EUA.
4. Rachel Tingle. *Gay Lessons*. Londres, Inglaterra: Pickwick Books, 1986, p. 15.
5. *Idem*, p. 24.
6. *Idem*, p. 23.
7. “La Minoría Invisible: Jovenes Homosexuales y Lesbianas.” *Reflexión Juvenil*. Outubro de 1993, Washington, DC-EUA.
8. *Adolescência: Época de Planejar a Vida*. Publicado em 1992 por The Center for Population Options e BEMFAM, p. 85.
9. *Idem*, p. 84.
10. *Boletim da Providafamília*. Novembro/dezembro de 1993, Brasília.
11. John Vertefeuille. *Sexual Chaos*. Westchester, EUA: Crossway Books, 1988, p. 77.
12. Ronald A. Reno. “SIECUS: You Won’t Believe What They Want to Teach Your Kids”. *Focus on the Family Report*, 1995, pp. 11,12.
13. Gene Antonio. *AIDS: Rage & Reality*, pp. 193, 194.
14. George Grant, *Grand Illusions*. Franklin, TN-EUA: Adroit Press, 1992, pp. 107-110.
15. Gene Antonio. *AIDS: Rage & Reality*, p. 193.
16. *Children at Risk*, p. 34.

Capítulo 3

1. *O Estado de São Paulo*, 20/06/95, p. A14.
2. *Idem*.
3. Revista *Veja*, 28 de junho de 1995.
4. *Folha de S. Paulo*, 21 de junho de 1995.

5. Revista *Veja*, 28 de junho de 1995.
6. *Alert*, "Family Research Council", Washington, D.C., 1996.
7. *Idem*.
8. *Folha de S. Paulo*, 26 de junho de 1995.

Capítulo 4

1. "Los Homosexuales Militantes en las Iglesias." *Escoge la Vida*. Setembro/outubro de 1993, Miami, FL-EUA.
2. *Idem*.
3. Leonard Ravenhill. "Be Ye Angry And Sin Not." *Last Days Ministries*. EUA, 1985.
4. *Idem*.
5. John Vertefeuille. *Sexual Chaos*. Westchester, EUA: Crossway Books, 1988, p. 80.
6. Rev. Larry Christenson. "ELCA 'Human Sexuality' Paper." *Lutheran Renewal*. Janeiro de 1994, Minneapolis, MN-EUA.
7. David Wilkerson. *Is God Overlooking the Sins of America? The Ominous Rise of Homosexual Power*. 6/05/91, EUA.
8. *Idem*.
9. Dr.^a Judith A. Reisman & Edward W. Eichel. *Kinsey, Sex & Fraud*. Lafayette, EUA: Huntington House Publishers, 1990, p. 212.

Capítulo 5

1. Dr. Stanley Monteith. *AIDS: The Unnecessary Epidemic*. Sevierville-EUA: Covenant House Books, 1991, pp. 28-31.
2. Gene Antonio. *AIDS: Rage & Reality*. Dallas, TX-EUA: Anchor Books, 1993, p. 248. Se o leitor desejar, pode encomendar esse livro ou vídeos sobre a AIDS diretamente de: FACT, Box 90140, Arlington, TX 76010, EUA.
3. *Idem*, p. 250.
4. *Kinsey, Sex & Fraud*, pp. 104, 105.
5. *A Ponte*, n.º 7, 1991.
6. *AIDS: Rage & Reality*, p. 253.
7. Dr. Paul Cameron. *Exposing the AIDS Scandal*. Lafayette, LA-EUA: Huntington House, 1987, pp. 27-62.
8. George Grant & Mark Horne. *Unnatural Affections*. Franklin, TN-EUA: Legacy Communications, 1991, p. 10.
9. *AIDS: To the Point, Confronting Youth Issues*, publicado por Abingdom Press.

Capítulo 6

1. Dr.^a Judith A. Reisman & Edward W. Eichel. *Kinsey, Sex & Fraud*. Lafayette-EUA: Huntington House Publishers, 1990, p. 146.
2. Dr. Paul Cameron. *The Gay Nineties*. Franklin, EUA: Adroit Press, 1993, p. 92.
3. *Idem*.
4. *Escoge la Vida*. Setembro/outubro de 1993, Miami, FL-EUA.
5. Informações do *Family News from Dr. James Dobson*, janeiro de 1998.
6. *Boletim da Providafamília*. Janeiro/fevereiro de 1993, Brasília.
7. *Inventory of Population Projects in Developing Countries Around the World, 1990-91*. Nova Iorque, EUA: Fundo de População das Nações Unidas, 1992, p. 70.
8. *The Gay Nineties*, p. 93.
9. Gene Antonio. *AIDS: Rage & Reality*. Dallas, TX-EUA: Anchor Books, 1993, pp. 261, 262.
10. Dr. Stanley Monteith. *AIDS: The Unnecessary Epidemic*. Sevierville-EUA: Covenant House Books, 1991, p. 341.
11. *Idem*, p. 340.
12. *Idem*, p. 224.
13. "Enfoque a la Familia Sufre la Violencia de Grupos Homosexuales." *Escoge la Vida*. Setembro/outubro de 1993.

14. George Grant & Mark Horne. *Unnatural Affections*. Franklin, TN-EUA: Legacy Communication, 1991, pp. 19, 20.

Capítulo 7

1. *World Almanac 1992*. Nova Iorque, EUA: Pharos Books, 1991, pp. 57, 58.
2. Dr. Paul Cameron. *The Gay Nineties*. Franklin, EUA: Adroit Press, 1993, p. 45.
3. *Idem*.
4. *Idem*, p. 46.
5. *Idem*, p. 50.
6. *Idem*, p. 48.
7. Gene Antonio. *AIDS: Rage & Reality*. Dallas, TX-EUA: Anchor Books, 1993, p. 112.
8. Dr.^a Judith A. Reisman & Edward W. Eichel. *Kinsey, Sex & Fraud*. Lafayette, EUA: Huntington House Publishers, 1990, pp. 99, 101.
9. Gene Antonio. *AIDS: Rage & Reality*, p. 129.
10. *Idem*. Veja especialmente o capítulo 7: "AIDS and TB: A Lethal Combination". Veja também os dados das edições de julho/agosto de 1991, p. 6, e de janeiro/fevereiro de 1993, pp. 10, 11, do periódico *Population Research Institute Review*.
11. Conforme divulgado pelo noticiário da *Rádio Mulher* de São Paulo, em 19/10/95.
12. Gene Antonio. *AIDS: Rage & Reality*, p. 271.
13. *Idem*.
14. *Idem*.
15. *Idem*.

Capítulo 8

1. Juízes 19.
2. Juízes 1.21.
3. Rev. Larry Christenson. "ELCA 'Human Sexuality' Paper." Lutheran Renewal. Janeiro de 1994. Minneapolis, MN-EUA.
4. *Idem*.
5. Dr. Paul Cameron. *The Gay Nineties*. Franklin, EUA: Adroit Press, 1993, p. 129.
6. _____. *Exposing the AIDS Scandal*. Lafayette, EUA: Huntington House Publishers, 1987, p. 159.
7. Don Feder. *A Jewish Conservative Looks at Pagan America*. Lafayette-EUA: Huntington House Publishers, 1993, pp. 70, 71.
8. Charles Provan. *The Bible and Birth Control*. Monongahela, EUA: Zimmer Printing, 1989, pp. 12-15.
9. Veja a lista desses teólogos no livro *The Bible and Birth Control*, pp. 65-97.
10. *Idem*, p. 14.
11. *Idem*, p. 15.
12. John Kippley. *Sex and The Marriage Covenant*. Cincinnati, OH-EUA: The Couple to Couple League International, 1991, p. 39.
13. Bob Davies. *What Homosexuals Need Most*. Focus on the Family, março de 1991, Colorado Springs, CO-EUA.

Capítulo 9

1. 2 Timóteo 3.1,4.
2. Ezequiel 16.49, 50.
3. Dr. Calvin J. Eichhorst. *Abortion in Theological Context*. For Life, 1974.
4. Dale O'Leary. *Gender: The Deconstruction of Women*, 1995, p. 15.
5. "The State of World Population." Nova Iorque, EUA: UNFPA, 1995, p. 39.
6. Dale O'Leary. *Gender: The Deconstruction of Women*, 1995, p. 11.
7. Dr. James Dobson. *Hide or Seek*. Fleming H. Revell Company, 1974, 1979, p. 139.
8. Gênesis 19.8.
9. Gênesis 19.26.
10. Gênesis 19.30-36.
11. Toda a interpretação aqui apresentada de que o pecado sexual traz violência social é idéia original do psiquiatra canadense John White. Eu me baseei em seu artigo "Violence and Divine Judgement", publicado na revista *Equipping The Saints*, de outubro/novembro de 1992.

12. Dr. Paul Marx. *Fighting for Life*. Gaithersburg, MD-EUA: HLI, 1989, p. 42.
13. Gênesis 19.24,25 e Ezequiel 16.49,50.
14. Judas 7. *God's Word*. Copyright 1995 by God's Word to the Nations Bible Society.
15. Efésios 6.10-18.
16. John Vertefeuille. *Sexual Chaos*. Westchester, EUA: Crossway Books, 1988, p. 82.
17. Para um exemplo de estrutura conjugal e familiar saudável, adquira o livro *A Família do Cristão*, de Larry Christenson, publicado pela Editora Betânia.

Capítulo 10

1. Este capítulo, em boa parte, foi baseado no artigo *Homosexuality and The Cross: God's Call to a Healing Army*, escrito por Andy Comiskey e publicado em 1997 no boletim do *Desert Stream Ministries*, uma organização evangélica composta por ex-gays e ex-lésbicas que querem alcançar os homossexuais com o amor de Jesus. A sede deste ministério fica na Califórnia, e seu endereço completo é:

Desert Stream Ministries
P. O. Box 17635
Anaheim Hills, California 92817-7635
EUA

Capítulo 11

1. Extraído de Ern Baxter. "Why Do The Heathen Rage?", artigo publicado na revista evangélica *New Wine*, março de 1986.
2. Martim Lutero. *Da Autoridade Secular*. São Leopoldo, RS: Editora Sinodal, 1979, p. 28.
3. *Focus on the Family*. "Sex, Lies & the Truth". Wheaton, EUA: Tyndale House Publishers, 1995, p. 55.
4. Tom Hess. "A Friend in Court". *Focus on the Family*, outubro de 1996, p. 4.
5. William Federer. *America's God and Country*. Coppel, TX-EUA: Fame Publishing, 1994, p. 235.
6. *Idem*, p. 608.
7. *Idem*, p. 82.
8. *Idem*, p. 83.

Capítulo 12

1. William Federer. *America's God and Country*. Coppel, TX-EUA: Fame Publishing, 1994, pp. 478, 479.
2. *Idem*, p. 405.
3. Revista *New Wine*. Outubro de 1986, p. 29.
4. William Federer. *America's God and Country*, pp. 676, 680.
5. George Grant & Mark Horne. *Unnatural Affections*. Franklin, TN-EUA: Legacy Communications, 1991, pp. 67, 68.

Capítulo 13

1. John Wimber. *Power Healing*. New York, NY-EUA: Harper & Row, 1987, p. 80.
2. *Idem*, pp. 227-229.

Capítulo 14

1. George Grant & Mark Horne. *Unnatural Affections*. Franklin, TN-EUA: Legacy Communications, 1991, p. 29.
2. Todo o testemunho foi traduzido e adaptado, com a devida permissão, do artigo "Jesus: The Father's Justice for the Sexually Broken", escrito por Andy Comiskey. O artigo foi publicado originalmente na revista *Equipping the Saints*, no outono de 1992.

www.juliosevero.com